

LIVRO III

A QUINTA-COLUNA NA RÚSSIA

XV — O ATALHO DA TRAIÇÃO	201
1. Rebelião entre os revolucionários — 2. A oposição de esquerda — 3. O atalho da traição — 4. A luta pelo poder — 5. Alma Ata.	
XVI — GÊNESE DE UMA QUINTA-COLUNA	229
1. Trotsky em Elba — 2. <i>Rendez-vous</i> em Berlim — 3. As três camadas.	
XVII — TRAIÇÃO E TERROR	253
1. A diplomacia da traição — 2. A diplomacia do terror.	
XVIII — CRIME NO KREMLIN	275
1. Yagoda — 2. O assassinio de Menjinsky — 3. Crime com garantia — 4. “Necessidade histórica”.	
XIX — DIAS DE DECISÃO	291
1. A guerra se aproxima do Ocidente — 2. Uma carta de Trotsky — 3. Um vôo, a Oslo — 4. Hora Zero.	
XX — O FIM DO ATALHO	313
1. Tukhachevsky — 2. O julgamento do Centro Paralelo Trotskista — 3. Ação em maio — 4. Final.	
XXI — ASSASSÍNIO NO MÉXICO	337

Do original norte-americano
THE GREAT CONSPIRACY

Tradução de
CARLOS ORTIZ

0365

MCMLIX

Direitos reservados
EDITORA BRASILIENSE
Rua Barão de Itapetininga, 93 - São Paulo

Impresso nos **ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**

MICHAEL SAYERS e ALBERT E. KAHN

A GRANDE CONSPIRAÇÃO

A GUERRA SECRETA
CONTRA
A RÚSSIA SOVIÉTICA

6.ª EDIÇÃO



EDITORA BRASILIENSE
SÃO PAULO
1959

Nenhum incidente ou diálogo deste livro foi inventado pelos autores. O material foi colhido de várias fontes de documentação que vêm indicadas no texto ou mencionadas no fim, entre as Notas Bibliográficas.

LIVRO III

A QUINTA-COLUNA
NA RÚSSIA

CAPÍTULO XV

O ATALHO DA TRAIÇÃO

1. Rebelião entre os revolucionários

Desde o momento em que Hitler tomou o poder na Alemanha, a contra-revolução internacional passou a constituir parte integrante do plano nazista de conquista mundial. Em todos os países, Hitler mobilizou as forças contra-revolucionárias que durante os quinze anos anteriores vinham sendo organizadas pelo mundo. Essas forças converteram-se então em quinta-colunas nazistas da Alemanha, organizações de traição, espionagem e terror. Essas quinta-colunas constituíram as vanguardas secretas da Wehrmacht alemã.

Uma das mais poderosas e importantes dessas organizações operava na Rússia Soviética. Era encabeçada por um homem talvez dos mais notáveis renegados políticos da história.

Seu nome era Leon Trotsky.

Quando nasceu o III Reich, Trotsky já era o líder de uma conspiração anti-soviética internacional com poderosas forças da União Soviética. Exilado, Trotsky estava conspirando para a derrubada do governo soviético, para seu regresso à Rússia e recuperação do poder pessoal que outrora detivera.

“Houve um tempo”, escreveu Winston Churchill em *Grandes Contemporâneos*, “em que Trotsky esteve intimamente ligado com o trono dos Romanovs.”

Em 1919-1920, a imprensa mundial apelidou Trotsky de “Napoleão Vermelho” Trotsky era comissário de Guerra. Trajado num longo sobretudo espalhafatosamente militar; de altas botas luzentes, pistola automática à cintura, percorria as fren-

tes de batalha fazendo inflamadas alocações aos soldados do Exército Vermelho. Converteu um trem blindado em seu Q. G. privado e protegeu-se pessoalmente com uma guarda armada especialmente uniformizada. Ele possuía a sua própria facção no comando do Exército, no Partido Bolchevique e no govêrno soviético. O trem de Trotsky, a guarda de Trotsky, os discursos de Trotsky, as atitudes de Trotsky — seu vasto cabelo preto e sua barbicha em ponta, seus olhos penetrantes atrás do *pince-nez* fulgurante — ficaram mundialmente famosos. Na Europa e nos E.U.A. as vitórias do Exército Vermelho eram tôdas creditadas ao “comando de Trotsky.”

Eis como Isaac F. Marcossou, correspondente americano no exterior, descrevia o comissário de Guerra Trotsky, dirigindo-se a uma de suas espetaculares assembléias de massas em Moscou:

“Trotsky fêz o que os artistas costumam chamar uma bela entrada... após uma demora, e no momento exatamente psicológico, emergiu dos bastidores e caminhou a passos rápidos, para o púlpito que se coloca para os oradores em tôdas as assembléias russas.

Mesmo antes de êle se dirigir para o estrado houve um tremor antecipado em todo o auditório. Poder-se-ia ouvir um sussurro: “Trotsky vom chegando...”

No estrado, sua voz era rica, profunda e eloqüente. Êle atraía e repelia; dominava e tiranizava. Êle era elementar, quase primitivo em seu fervor — uma máquina humana poderosíssima. Inundava os seus ouvintes com um Niágara de eloqüência, como eu jamais ouvi. Transbordavam dêle a vaidade e a arrogância.”

Após a sua dramática deportação da Rússia Soviética em 1929, os elementos anti-soviéticos do mundo forjaram um mito em tôrno de seu nome e da sua personalidade. De acôrdo com êsse mito, Trotsky era “o excepcional líder da revolução russa” e “inspirador de Lênin, seu mais íntimo camarada e lógico sucessor.”

Mas em fevereiro de 1917, um mês antes do colapso do czarismo, o próprio Lênin escreveu:

“O nome de Trotsky significava: Fraseologia de esquerda e bloco com a direita contra as aspirações da esquerda.”

Lénin chamou Trotsky o “Judas” da revolução russa (46.)

Os traidores fazem-se, não nascem. Como Benito Mussolini, Pierre Laval, Paul Joseph Goebbels, Jacques Doriot, Wang Ching-wei e outros notórios aventureiros dos tempos modernos, Leon Trotsky começou a sua carreira como elemento dissidente da extrema esquerda dentro do movimento revolucionário de sua terra natal.

Trotsky era pseudônimo. Lev Davidóvitch Bronstein, filho de pais prósperos da classe média, nasceu em Yanovka, pequena aldeia rural perto de Kherson na Rússia meridional, em 1879. Sua primeira ambição foi ser ator.

O jovem Trotsky começou trabalhando numa peça e surgiu nos salões literários de Odessa com suas botas de tacão alto, vestido de blusão azul de artista, uma palheta redonda na cabeça e trazendo uma bengala preta. Ainda quando estudante, associou-se a um grupo de radicais boêmios. Aos 18 anos, foi prêsso pela polícia czarista por estar distribuindo literatura subversiva e foi exilado para a Sibéria juntamente com centenas de outros estudantes revolucionários. Escapou da Sibéria no verão de 1902 e foi viver no estrangeiro, onde levaria a maior parte de sua vida como

(46) Eis alguns dos comentários periódicos feitos por Lénin com respeito a Trotsky e às suas atividades no movimento revolucionário russo: 1911. “Em 1903, Trotsky era menchevique; deixou-os em 1904; voltou ao ninho antigo em 1905, enchendo o tempo com frases ultra-revolucionárias; e novamente deu as costas aos mencheviques em 1906... Trotsky plagia hoje as idéias de uma facção, amanhã as de outra, e depois olha ambas de cima, com ar superior... Tenho a declarar que êle representa unicamente a sua própria facção.”

1911. “Pessoas como Trotsky, com suas frases empoladas... são hoje muito comuns... Quem apoia o grupo de Trotsky apoia a política de mentira e decepção dos trabalhadores... é a principal tarefa de Trotsky jogar areia nos olhos dos trabalhadores... não é possível discutir coisas verdadeiramente essenciais com Trotsky pois que êle não tem visão... nós o consideramos apenas como um diplomata da mais modesta condição.”

agitador e conspirador entre os emigrados russos e socialistas cosmopolitas nas capitais européias.

Durante os primeiros meses de 1903 Trotsky foi membro da redação de *Iskra*, órgão marxista que Lênin editava no exílio em Londres. Em seguida à divisão bolchevique-menchevique que foi efetuada no movimento marxista russo nesse verão, Trotsky filiou-se aos adversários políticos de Lênin, os mencheviques. O talento literário de Trotsky, sua oratória inflamada, sua personalidade dominadora e seu talento dramático granjearam-lhe a reputação de ser o mais brilhante e jovem agitador menchevique. Ele percorreu as colônias de estudantes radicais russos de Bruxelas, Paris, Liège, Suíça e Alemanha, atacando Lênin e os demais bolcheviques, que apelavam para um partido revolucionário disciplinado e altamente organizado para a luta contra o czarismo. Num panfleto intitulado "Nossas Tarefas Políticas", publicado em 1904, Trotsky acusou Lênin de tentar impor um "regime de caserna" aos radicais russos. Numa linguagem surpreendentemente semelhante à que ele usaria mais tarde em seus ataques contra Stálin, o jovem Trotsky denunciou Lênin como "líder da ala reacionária de nosso partido."

Em 1905, após a derrota czarista na guerra russo-japonesa, os trabalhadores e camponeses insurgiram-se na primeira e fracassada revolução russa. Trotsky correu para a Rússia e tornou-se membro influente do Soviote de S. Petersburgo controlado pelos mencheviques. Na atmosfera febril

1912. "Esse bloco é composto de falta de princípios, hipocrisia e frases vazias... Trotsky acoberta tudo isso com a fraseologia revolucionária que nada custa e nada o comprometo."

1913. "Os velhos participantes do movimento marxista na Rússia conhecem muito bem a personalidade de Trotsky e nem é agora a ocasião adequada para falarmos disso. Mas a nova geração de trabalhadores precisa conhecê-lo e precisamos falar dele... Tipos como esse são característicos como fragmentos da formação histórica de ontem, quando ainda dormia o movimento laborista de massas na Rússia."

1914. "O camarada Trotsky nunca possuiu uma opinião definitiva sobre uma única e séria questão marxista; sempre se insinuou nesta ou naquela brecha entre uma divergência ou outra, oscilando sempre de um para outro lado."

1915. "Trotsky... como sempre; discorda em princípio dos socialchavunistas, mas concorda com eles em tudo na prática."

de intriga, de intenso conflito político e de sensação do poder iminente, Trotsky achou o seu elemento. Aos 26 anos, êle saiu da experiência convencido de que estava destinado a ser o líder da revolução russa. Já falava de seu "destino" e de sua "intuição revolucionária." Anos depois, em *Minha Vida*, escreveu:

"Vim à Rússia em fevereiro de 1905; os outros líderes emigrados não chegaram antes de outubro e novembro. Entre os camaradas russos, não havia um de quem eu pudesse aprender alguma coisa. Ao contrário, eu tive de assumir o posto de meu próprio mestre... Em outubro, precipitei-me na gigantesca voragem que, pessoalmente falando, era o maior teste para a minha capacidade. Tive de tomar decisões sob o fogo. Não é necessário observar que as decisões me ocorriam de modo totalmente óbvio... Senti organicamente que tinham passado os meus anos de aprendizado... nos anos seguintes eu iria aprendendo como um mestre aprende, não como aprende um discípulo... Nenhum grande trabalho é possível sem intuição... Os acontecimentos de 1905 revelaram em mim, creio eu, essa intuição revolucionária e habilitaram-me a confiar nela durante a minha vida posterior... Conscientemente não posso, na apreciação da situação política, como um todo e em suas perspectivas revolucionárias, acusar-me de graves erros de julgamento."

De novo no estrangeiro, após a derrota da revolução de 1905, Trotsky montou o seu Q. G. político em Viena e, atacando Lênin como "candidato ao posto de ditador", lançou uma campanha de propaganda para edificar o seu próprio movimento e promover-se a si mesmo como "internacionalista revolucionário." De Viena, Trotsky locomoveu-se incansavelmente para a Rumânia, Suíça, França, Turquia, recrutando companheiros e formando ligações valiosas com socialistas e radicais esquerdistas europeus. Gradual e persistentemente, entre os mencheviques emigrados russos, social-revolucionários e intelectuais boêmios, Trotsky construiu uma reputação de principal rival de Lênin no movimento revolucionário russo.

“Tôda a construção do Leninismo”, escreveu Trotsky numa carta confidencial ao líder menchevique russo Tscheidze, aos 23 de fevereiro de 1913, “está atualmente edificada sôbre mentiras e contém os germes peçonhentos de sua própria desintegração.” Trotsky continuava dizendo ao seu companheiro menchevique que, na sua opinião, Lênin não passava de “um explorador profissional de todo o atraso do movimento do trabalhador russo.”

O colapso do regime do czar em março de 1917 encontrou Trotsky em Nova Iorque, editando um jornal radical russo, *Novy Mir* (Novo Mundo) em colaboração com seu amigo e adversário de Lênin, Nicolai Bukharin, um político ultra-esquerdista, emigrado russo que um observador descreveu como “um louro Machiavelli em jaqueta do couro.” (47.) Depressa Trotsky obteve passagem para a Rússia. Sua viagem foi interrompida quando as autoridades canadenses o detiveram em Halifax. Detido sob custódia por um mês, foi solto por solicitação do govêrno provisório russo e embarcou para Petrogrado.

O govêrno britânico decidira não deixar Trotsky voltar à Rússia. Conforme as memórias do agente britânico Bruce Lockhart, o serviço secreto britânico acreditava que seria possível utilizar-se das “dissensões entre Trotsky e Lênin...” (48.) Trotsky chegou a Petrogrado em maio. A princípio tentou

(47) Trotsky chegara aos E.U.A. apenas dois meses antes da queda do Czar, depois de ser expulso da França no fim do outono de 1916. Bukharin precedera-o nos E.U.A., vindo da Áustria.

(48) Nas suas memórias *Agente Britânico*, Bruce Lockhart acredita que o govêrno britânico a princípio cometeu um grave erro no modo de tratar Trotsky. Lockhart escreve: “Não tratamos Trotsky devidamente. No tempo da primeira revolução ele estêve exilado na América. Ele não era então nem menchevique nem bolchevique. Era aquilo que Lênin chamou: um trotskista — o que quer dizer, um individualista e um oportunista. Um revolucionário com temperamento de artista e indubitável coragem física e, como tal nunca fôra, nem seria, um bom homem de partido. Sua conduta anterior à primeira revolução incorrera na mais severa condenação de Lênin... Na primavera de 1917 Kerensky solicitou do govêrno britânico que facilitasse o regresso de Trotsky à Rússia... Como de costume em nossa atitude com a Rússia nós adotamos desastrosas meias-medidas. Trotsky foi tratado como criminoso. Em Halifax... foi internado num campo de concentração... Então, tendo despertado o seu ódio amargo, nós o autorizamos a regressar à Rússia.”

criar um partido revolucionário seu — um bloco composto de antigos emigrados e elementos da extrema esquerda de vários partidos radicais. Mas logo se viu claramente que não havia futuro algum para o movimento de Trotsky. O Partido Bolchevique tinha o apoio das massas revolucionárias.

Em agosto de 1917, Trotsky deu uma sensacional reviravolta política. Depois de 14 anos de oposição a Lênin e aos bolcheviques, solicitou seu ingresso como membro do Partido Bolchevique.

Lênin prevenira-se reiteradamente contra Trotsky e suas ambições pessoais; mas agora, na luta crucial para estabelecer o governo soviético, a política de Lênin apelava para uma frente única de todas as facções revolucionárias de todos os grupos e partidos. Trotsky era o intérprete de um grupo considerável. Fora da Rússia o seu nome era mais conhecido do que o de nenhum outro revolucionário russo, exceto Lênin. Além do que, os raros talentos de Trotsky como orador, agitador e organizador poderiam ser utilizados com grande proveito pelos bolcheviques. A inscrição de Trotsky como membro do Partido Bolchevique foi concedida.

Caracteristicamente, Trotsky fez uma entrada espetacular no Partido Bolchevique. Trouxe consigo para o Partido todo o seu séquito colorido de esquerdistas dissidentes. Como Lênin humoristicamente observou, "ora como se chegassem a termos com uma grande potência."

Trotsky tornou-se dirigente do Soviete de Petrogrado, no qual fizera a sua estréia revolucionária em 1905. Manteve-se nesse posto durante os dias decisivos que se seguiram. Quando o governo soviético se formou como uma coalizão de bolcheviques, social-revolucionários de esquerda e antigos mencheviques, Trotsky veio a ser o comissário do Exterior. Seu íntimo conhecimento de línguas estrangeiras e sua familiaridade com países estrangeiros indicaram-no para esse cargo.

2. A oposição de esquerda

A princípio como comissário do Exterior e depois como comissário de Guerra, Trotsky foi o principal intérprete da

chamada oposição de esquerda no Partido Bolchevique (49.) Embora pouco numerosos, os adversários eram oradores e organizadores talentosos. Tinham grandes relações fora do país, e entre os mencheviques e social-revolucionários na Rússia. Nos primeiros dias depois da Revolução eles detiveram importantes postos no exército, no corpo diplomático e nas instituições estatais executivas.

Trotsky dividiu a liderança da oposição com dois outros dissidentes radicais: Nicolai Bukharin, esbelto, "ideologista marxista", louro, apumado, que encabeçou o chamado grupo de "comunistas da esquerda", e Grigori Zinoviev, turbulento, eloquente agitador esquerdista, que liderou a sua própria seita, chamada "Zinovievista." Trotsky, Bukharin e Zinoviev freqüentemente disputavam entre si a propósito do questões de tática e por causa de rivalidades pessoais e ambições políticas em conflito, mas nos momentos cruciais agrupavam as suas forças em tentativas reiteradas para obter o controle do governo soviético.

(49) Quanto às atividades oposicionistas de Trotsky como comissário do Exterior durante a crise da Paz de Brest-Litovsk, veja-se o que foi dito anteriormente.

Após a sua remoção do posto de comissário do Exterior, Trotsky admitiu publicamente o erro de sua oposição a Lênin em Brest-Litovsk, e prontificou-se a cooperar sem restrições daí por diante. Foi-lhe dado um novo encargo que parecia adequado aos seus talentos de organizador e orador. Fizeram-no comissário do Guerra. A estratégia militar e o comando prático do Exército Vermelho estavam principalmente nas mãos de homens como Stálin, Frunze, Vorochilov, Kirov, Chors e Budenny. Confiando no parecer de alguns antigos "especialistas" czaristas que o cercavam, o comissário do Guerra Trotsky reiteradamente se opôs às decisões militares do Comitê Central Bolchevique e exibiu flagrantemente de suas atribuições. Em vários casos, unicamente a intervenção direta do Comitê Central impediu Trotsky de executar representantes e líderes militares bolcheviques no *front* pelo fato de terem objetado à sua conduta.

No verão de 1919 Trotsky assegurando que Koltchak não era mais uma ameaça a leste, propôs que se transportassem as forças do Exército Vermelho para a campanha contra Denikin no sul. Isso, acentuou Stálin, teria dado a Koltchak o tão almejado intervalo para respirar e a oportunidade de reorganizar e reequipar o seu exército, para lançar nova ofensiva. "Os Urais com suas instalações", declarou Stálin como representante militar do Comitê Central, "com a sua rede de ferrovias, não poderiam ser entregues nas mãos de Koltchak, pois ele poderia facilmente congrega os grandes fazendeiros dos arredores em torno dele e avançar sobre o Volga." O plano de Trotsky foi rejeitado pelo

Os companheiros de Trotsky pessoalmente eram: Yuri Pyatakov, filho radical de uma rica família ucraniana, que caíra sob a influência de Trotsky, na Europa; Karl Radek, brilhante jornalista polonês esquerdista e agitador que se associara com Trotsky na oposição a Lênin na Suíça; Nicolai Krestinsky, antigo advogado e ambicioso representante na Duma; Grigori Sokolnikov, jovem radical cosmopolita que ingressara no Ministério do Exterior Soviético sob os auspícios de Trotsky; e Cristiano Rakovsky, antigo e rico apoio financeiro dos socialistas rumenos, búlgaro de nascimento, que viveira na maior parte dos países europeus, doutorara-se em medicina na França e tornara-se um dos líderes do levante soviético ucraniano de 1918.

Além disso, como comissário de Guerra, Trotsky cercava-se de uma cliques de homens brutais e violentos que constituíam uma guarda especial, fanaticamente dedicada ao seu "líder." Um membro proeminente da facção militar de Trotsky foi Nicolai Murav, um homenzinho baixote e perverso,

Comitê Central, e ele não tomou mais parte na campanha do leste, que levou à derrota final as forças de Kolchak.

No outono de 1919 Trotsky esboçou um plano para uma campanha contra Denikin. Seu plano requeria uma marcha através das estepes do Don, região quase invia e infestada de bandos de contrarrevolucionários cossacos. Stálin, que fora enviado ao *Front Sul* pelo Comitê Central, rejeitou o plano de Trotsky e propôs em lugar dele que o Exército Vermelho avançasse através da Baía do Donetz com a sua densa rede ferroviária, suprimentos de carvão e população simpática de trabalhadores. O plano de Stálin foi aceito pelo Comitê Central. Trotsky foi removido do *Front Sul*, intimado a não interferir mais nas operações meridionais e "aconselhado" a não cruzar mais a linha de demarcação do *Front Sul*. Denikin foi derrotado de acordo com o plano de Stálin.

Entre os mais íntimos sócios do comissário de Guerra Trotsky, estava o ex-oficial czarista Coronel Vatzetis, que servia como comandante-chefe com Trotsky no *Front Oriental* contra Kolchak. As autoridades soviéticas descobriram que Vatzetis estava envolvido em intrigas contra o alto comando do Exército Vermelho. Vatzetis foi removido do seu posto. Em *Minha Vida*, Trotsky ofereceu esta curiosa apologia de seu antigo sócio: "... Vatzetis em seus momentos de inspiração promulgaria ordens como se não existisse o Soviete de Comissários e o Comitê Central Executivo... ele foi acusado de planos e ligações duvidosas e estava para ser demitido mas realmente não havia nada de sério em tais acusações. Talvez o rapaz, antes de dormir, se metesse a ler a biografia de Napoleão e confiasse depois os seus sonhos a dois ou três jovens oficiais."

comandante da guarnição militar de Moscou. A guarda pessoal de Trotsky incluía Ivan Smirnov, Sergei Mrachkovsky e Ephraim Dreitzer. O antigo terrorista social-revolucionário, Blumkin, assassino do Conde Mirbach, tornou-se chefe da guarda pessoal de Trotsky (50.)

Trotsky aliou-se também a numerosos ex-oficiais czaristas que estimava e a despeito das freqüentes admoestações do Partido Bolchevique colocou-os em postos militares importantes. Um ex-oficial czarista com quem Trotsky se relacionara intimamente em 1920, durante a campanha polonesa, foi Mikhail Nicolayovitch Tukhatchevsky, líder militar com aspirações napoleônicas.

O intuito da oposição de esquerda ora suplantar Lênin e tomar o poder na Rússia Soviética.

O grande problema que se antepôs aos revolucionários russos depois da derrota dos exércitos brancos e da intervenção foi o seguinte: o que fazer com o poder soviético? Trotsky, Bukharin e Zinoviev sustentaram que era impossível construir o socialismo na "Rússia atrasada." A oposição de esquerda desejava converter a revolução russa num reservatório de "revolução mundial", um centro mundial do qual se irradiaria a revolução nos demais países. Despida de sua "parolice ultra-revolucionária", como Lênin e Stálin freqüentemente indicaram, a oposição de esquerda o que realmente pretendia era uma luta violenta pelo poder, o "anarquismo boêmio" e, dentro da Rússia, uma ditadura militar sob o comissário de Guerra Trotsky e seus sócios.

O problema agravou-se no Congresso dos Sovietes em dezembro de 1920. Era o mais frio, o mais faminto e crucial ano da Revolução. O Congresso reuniu-se na Sala das Colunas em Moscou. A cidade estava recoberta de neve, enregelada, faminta e doente. Na grande sala, sem aque-

(50) Em abril de 1937, Trotsky disse o seguinte acêrca de sua ligação com o assassino Blumkin: "Ele foi membro de meu secretariado militar durante a guerra, e pessoalmente ligado a mim... Quanto ao seu passado — tinha êle um passado extraordinário. Foi membro da oposição social-revolucionária de esquerda e participou na insurreição contra os bolcheviques. Foi êle o homem que matou o embaixador alemão Mirbach... Eu o empreguei em meu secretariado militar e por tôda parte, quando eu precisava de um homem corajoso, Blumkin estava á minha disposição."

cimento porque faltava combustível, os delegados soviéticos se reuniram embrulhados em peles, cobertores e arminhos, tirando com o intenso frio de dezembro.

Lénin, ainda pálido e abatido com as conseqüências das balas envenenadas de Fanya Kaplan que por pouco não liquidaram com a sua vida em 1918, subiu ao estrado para dar a sua réplica à oposição de esquerda. Descreveu as terríveis condições da Rússia. Apelou para a união nacional para enfrentar as "incríveis dificuldades" da reorganização da vida social e econômica. Anunciou a Nova Política Econômica abolindo o rígido "comunismo de guerra" e restaurando em certa medida o capitalismo e o comércio privado na Rússia, abrindo o caminho para o começo da reconstrução. "Damos um passo atrás", disse Lénin, "para depois darmos dois à frente!"

Quando Lénin anunciou a "retirada temporária" representada pela Nova Política Econômica, Trotsky exclamou: "O cuco acaba de anunciar o fim do governo soviético!"

Mas Lénin acreditava que o trabalho do governo soviético apenas começava. E disse ao Congresso:

"Só quando o país estiver eletrificado, quando a indústria, a agricultura e os transportes forem estruturados em bases técnicas para a produção moderna em grande escala — somente aí nossa vitória será completa."

Havia um enorme mapa da Rússia no estrado. A um sinal de Lénin, acionou-se um interruptor e o mapa iluminou-se subitamente, mostrando ao Congresso como é que Lénin encarava o futuro do seu país. Luzes elétricas cintilavam no mapa em todos os sentidos, indicando aos delegados soviéticos, enregelados e famintos as futuras usinas, diques hidrelétricos e outros projetos dos quais torrentes de energia teriam de rolar para transformar a Velha Rússia numa nação socialista, moderna e industrializada. Houve um murmúrio de excitação, de aplausos e de incredulidade, que perpassou pela sala repleta e fria.

O amigo de Trotsky, Karl Radek, espreitou o espetáculo profético através de seus óculos grossos, sacudiu os ombros e cochichou: "Electro-ficção!" A graça de Radek tornou-se

um *slogan* trotskista. Bukharin disse que Lênin estava tentando enganar os camponeses e trabalhadores com a sua "tagarelice utópica sobre a eletricidade."

Fora da Rússia, os amigos e sustentáculos internacionais de Trotsky nos círculos comunistas de esquerda e socialistas acreditavam que o regime de Lênin estava condenado. Vários outros observadores também acreditavam que Trotsky e a oposição de esquerda estavam à beira do poder. O correspondente americano do exterior, Isaac F. Marcossou, relatou que Trotsky tinha "atrás de si os jovens comunistas, a maior parte dos oficiais e os soldados do Exército Vermelho." Mas o mundo exterior, como o próprio Trotsky, superestimava a sua força e popularidade.

Num esforço para conseguir apoio da massa, Trotsky, percorria o país, surgindo dramaticamente nas assembleias públicas, dirigindo discursos apaixonados, acusando os "velhos bolcheviques" de terem "degenerado" e apelando para a "moçada" para que apoiasse o seu movimento. Mas os soldados, trabalhadores e camponeses russos, recém-chegados de uma guerra vitoriosa contra os possíveis Napoleões brancos, não podiam de modo algum tolerar um "Napoleão Vermelho" surgido de suas próprias fileiras. Como escreveu Bernard Pares na sua *História da Rússia*, a respeito de Trotsky nessa época:

"Um agudo crítico que o conheceu na intimidade disse fielmente que Trotsky pela sua natureza e pelos seus métodos pertencia aos tempos pré-revolucionários. Os demagogos estavam ficando fora de moda..."

No X Congresso do Partido Bolchevique, em março de 1921, o Comitê Central assistido por Lênin aprovou uma resolução proscrevendo todas as "facções" no Partido como uma ameaça à unidade do movimento revolucionário. Daí em diante todos os líderes partidários teriam de submeter-se às decisões da maioria e à sua direção sob pena de serem expulsos do Partido. O Comitê Central especificamente admoestou o "camarada Trotsky" contra as suas "atividades facciosas" e declarou que "inimigos do Estado" aproveitando-se da confusão causada por essas atividades divisionistas, estavam penetrando no Partido e se denominando *trotskistas*. Nu-

merosos trotskistas importantes e outros oposicionistas de esquerda foram destituídos. O principal apoio militar de Trotsky, Nicolai Muralov, foi removido do comando da estratégica guarnição militar de Moscou e substituído pelo antigo bolchevique, Klementi Vorochilov.

No ano seguinte, em março de 1922, José Stálin foi eleito secretário-geral do Partido e responsabilizado pelo prosseguimento dos planos de Lénin.

Depois da dura admoestação do Partido e da destituição de seus companheiros, o séquito de Trotsky começou a se dissolver. Seu prestígio começou a declinar. A eleição de Stálin foi um golpe esmagador contra a ação de Trotsky no movimento do Partido.

O poder ia escorregando de suas mãos.

3. O atalho da traição

Desde o começo, a oposição de esquerda vinha operando em dois sentidos. Abertamente, em programas públicos, em seus jornais e salas de leitura, os oposicionistas levavam a sua propaganda ao povo. Atrás dos bastidores, eram pequenas conferências secretas de facção, com Trotsky, Bukharin, Zinoviev, Radek, Pyatakov e outros, que delineavam a estratégia geral e planejavam as táticas da oposição.

Com o seu movimento de oposição na base, Trotsky edificou uma organização conspirativa secreta na Rússia fundada no sistema dos "Cinco" que Reilly desenvolvera e que os social-revolucionários e outros conspiradores anti-soviéticos tinham adotado.

Em 1923, o movimento subterrâneo já era uma organização extensa e poderosa. Trotsky e seus companheiros fabricavam códigos, cifras e senhas para as suas comunicações ilegais. Montaram tipografias através de todo o país. Fundaram-se células trotskistas no exército, no corpo diplomático, nas instituições do Partido e do Estado.

Anos depois, Trotsky revelou que seu próprio filho, Leon Sedov, estivera envolvido na conspiração trotskista, que já vinha deixando de ser mera oposição política dentro do Par-

tido Bolchevique para emergir como uma guerra secreta contra o regime soviético.

"Em 1923", escreveu Trotsky em 1938 em seu panfleto, *Leon Sedov: Filho — Amigo — Lutador*, "Leon entregou-se ao trabalho de oposição... Então, aos 17 anos, começou a vida de um revolucionário inteiramente consciente. Apoderou-se depressa da arto do trabalho conspirativo, das reuniões ilegais, da publicação e distribuição secreta de documentos da oposição. O Komsomol (Organização da Juventude Comunista) desenvolveu rapidamente os seus próprios quadros de líderes da oposição."

Mas Trotsky fôra além do trabalho conspirativo dentro da Rússia Soviética...

No inverno de 1921-1922, o líder trotskista, ex-advogado, de olhos furtivos e escuros, Nicolai Krestinsky, tornou-se o embaixador soviético na Alemanha. No decorrer de suas atividades em Berlim, Krestinsky visitou o General Hans von Seeckt, comandante da guarda do Reich. Seeckt sabia pelo seu serviço de informações, que Krestinsky era trotskista. O general alemão deu a entender a Krestinsky que a guarda do Reich simpatizara com as aspirações da oposição russa dirigida pelo comissário de Guerra Trotsky.

Em Moscou, poucos meses depois, Krestinsky relatou a Trotsky o que lhe dissera o General Seeckt. Trotsky precisava desesperadamente de fundos para financiar a sua crescente organização subterrânea. Comunicou a Krestinsky que a oposição na Rússia precisava de aliados estrangeiros e devia estar preparada para unir-se com as potências amigas. A Alemanha, acrescentou Trotsky, não era inimiga da Rússia, e não havia probabilidade de um próximo embate entre ambas. Os alemães estavam fitando o ocidente, num ardente desejo de *révanche* contra a França e a Inglaterra. Os políticos de oposição na Rússia Soviética deviam preparar-se para tirar proveito dessa situação...

Quando Krestinsky regressou a Berlim em 1922 tinha instruções de Trotsky para "tirar vantagens de uma entrevista com Seeckt durante as negociações oficiais a fim de propor a êste que concedesse a Trotsky um subsídio regular para o desenvolvimento ilegal das atividades trotskistas."

Eis aqui, segundo as próprias palavras de Krestinsky, o que aconteceu:

“Eu propus a questão a Seeckt e mencionei a importância de 250.000 marcos-ouro. O General Seeckt, depois de consultar o seu assistente, o chefe do pessoal (Haase) concordou em princípio e fez a contra-proposta pretendendo obter certas informações importantes e confidenciais de caráter militar que lhe seriam transmitidas, embora não regularmente, por Trotsky, em Moscou, ou por seu intermédio. Acrescentou que necessitava de ajuda para obter vistos destinados a personagens que seriam enviados à União Soviética como espões. Esta contra-proposta do General Seeckt foi aceita e em 1923 efetuou-se o acôrdo (51.)

Aos 21 de janeiro de 1924, o criador e líder do Partido Bolchevique, Vladimir Hlitch Lé닌, morreu . . .

Trotsky estava no Cáucaso convalescendo de um violento ataque de influenza. Não foi a Moscou para os funerais de Lé닌, permanecendo na estação balneária de Sukhum.

“Em Sukhum eu passei longos dias deitado no terraço, em frente ao mar”, escreveu Trotsky em *Minha Vida*. “Embora fôsse janeiro, o sol estava quente e límpido . . . Enquanto eu me embestia do ar marítimo, assimilava em todo o meu ser a corteza de minha retidão histórica. . .”

4. A luta pelo poder

Imediatamente depois da morte de Lé닌, Trotsky declarou públicamente o seu desejo do poder. No Congresso do Partido em maio de 1924, Trotsky pediu que êle, e não Stálin, fôsse reconhecido como sucessor de Lé닌. Contra o parecer de seus próprios aliados, êle forçou eleitoralmente

(51) As referências e diálogos do livro III, a não ser que se declare o contrário no texto, com referência às atividades secretas dos trotskistas na Rússia, são extraídas do depoimento nos julgamentos realizados diante do Collegium Militar da Suprema Côrte da URSS em Moscou, em agosto de 1936, janeiro de 1937 e março de 1938. Os diálogos e incidentes que envolvem diretamente Trotsky e seu filho Sedov, a não ser que designe o contrário, são extraídos do depoimento dos acusados nesses julgamentos. Ver as Notas Bibliográficas.

a questão. Os 748 delegados bolcheviques no Congresso votaram unânimemente pela continuação de Stálin no Secretariado Geral, e a condenação da luta de Trotsky pelo poder pessoal. Era tão óbvio o repúdio popular de Trotsky que até mesmo Bukharin, Zinoviev e Kamenev foram compelidos a cerrar públicamente com a maioria e votar contra êle. Trotsky acusou-os furiosamente de o estarem “traíndo.” Mas poucos meses depois Trotsky e Zinoviev congregaram novamente as suas fôrças e formaram a “Nova Oposição.”

A Nova Oposição foi além de qualquer outra facção de sua espécie. Apelou públicamente por uma “nova liderança” na Rússia Soviética e reuniu tóda sorte de elementos descontentes e subversivos em uma campanha de âmbito nacional e numa luta política contra o govêrno soviético. Como escreveu o próprio Trotsky: “Na esteira dessa vanguarda, vinha a cauda de todos os carroiristas insatisfeitos, mal-aquinhoados e ressentidos.” Espiões, sabotadores da Torgprom, contra-revolucionários, terroristas, afluíram todos para as células da Nova Oposição. As células começaram a armazenar armas. Estava-se estruturando um exército trotskista secreto no solo soviético.

“Temos que visar muito longo”, comunicou Trotsky a Zinoviev e Kamenev, como êle recorda em *Minha Vida*: “Precisamos preparar-nos para uma luta séria e longa.”

De fora da Rússia, o Capitão Sidney George Reilly, do serviço secreto britânico, decidiu que era chegado o momento de lutar. O futuro ditador russo e títere britânico, Boris Savinkov, foi enviado para a Rússia nesse verão para preparar o esperado levante contra-revolucionário. Conforme Winston Churchill, que ajudou pessoalmente essa conspiração tomando parte nela, Savinkov estava em comunicação secreta com Trotsky. Nos *Grandes Contemporâneos*, Churchill escreveu: “Em junho de 1924, Kamenev e Trotsky convidaram definitivamente Savinkov para voltar.”

Nesse mesmo ano, o lugar-tenente de Trotsky, Christian Rakovsky, veio a ser embaixador soviético na Inglaterra. Rakovsky, que em 1937 Trotsky descrevia como “meu amigo, meu velho e genuíno amigo”, logo após a sua chegada foi visitado em Londres por dois oficiais do serviço britânico, Capitão Armstrong e Capitão Lockhart. O govêrno britânico a princípio recusara-se a aceitar representante soviético em

Londres. Segundo Rakovsky, os oficiais britânicos informaram-no:

“Sabe por que recebeu o seu *agrément* na Inglaterra? Soubemos de Mr. Eastman que o senhor pertence à facção de Trotsky, e que é muito ligado a êle. E unicamente em consideração a isso o serviço secreto consentiu em que o senhor fôsse acreditado embaixador neste país (52.)

Rakovsky regressou a Moscou poucos meses depois. Comunicou a Trotsky o que acontecera em Londres. O serviço secreto britânico, como o alemão, desejava estabelecer relações com a oposição.

(52) Essa declaração foi feita por Rakovsky durante seu depoimento perante o Collegium Militar da Suprema Corte da URSS, em março de 1938. No período a que se referia Rakovsky no ano de 1920, o autor e jornalista americano Max Eastman era o tradutor oficial dos trabalhos de Trotsky e disseminador influente da propaganda trotskista nos E.U.A. Foi Max Eastman quem primeiro publicou o chamado “Testamento de Lênin” ou “Vontade de Lênin”, que sustentou ser um documento autêntico escrito por Lênin em 1923 e que fôra segundo Eastman, “engavetado” por Stálin. O mencionado “Testamento” declarava que Trotsky era mais indicado para secretário geral do Partido Bolchevique do que Stálin. Em 1928, Eastman traduziu um trabalho de propaganda de Trotsky intitulado *A situação real na Rússia*. No suplemento à edição traduzida dêsse livro, Eastman incluiu o texto do chamado Testamento e escreveu acêrca de seu papel pessoal na oposição trotskista: “... para auxiliar o esforço militante da Oposição... eu publiquei a seguinte tradução do texto completo do Testamento no *N. Y. Times*, utilizando-me de dinheiro recebido para propaganda de idéias bolcheviques (i. é. trotskista).”

O próprio Trotsky admitiu a princípio que Lênin não deixara nenhum testamento. Em carta ao *New York Daily Worker* aos 8 de agosto de 1925, Trotsky escreveu:

“Quanto ao testamento, Lênin não deixou nada disso, e a verdadeira natureza de suas relações com o Partido assim como a natureza do próprio Partido tornavam semelhante testamento impossível por completo.

“A guisa de testamento, a imprensa menchevique e burguesa emigrada vem há muito citando uma das cartas de Lênin (completamente mutilada) que contém numerosos pareceres sôbre questões de organização.

“Tôda referência acêrca dêsse testamento é por conseguinte uma perversa invenção dirigida contra a vontade real de Lênin e dos interesses do partido que êle fundou.”

“É algo em que pensar”, disse Trotsky.

Poucos dias depois, Trotsky comunicou a Rakovsky que “seriam estabelecidas as relações com o serviço secreto britânico.” (53.)

O Capitão Reilly, preparando o seu derradeiro golpe contra a Rússia, escrevia à sua esposa: “Existe algo de interessante, novo e empolgante acontecendo na Rússia.” O agente de Reilly, o comandante E., oficial consular britânico, relatou que tinham sido estabelecidos contactos com o movimento de oposição na Rússia Soviética . . .

Mas nesse outono, depois de ter ido à Rússia Soviética para encontrar-se secretamente com os líderes da oposição, Reilly foi baleado por um guarda-fronteiras soviético.

Mas até hoje os propagandistas trotskistas monclonam o testamento de Lénin como um documento autêntico estabelecendo Trotsky como seu sucessor.

(53) Em 1926, Rakovsky foi transferido de seu posto em Londres para Paris. Ele viu Trotsky em Moscou antes de sua partida para a França. Trotsky lhe disse que a situação na Rússia se encaminhava para uma crise e que era necessário aproveitar todo recurso possível no estrangeiro. “Eu cheguei a uma conclusão”, comunicou Trotsky a Rakovsky, “é que devemos dar instruções aos nossos aliados no estrangeiro, aos embaixadores e representantes comerciais, para sondarem os círculos conservadores nos países capitalistas junto aos quais estão acreditados e verem até onde os trotskistas podem contar com o seu apoio.”

Chegando à França, Rakovsky começou a sondar os círculos reacionários franceses em auxílio da oposição trotskista. A França era então o centro da conspiração da Torgprom e o estado-maior francês chefiado por Foch e Pétain já estava considerando projetos de ataque contra a União Soviética. Posteriormente Rakovsky declarou acerca das “negociações que Trotsky me incumbiu de encaminhar”: “Eu me encontrei com o Deputado Nicole em Roye. Nicole é um grande proprietário de fábricas de tecidos de linho no norte, e pertence aos círculos republicanos de direita. Eu o interroguei sobre as oportunidades e perspectivas que havia para a oposição — se era possível negociar apoio no meio dos círculos capitalistas franceses agressivamente inclinados contra a URSS. Ele replicou: “É claro que sim, e isso em muito mais larga escala do que você pensa.” Mas isso, disse ele, dependeria principalmente de duas condições. A primeira seria que a oposição se tornasse com efeito uma força real, e a segunda, saber-se até onde a oposição faria concessões ao capital francês. A segunda conversação que tive em Paris foi em 1927, em setembro, com o Deputado Luís Dreyfus, grande cerealista. Devo dizer que tanto a conversação como as conclusões foram análogas às de Nicole.”

Poucos meses depois da morte de Reilly, Trotsky ativou o que êle mais tarde referiu em *Minha Vida*, a saber: "uma temperatura misteriosa" que os "médicos de Moscou" eram "incapazes" de explicar. Trotsky decidiu que era necessário ir à Alemanha. Em sua autobiografia êle recorda:

"O assunto de minha vinda ao exterior foi tratado no Secretariado Político, que declarou considerar minha viagem como extremamente perigosa, em vista da informação que possuía sôbre a situação política geral, mas deixou a mim a decisão final. A declaração vinha acompanhada de uma nota da OGPU indicando a inadmissibilidade de minha viagem. É possível que o Secretariado Político estivesse também apreensivo pela minha atuação no exterior para consolidar a oposição interior. Apesar de tudo, depois de consultar meus amigos, decidi ir."

Na Alemanha, conforme a sua própria narração, Trotsky permaneceu "numa clínica privada em Berlim", onde foi visitado por Nicolai Krestinsky, elemento de ligação de Trotsky com o serviço de informações militar alemão. Enquanto Trotsky e Krestinsky conferenciavam juntos no dispensário, um "inspetor de polícia" alemão, conforme Trotsky, apareceu subitamente e anunciou que a polícia secreta alemã estava tomando medidas extraordinárias para salvaguardar a vida de Trotsky, visto ter descoberto um *complot* para assassiná-lo.

Como consequência desse hábil ostratagema do serviço secreto, Trotsky e Krestinsky fecharam-se com a polícia secreta alemã durante várias horas...

Novo acôrdo foi efetuado nesse verão entre Trotsky e o serviço secreto militar alemão. Krestinsky definiu mais tarde os têrmos desse acôrdo:

"Nessa época nós já nos acostumáramos a receber somas regulares, em moeda corrente... Esse dinheiro era encaminhado para o trabalho trotskista que se desenvolvia no exterior em vários países, para publicidade e outras coisas mais... Em 1928, quando a luta dos trotskistas estrangeiros contra a liderança do Partido estava no seu ponto mais alto, tanto em Moscou

como em tôda parte... Seeckt... apresentou a proposta pela qual a informação de espionagem que lhe vinha sendo transmitida, não regularmente, mas de tempos a tempos, deveria assumir agora um caráter mais regular e, além disso, a organização trotskista deveria assegurar que no caso de assumir o poder durante uma possível nova guerra mundial levaria em conta as justas reivindicações da burguesia alemã, a saber, múltiplas concessões e a conclusão de vários tratados.

Depois de ter consultado Trotsky... eu respondi ao General Seeckt afirmativamente e nossa informação passou a ter um caráter mais sistemático, não apenas esporádico, como vinha tondo antes. Verbalmente, fizeram-se promessas com respeito a um futuro pacto de após-guerra.

... Continuamos a receber dinheiro. A partir de 1923 a 1930 recebemos anualmente 250.000 marcos-ouro alemães... ou seja, aproximadamente, um total de 2.000.000 de marcos-ouro."

Do volta a Moscou, após a sua viagem à Alemanha, Trotsky lançou uma campanha total contra o govêrno soviético. "Durante 1926, escrevo Trotsky em *Minha Vida*, "a luta partidária se desenvolveu com incessante intensidade. No outono a oposição fôz mesmo uma investida aberta nos locais de comícios partidários." Essas táticas falharam e despertaram grande ressentimento entre os trabalhadores que denunciaram as atividades divisionistas dos trotskistas. "A oposição", escreveu Trotsky, "foi obrigada a bater em retirada..."

Com a ameaça da guerra iminente à Rússia, no verão de 1927, Trotsky renovou seus ataques contra o govêrno soviético. Em Moscou, Trotsky declarou publicamente.

"Precisamos restaurar a tática de Clemenceau que, como é sabido, insurgiu-se contra o govêrno francês na ocasião em que os alemães estavam a 80 quilômetros de Paris!"

Stálin denunciou a declaração de Trotsky como uma traição. "Está-se formando algo semelhante a uma frente única de Chamberlain (54) e Trotsky", disse Stálin.

Mais de uma vez deliberou-se acêrca da oposição e de Trotsky. Num *referendum* geral de todos os membros do Partido Bolchevique, uma esmagadora maioria de 740.000 votos contra 4.000 repudiou a oposição trotskista e declarou-se a favor do govêrno de Stálin (55.)

Em *Minha Vida*, Trotsky descreve a frenética atividade que se seguiu à sua esmagadora derrota por ocasião do *referendum* geral: Organizaram-se comícios secretos em vários locais de Moscou e Leningrado, com a assistência de operários e estudantes de ambos os sexos, reunidos em grupos de 20, 100 e 200 para ouvir os representantes da oposição. No mesmo dia eu tinha que estar presente a dois, três o até quatro dêstes comícios... A oposição preparou habilmente um comício monstro na sala da Escola Técnica Superior, que foi literalmente ocupada. As tentativas do govêrno para impedir o comício foram ineficazes. Kamenev e eu falamos cêrca de duas horas."

Trotsky vinha preparando-se febrilmente para a próxima luta decisiva. Pelo fim do outubro, seus planos estavam feitos. Efetuar-se-ia um levante aos 7 do novembro de 1927, décimo aniversário da Revolução Bolchevique. Os mais resolutos companheiros de Trotsky, antigos membros da guar-

(54) Austin Chamberlain, Secretário do Exterior britânico, violentamente anti-soviético, então em exercício.

(55) 4.000 votos foi a maior força obtida pela oposição em todo o curso de sua agitação. A despeito da proscrição das "facções" e da insistência oficial pela unidade do partido, era assegurada pelo govêrno soviético uma surpreendente liberdade de debate, crítica e reunião aos opositoristas trotskistas. Especialmente depois da morte de Lênin, quando o país entrou num período de crise exterior e doméstica, Trotsky podia tirar proveito de sua situação para tentar construir um movimento de massa na Rússia Soviética em apoio de sua facção. A propaganda pública da oposição explorava toda espécie de argumento possível contra o regime soviético. A política social e econômica do govêrno de Stálin era submetida à crítica constante com *slogans* tais como "incompetência administrativa", "burocracia descontrolada", "ditadura de um homem e de um partido", "degenerescência do velho govêrno" e outras coisas assim. Nenhuma tentativa se fez para suprimir a agitação de Trotsky enquanto ela não se manifestou abertamente de maneira anti-soviética e ligada a forças reacionárias.

da do Exército Vermelho, deviam encabeçar a insurreição. Postaram-se destacamentos destinados a tomar os pontos estratégicos do país. A senha para o levante seria uma demonstração política contra o governo soviético durante a parada operária em Moscou na manhã de 7 de novembro. Em *Minha Vida*, Trotsky afirmou mais tarde:

“O grupo dirigente da oposição enfrentou êsse final com os olhos bem abertos. Convencemo-nos de que para transformar nossas idéias em patrimônio comum da nova geração, não o fariamos com diplomacia e evasão, mas unicamente por meio de uma luta aberta que não se esquivasse de nenhuma das conseqüências práticas. Defrontamo-nos com a derrota, confiantes, todavia, em que pavimentávamos o caminho para o triunfo de nossas idéias num futuro mais distante.”

A insurreição de Trotsky morreu quase no nascedouro. Na manhã de 7 de novembro, quando os trabalhadores marchavam pelas ruas de Moscou, foram atirados folhetos de propaganda trotskista do alto dos edifícios, anunciando o advento de um “novo governo.” Pequenos bandos de trotskistas irromperam subitamente nas ruas, agitando estandartes e cartazes. Escorraçaram-nos os trabalhadores irritados.

De 1924 a 1927, segundo as palavras de Sidney e Beatrice Webb, em *Comunismo Soviético — uma Nova Civilização?*, “seguiu-se o que pode parecer surpreendente para aqueles que acreditam que a URSS jaz em lamúrias debaixo de uma ditadura peremptória, a saber, três anos de incessante controvérsia pública. Esta tomou várias formas. Houve repetidos debates nos principais órgãos legislativos, tais como o Comitê Central Executivo (TSIK) do Congresso Geral dos Sovietes e o Comitê Central do Partido Comunista. Houve discussões acaloradas em muitos soviets locais, assim como nos órgãos partidários locais. Houve uma vasta literatura (oposicionista) de livros e panfletos, não impedida pela censura e publicada até mesmo nas editôras do Estado, e que atingiu, segundo alguém bem informado do assunto, a milhares de páginas impressas.” Os Webb acrescentaram que essa publicidade “foi finalmente autorizada pelo Plenum do Comitê Central do Partido em abril de 1925; outra decisão a ratificou, depois de grande discussão, na XIV e na XV Conferências do Partido em outubro de 1926 e dezembro de 1927” e “depois de tais decisões Trotsky persistiu em sua agitação procurando suscitar resistência; essa conduta tornou-se abertamente facciosa.”

As autoridades soviéticas agiram prontamente. Muralov, Smirnov, Mrachkovsky, Dreitzer e outros antigos membros da guarda militar de Trotsky foram imediatamente apanhados. Kamenev e Pyatakov foram presos em Moscou. Os agentes do governo deram busca nas tipografias secretas dos trotskistas e nos depósitos de armas. Zinoviev e Radek foram presos em Leningrado, para onde tinham ido organizar um *Putsch* que deveria estalar no mesmo dia. Um dos companheiros de Trotsky, o diplomata Joffe, que fôra embaixador no Japão, suicidou-se. Em muitos lugares os trotskistas foram presos em companhia de antigos oficiais brancos, terroristas social-revolucionários e agentes estrangeiros...

Trotsky foi expulso do Partido Bolchevique e exilado.

5. Alma Ata

Trotsky foi exilado para Alma Ata, capital da República Soviética de Kazakh, na Sibéria, perto da fronteira da China. Foi-lhe concedida uma casa para êle, sua espôsa e seu filho, Sedov. Trotsky foi tratado benignamente pelo governo soviético, que ignorava o escopo real e a significação de sua conspirata. Foi-lhe permitido reter alguns de seus guardas pessoais, inclusive o antigo oficial do Exército Vermelho, Ephraim Dreitzer. Foi autorizado a receber e enviar correspondência pessoal, a ter a sua própria biblioteca e "arquivos" confidenciais e a receber visitas de tempos a tempos de seus amigos e admiradores.

Mas o exílio de Trotsky de modo algum pôs térmo às suas atividades conspirativas...

Aos 27 de novembro de 1927, o mais sutil de todos os estrategistas trotskistas, o agente alemão e diplomata Nicolai Krestinsky, escreve uma carta confidencial a Trotsky, na qual estabelecia a estratégia a ser seguida pelos conspiradores comunistas nos próximos anos. Era absurdo, escrevia Krestinsky, para a oposição trotskista, continuar sua agitação aberta contra o governo soviético. Ao invés disso, os trotskistas deviam retornar ao Partido, assegurar posições-chave no governo soviético e continuar lutando pelo poder *de*

dentro do próprio govêrno. Os trotskistas, escreveu Krestinsky, devem procurar “lentamente, gradualmente, e com trabalho persistente dentro do Partido restaurar e reaver a confiança perdida no meio das massas e a influência sôbre elas.”

A sutil estratégia de Krestinsky agradou a Trotsky. Depressa baixou instruções, como revelou depois Krestinsky, aos companheiros presos e exilados para que “voltassem ao Partido”, “continuassem suas atividades em segredo” e “ocupassem os postos de responsabilidade mais ou menos independentes.” Pyatakov, Radek, Zinoviev, Kamenev e outros oposicionistas exilados passaram a acusar Trotsky, proclamando o “erro trágico” de sua oposição passada e pleitearam sua readmissão no Partido Bolchevique.

A casa de Trotsky em Alma Ata passou a ser o centro de intensa intriga anti-soviética. “A vida ideológica da oposição fervia como um caldeirão”, escreveu Trotsky mais tarde no panfleto *Leon Sedov: Filho-Amigo-Lutador*. De Alma Ata, Trotsky dirigia uma propaganda clandestina de âmbito nacional e a campanha subversiva contra o regime soviético (56.)

(56) Na ausência de Trotsky, a responsabilidade da direção das forças remanescentes da oposição passaram temporariamente para as mãos de Nicolai Bukharin que, discordando da direção de Trotsky, astutamente se recusara a tomar parte no desastrado *putsch*. Bukharin chegara a considerar-se a si mesmo, e não a Trotsky, como o líder fiel e o teórico da oposição. Na “Escola Marxista” especializada que dirigia em Moscou, Bukharin cercara-se de um grupo de “quadros”, como êle os chamava, recrutados entre jovens estudantes. Bukharin treinou numerosos desses estudantes na técnica da conspiração. Êle estava ainda em estreita ligação com membros da *intelligentsia* técnica que se aliara ao Partido Industrial. Prêviamente, Bukharin se denominara a si mesmo “comunista da esquerda”; agora, depois da queda de Trotsky, começara a formular princípios do que seria mais tarde denominado públicamente a oposição de direita.

Bukharin acreditava que Trotsky agira precipitadamente e que seu fracasso fôra devido, sobretudo, ao fato de êle não atuar em uníssono com as outras forças anti-soviéticas que operavam no país. A isso Bukharin propunha-se remediar com a sua oposição de direita. Em seguida à proscricção dos trotskistas, o primeiro Plano Quinquenal estava para se efetuar em larga escala. O país enfrentava dificuldades e tensões extremas. Juntamente com o funcionário público Alexei Rykov, e o líder sindical M. Tomsky, Bukharin organizou a oposição da direita dentro do Partido Bolchevique em cooperação secreta com os agentes da Torgprom e os mencheviques. A oposição de direita era baseada na franca oposição ao Plano Quinquenal. Por detrás dos bastidores

O filho de Trotsky, Leon Sedov, assumiu a direção do sistema de comunicação secreta pelo qual Trotsky se mantinha em contacto com seus próprios companheiros e outros opositoristas do país. Com pouco mais de 20 anos, possuidor de grande energia nervosa, experimentado e hábil conspirador, Sedov combinava um feroz apêgo às aspirações da oposição com um contínuo e amargo ressentimento contra a atitude egoísta e ditatorial de seu pai. Em *Leon Sedov: Filho-Amigo-Lutador*, Trotsky revelou o papel importante desempenhado por seu filho na supervisão do sistema de comunicação secreta de Alma Ata:

“No inverno de 1927... Leon completara seus 22 anos... Seu trabalho em Alma Ata, durante êsse ano, foi realmente incomparável. Nós o chamávamos o nosso ministro de Negócios Exteriores, ministro de Polícia e ministro de Comunicações. E para desempenhar tôdas essas funções êle tinha de confiar numa organização ilegal.”

Bukharin formulava o seu programa real em encontros conspirativos com os representantes de Trotsky, o com agentes de outras organizações subterrâneas.

• “Se o meu programa devesse ser formulado”, declarou Bukharin mais tarde “seria na esfera económica, capitalismo de Estado, prosperidade individual do mujique, reunião das granjas coletivas, concessões aos estrangeiros, abolição do monopólio do comércio exterior, e como resultado a — restauração do capitalismo no país... Dentro do país, nosso programa seria o *bloco* com os mencheviques, social-revolucionários e outros que tais... Uma escorregadura... no sentido político para onde indubitavelmente figuravam elementos do czarismo... elementos do fascismo.”

A nova linha política de Bukharin para a oposição atraiu um séquito de oficiais carreiristas altamente colocados na Rússia Soviética, que não tinham fé no sucesso do Plano Quinquenal. Os líderes das organizações de kulaks, que resistiam ferozmente à coletivização do campo, forneceram à oposição de direita de Bukharin os elementos de massa fundamentais que Trotsky tinha procurado em vão. Trotsky a princípio ressentiu-se com a liderança do movimento iniciada por Bukharin; mas depois de um breve período de rivalidades e de rixas mesmo, reconciliaram-se. A fase pública e “legal” da oposição de direita perdurou até novembro de 1929, quando um pleno do Comitê Central do Partido Bolchevique declarou que a propaganda das doutrinas das direitas era incompatível com a condição de membro do Partido. Bukharin, Pyatakov e Tomsky foram destituídos de suas posições oficiais.

Sedov servia de elemento de ligação com os estafetas secretos que traziam mensagens a Alma Ata e levavam de volta as "diretrizes" de Trotsky:

"Às vêzes chegavam de Moscou portadores especiais. Não era coisa simples o entendimento com êles. As ligações exteriores eram inteiramente confiadas a Leon. Êle tinha de sair de casa em noite chuvosa ou quando a neve caía pesadamente, iludindo a vigilância dos espões. Tinha de ocultar-se durante o dia para encontrar um estafeta numa casa de banhos ou no meio da espessura das searas nos limites da cidade, ou no mercado oriental, lugar onde os Kirghiz burburinhavam com seus cavalos, burros e mercadorias. E de cada vez regressava contente, com um brilho de conquista nos olhos e uma carga preciosa debaixo da roupa."

Quase "100 itens por semana" de caráter secreto passavam pelas mãos de Sedov. Além disso, grandes quantidades de material de propaganda e correspondência pessoal eram enviados por Trotsky de Alma Ata. Muitas das cartas continham "diretrizes" para seus companheiros, assim como propaganda anti-soviética. "Entre abril e outubro (1928)", gabava-se Trotsky, "nós recebemos aproximadamente 1.000 cartas políticas, documentos e cêrca de 700 telegramas. No mesmo período nós expedimos 500 telegramas e não menos de 800 cartas políticas..."

Em dezembro de 1928, um representante do governo soviético chegou em visita a Trotsky em Alma Ata, e comunicou-lhe segundo êste refere em *Minha Vida*: "O trabalho de vossos simpatizantes no país assumiu ultimamente um caráter claramente contra-revolucionário. As condições em que estais em Alma Ata dão-vos inteira oportunidade de dirigir êsses trabalhos..." O governo soviético desejava obter de Trotsky uma promessa de não prosseguir a sua atividade sediciosa. Sem o que, seria constrangido a tomar medidas severas contra êle como traidor. Trotsky recusou-se a ouvir a admoestação. Seu caso foi discutido e decidido em Moscou pela OGPU em 18 de janeiro de 1929, da forma seguinte:

“Considerado: o caso do cidadão Trotsky, Lev Davidovitch, sob o artigo 5810 do Código Criminal, acusado de atividade contra-revolucionária expressa na organização de um partido ilegal anti-soviético, atividade essa dirigida posteriormente em atos de provocação contra os Sovietes e na preparação de um levante armado contra o poder soviético.

Resolvido: deportar o cidadão Trotsky, Lev Davidovitch, do território da URSS.”

Na manhã de 22 de janeiro de 1929, Trotsky foi formalmente deportado da União Soviética.

Era o começo da fase mais extraordinária da carreira de Leon Trotsky.

“Exílio geralmente significa eclipse. Foi uma exceção o caso de Trotsky”, devia escrever mais tarde Isaac F. Marcossou em *Anos Turbulentos*: “Besouro humano quando ainda dentro dos confins soviéticos, sua ferroadada devoria tornar-se muito menos eficaz a milhares de milhas de distância. Mas na sua atividade remota tornou-se ele o inimigo número um da Rússia. Napoleão teve uma Santa Helena, onde acabou a sua carreira de perturbador europeu. Trotsky teve cinco Santas Helenas. Cada uma delas foi um ninho de intriga. Mestre da propaganda, ele passou a viver numa atmosfera fantástica de conspiração nacional e internacional, como numa trama misteriosa de E. Phillips Oppenheim.”

CAPÍTULO XVI

GÊNESE DE UMA QUINTA-COLUNA

1. Trotsky em Elba

Aos 13 de fevereiro de 1929, Leon Trotsky chegou a Constantinopla. Não chegou como um exilado político desacreditado. Chegou como um potentado em visita. Manchetes na imprensa mundial relataram o acontecimento. Correspondentes estrangeiros esperaram para saudar a lancha especial que o levou ao cais. Passando por âles, Trotsky dirigiu-se a um automóvel que o esperava guiado por um de seus guardas pessoais e foi conduzido dali para os seus apartamentos na cidade preparados de antemão.

Houve uma tempestade política na Turquia. Intérpretes pró-soviéticos pediram a expulsão de Trotsky; intérpretes anti-soviéticos saudaram-no como inimigo do regime soviético. O governo turco parecia indeciso. Houve rumores de pressão diplomática para conservar Trotsky na Turquia próximo às fronteiras soviéticas. Finalmente chegou-se a um compromisso: Trotsky permaneceria na Turquia mas não na Turquia. O "Napoleão Vermelho" obteve um asilo na ilha turca de Prinkipo. Trotsky, sua esposa e filho e alguns de seus guarda-costas partiram poucas semanas depois...

Em Prinkipo a ilha pitoresca do Mar Negro com que Woodrow Wilson sonhara para reunir uma conferência de paz aliado-soviética, o exilado Trotsky estabeleceu seu novo Q. G. político com seu filho Leon Sedov, seu principal ajudante e vice-comandante. "Em Prinkipo, entretanto, formara-se um novo grupo de jovens cooperadores de diferentes países em íntima colaboração com meu filho" escreveu Trotsky mais tarde. Uma estranha e frenética atmosfera de mis-

tério e de intriga circundava a pequena casa em que vivia Trotsky. A casa era exteriormente guardada por cães e guardas armados. Dentro a casa enxameava de aventureiros radicais da Rússia, Alemanha, Espanha e outros países que vinham encontrar-se com Trotsky em Prinkipo. Ele os chamava seus "secretários." Formavam uma como nova guarda de Trotsky. Era uma caudal constante de visitantes na casa: propagandistas anti-soviéticos, políticos, jornalistas e admiradores do heróico exilado e futuros "revolucionários mundiais." Os guarda-costas permaneciam fora da porta da biblioteca de Trotsky enquanto êle mantinha conferências privadas com renegados dos movimentos internacionais comunistas ou socialistas. De tempo a tempo suas visitas segredavam coisas. Agentes dos serviços secretos e outras pessoas misteriosas vinham para entendimento com Trotsky.

A princípio o chefe da guarda armada de Trotsky em Prinkipo foi Blumkin, o assassino social-revolucionário que seguira Trotsky com devoção canina até ao comêço de 1920. Posteriormente em 1930, Trotsky mandou-o de volta à Rússia Soviética em missão especial. Blumkin foi apanhado pela polícia soviética e julgado culpado de contrabandear armas e propaganda anti-soviética na URSS e foi fuzilado. Depois a guarda de Trotsky foi comandada por um francês Raymond Molinier e por um americano Sheldon Harte.

Cuidadosamente Trotsky procurou manter a sua reputação de "grande revolucionário" no exílio temporário. Êle tinha então 50 anos. Seu busto rechonchudo e ligeiramente recurvo ia tornando-se volumoso e flácido. Sua famosa cabeleira preta e sua barbicha em ponta tornaram-se grisalhas. Mas os seus movimentos ainda eram rápidos e impacientes. Seus olhos escuros atrás do inveterado *pince-nez* que brilhava em seu nariz afilado davam à sua feição sombria e móvel uma expressão de peculiar malevolência. Vários observadores sentiram repulsa ante a sua fisionomia mefistofélica. Outros encontravam na sua voz e nos seus olhos uma fascinação quase hipnótica.

Trotsky não perdeu ensejo de firmar a sua reputação fora da Rússia Soviética. Êle gostava de citar as palavras do anarquista francês, Proudhon: "Destino — rio-me de ti; e quanto aos homens são demasiado ignorantes, demasiado escravos para me aborrecer com êles." Mas antes de entre-

vistar-se com personagens importantes, Trotsky ensaiava cuidadosamente o seu papel e estudava até atitudes adequadas em frente ao espelho do seu quarto. Jornalistas que visitavam Prinkipo tinham de submeter os seus artigos à apreciação de Trotsky antes de serem publicados. Em conversação, Trotsky porejava a sua interminável efusão de asserções dogmáticas e invectivas anti-soviéticas, marcando cada sentença e atitude com a intonsidade teatral de um orador de massas.

O escritor liberal alemão, Emil Ludwig, entrevistou-o logo após a sua instalação em Prinkipo. Trotsky estava otimista. A Rússia estava diante de uma crise, disse ele: O Plano Quinquenal fora um fracasso; haveria desemprego *débacle* econômica e industrial; o programa de coletivização na agricultura tinha falhado; Stálin estava conduzindo o país para uma catástrofe; a oposição crescia...

— Quantos são os vossos companheiros na Rússia? — perguntou Ludwig.

Trotsky tornou-se súbitamente cauteloso. Agitou a mão gorducha, branca e polida. “É difícil calcular.” Sua gente estava “dispersa”, disse ele a Ludwig, trabalhando ilegal e “subterraneamente.”

• — Quando esperais voltar novamente à ação?

Ao que Trotsky depois de alguma consideração replicou: — Quando se apresentar alguma oportunidade do exterior. Talvez uma guerra ou uma nova intervenção européia — quando a debilidade do governo atuar como um estímulo! —

Winston Churchill ainda apaixonadamente interessado em toda fase da campanha anti-soviética mundial, fez um estudo especial do exilado de Prinkipo. “Jamais gostei de Trotsky” declarou Churchill em 1944. Mas sua audácia conspirativa, seus talentos oratórios e energia demoníaca agradavam ao temperamento aventureiro de Churchill. Resumindo os intuítos gerais da conspiração internacional de Trotsky desde que deixara o solo soviético, Churchill escreveu em *Grandes Contemporâneos*:

“Trotsky empenha-se em congregar o mundo subterrâneo europeu para derribar o Exército Russo.”

Por essa época ainda o correspondente americano, John Gunther visitou o Q. G. de Trotsky em Prinkipo. Falou com Trotsky e numerosos dos seus correligionários russos e europeus. Para surpresa de Gunther, Trotsky não se comportava como um exilado derrotado. Comportava-se mais como um monarca ou um ditador no govêrno. Gunther pensou em Napoleão em Elba — pouco antes do dramático regresso e dos Cem Dias. E escreveu:

“O movimento de Trotsky cresceu na maior parte da Europa. Em cada país existe um núcleo de agitadores trotskistas. Eles recebem ordens diretas de Prinkipo. Há uma espécie de comunicação entre os vários grupos por intermédio de suas publicações e manifestos mas muito especialmente por meio de cartas particulares. Os vários comitês centrais estão ligados a um Q. G. internacional em Berlim.”

Gunther tentou levar Trotsky a falar de sua IV Internacional, sôbre o que êle pretendia e que fizera a êsse respeito. Trotsky foi reservado nesse assunto. Num momento expansivo mostrou a Gunther numerosos “livros ocios” nos quais costumava esconder e transportar documentos secretos. Depois louvou as atividades de Adreas Nin na Espanha (57.)

Ele tinha ainda companheiros e simpatizantes influentes nos E.U.A. Falou de células trotskistas que vinham sendo fundadas na França, Noruega e Tcheco-Eslováquia. Suas atividades, comunicou Gunther, eram “semi-secretas.”

Gunther escreveu que Trotsky “perdera a Rússia ao menos por algum tempo. Ninguém sabe se a reconquistará em dez ou vinte anos.” O principal anelo de Trotsky era “manter sua organização e esperar a queda de Stálin na Rússia e enquanto isso empregar tôda energia possível para aperfeiçoá-la no estrangeiro.”

Só “uma coisa”, concluía Gunther, poderia permitir a volta de Trotsky à Rússia. Essa coisa era a morte de Stálin.

De Prinkipo, durante 1930-1931, Trotsky lançou uma extraordinária campanha de propaganda anti-soviética que pe-

(57) Ver adiante as ligações posteriores de Nin com a quinta-coluna fascista na Espanha.

netrou em todos os países. Era uma propaganda de tipo inteiramente novo, infinitamente mais sutil e desconcertante do que outra qualquer antes dirigida pelos cruzados antibolcheviques.

Os tempos tinham mudado. Depois da grande guerra, o mundo inteiro se tornara revolucionário, visto que não desejava a volta aos atalhos do passado que tinham acarretado tanta miséria e sofrimento. A contra-revolução incipiente do fascismo na Itália, fôra efetivamente promovida por seu fundador ex-socialista, Benito Mussolini, como a "Revolução Italiana." Na Alemanha, os nazistas conquistavam o apoio das massas, não só pela sua bandeira antibolchevique, mas também apresentando-se aos trabalhadores e camponeses alemães como *nacional-socialistas*. Já em 1930, Trotsky assenhoreara-se do processo de propaganda que Lênin denominara *slogans* ultra-revolucionários que nada lhe custam."

Agora, em escala mundial, Trotsky passou a desenvolver a técnica de propaganda que êle empregara originariamente contra Lênin e o Partido Bolchevique. Em inúmeros artigos, livros, panfletos e alocuções ultra-esquerdistas e de tonalidade radical, Trotsky começou a atacar o regime soviético e fazer apelos para a sua violenta derrocada — não por ser revolucionário êsse regime, mas por ser, como êle acentuava, "contra-revolucionário" e "reacionário."

Da noite para o dia, muitos dos antigos cruzados antibolcheviques abandonaram sua antiga linha de propaganda pró-czarista e abertamente contra-revolucionária, adotando a nova bandeira, marcadamente trotskista, de ataque à revolução russa "pela esquerda." Nos anos seguintes, até mesmo Lord Rothermere ou William Randolph Hearst passaram a acusar José Stálin de "traidor da Revolução."

O primeiro e maior trabalho da propaganda de Trotsky para introduzir essa nova linha anti-soviética de contra-revolução internacional foi a sua autobiografia melodramática e semifictícia intitulada *Minha Vida*. Publicada a princípio numa série de artigos anti-soviéticos de Trotsky em jornais europeus e americanos, seu intuito como livro era vilipendiar Stálin e a União Soviética, aumentar o prestígio do movimento trotskista e arvorar o mito de Trotsky como "revolucionário universal." Trotsky pintou-se a si próprio em *Minha*

Vida como o real inspirador e organizador da revolução russa, eliminado de seu devido lugar de líder russo por adversários "dolosos", "mediócras" e "asiáticos."

Agentes e publicistas anti-soviéticos imediatamente alçaram às nuvens o livro de Trotsky, apresentando-o como *best-seller* mundial em que se relatava a "história íntima" da revolução russa.

Adolfo Hitler leu a autobiografia de Trotsky logo depois de publicada. O biógrafo de Hitler, Konrad Heiden, relata em *Der Fuehrer* como o líder nazista surpreendeu um círculo de amigos seus em 1930, inflamando-se em louvores extáticos ao livro de Trotsky. "Brilhante!" exclamou Hitler, mostrando aos seus companheiros a *Minha Vida* de Trotsky. "Aprendi muita coisa neste livro, e vocês podem fazer o mesmo!"

O livro de Trotsky tornou-se rapidamente um livro de consulta dos serviços secretos anti-soviéticos. Foi aceito como guia básico de propaganda contra o regime. A polícia secreta japonesa fez dele a leitura compulsória dos comunistas japoneses e chineses presos, num esforço para abatê-los moralmente e convencê-los de que a Rússia Soviética traía a revolução chinesa e a causa pela qual eles vinham lutando. A Gestapo fez uso idêntico do livro...

Minha Vida foi apenas o tiro inicial da prodigiosa campanha de propaganda anti-soviética de Trotsky. Seguiram-se *A Revolução Traída*, *A Economia Soviética em Perigo*, *O Fracasso do Plano Quinquenal*, *Stálin e a Revolução Chinesa*, *A Escola de Falsificação de Stálin*, e inúmeros outros panfletos e artigos, muitos dos quais apareceram a princípio sob espalhafatosas manchetes nos jornais reacionários na Europa e na América. O *bureau* de Trotsky supriu a imprensa anti-soviética mundial com uma torrente ininterrupta de "revelações", "exposições" e "histórias íntimas" acêrca da Rússia.

Para consumo interno da União Soviética, Trotsky publicou seu *Boletim* oficial da Oposição. Impresso no estrangeiro, a princípio na Turquia, depois na Alemanha, França, Noruega e outros países, o *Boletim* não se destinava a atingir as massas soviéticas. Destinava-se aos diplomatas, funcionários de Estado, militares e intelectuais que tinham antes acompanhado Trotsky ou pareciam ter sido influenciados por êle. O *Boletim* continha também diretrizes para o trabalho

de propaganda dos trotskistas tanto dentro da Rússia como no exterior. Incessantemente, o *Boletim* carregava o quadro do futuro desastre do regime soviético, predizendo crises industriais, guerra civil reiniciada, e o colapso do Exército Vermelho ante o primeiro ataque de fora. O *Boletim* se utilizava hábilmente das dúvidas e ansiedades que despertavam nos elementos instáveis, confusos e insatisfeitos, as extremas tensões e dificuldades do período de construção. O *Boletim* apelava abertamente para tais elementos para que se insurgissem e praticassem atos de violência contra o governo soviético.

Eis alguns exemplos típicos da propaganda anti-soviética e apelos à derrocada violenta do regime soviético que Trotsky divulgou à larga pelo mundo nos anos que se seguiram à sua expulsão da URSS:

“A política do atual governo, o pequeno grupo de Stálin, está dirigindo o país a toda velocidade, a perigosas crises e colapsos. — Carta aos membros do Partido Comunista da União Soviética, março de 1930. A crise iminente da economia soviética, a lenda açucarada (de que se pode edificar o socialismo em um só país) e, não tenho razão para duvidar, disseminará muita morte... As funções da economia (soviética) sem reservas materiais e sem cálculo... a burocracia descontrolada ligaram o seu prestígio ao subsequente acúmulo de erros... uma crise está iminente (na União Soviética) com uma comitiva de conseqüências tais como o fechamento forçado de empresas e o desemprego. — Economia soviética em perigo, 1932.

O primeiro embato social, externo ou interno, arremessará numa guerra civil a sociedade soviética estilhaçada. — A União Soviética e a IV Internacional, 1933.

Seria infantil pensar que a burocracia de Stálin pode ser removida por meio de um congresso dos soviets ou do Partido. Não há meios normais, constitucionais para renovação da clique que governa... Eles só podem ser compelidos a entregar o poder à vanguarda proletária pela FORÇA — *Boletim da Oposição*, outubro de 1933.

As crises políticas convergem para a crise geral que está avançando. O assassinio de Kirov, 1935.

Dentro do Partido, Stálin colocou-se acima de toda crítica e do Estado. É impossível deslocá-lo, a não ser pelo assassinio. Todo opositor torna-se, *ipso facto*, um terrorista. — Declaração de uma entrevista com o *New York Evening Journal* de William Randolph Hearst, 26 de janeiro de 1937.

Podemos esperar que a União Soviética saia da próxima grande guerra sem derrota? A essa questão colocada francamente, respondemos francamente: Se a guerra fôr apenas uma guerra, a derrota da União Soviética será inevitável. Num sentido técnico, econômico e militar, o imperialismo é incomparavelmente mais forte. Se não fôr paralisado pela revolução no Ocidente, o imperialismo varrerá o presente regime. — Artigo no *American Mercury*, março de 1937.

A derrota da União Soviética é inevitável no caso da nova guerra não provocar uma nova revolução... Se admitirmos teoricamente guerra sem revolução, então a derrota da União Soviética é inevitável. — Depoimento em tribunal no México, abril de 1937.”

2. “Rendez-vous” em Berlim

Desde o momento em que Trotsky deixou o solo soviético, os agentes dos serviços secretos estrangeiros movimentaram-se ansiosos por tomarem contacto com êle e utilizarem-se de sua organização anti-soviética internacional. A *Defensiva* polonesa; a *Ovra* fascista italiana; o serviço secreto finlandês, os emigrados russo-brancos que dirigiam os serviços secretos anti-soviéticos na Rumania, Iugoslávia e Hungria, e elementos reacionários como o serviço secreto britânico e o *Deuxieme Bureau* francês prepararam-se para entendimentos com o “Inimigo Público Número Um da Rússia.” Havia fundos, assistentes, uma rede de serviços de espionagem e de correio à disposição de Trotsky para manter e estender suas atividades de propaganda anti-soviética internacional e para apoiar a reorganização de seu aparelho conspirativo dentro da Rússia Soviética.

O mais importante de tudo isso era a crescente intimidade de Trotsky com o serviço secreto militar alemão (Secção 1 1 1 B) que, sob o comando do Coronel Walther Nicolai, já estava colaborando com a promissora Gestapo de Heinrich Himmler.

Até 1930, o agente de Trotsky, Krestinsky, recebera aproximadamente 2.000.000 de marcos-ouro da Guarda do Reich Alemão para financiar atividades trotskistas na Rússia Soviética, em troca de dados de espionagem entregues ao serviço secreto militar alemão pelos trotskistas. Krestinsky revelou mais tarde:

“De 1923 a 1930 recebemos anualmente 250.000 marcos-ouro alemães, aproximadamente 2.000.000 de marcos-ouro. Até ao fim de 1927 as condições desse acôrdo foram encaminhadas várias vezes em Moscou. Depois disso, do fim de 1927 ao fim de 1928, no decurso de cerca de dez meses, houve uma interrupção na remessa desse dinheiro, pelo fato de o trotskismo ter sido desmantelado, ficando eu isolado, sem saber dos projetos de Trotsky e sem receber informações ou instruções d'ele... Isto continuou até outubro de 1928, quando recebi uma carta de Trotsky, que nessa ocasião estava exilado em Alma Ata... Essa carta continha instruções para que eu recebesse o dinheiro dos alemães, que êle propunha fôsse entregue a Maslow ou aos seus amigos franceses, isto é, Roemer, Madeline Paz e outros. Entrei em contacto com o General Seeckt. Nessa ocasião êle resignara e ainda não ocupava nenhum pôsto. Prontificou-se a falar sôbre o caso com Hammerstein e obter o dinheiro. Obteve-o. Hammerstein era nesse tempo o chefe do estado-maior da guarda do Reich, e em 1930 foi promovido a comandante-geral.”

Em 1930 Krestinsky foi designado como comissário-assistente do Ministério do Exterior e transferido de Berlim para Moscou. Sua remoção da Alemanha, juntamente com a crise interna que se ia operando dentro da guarda do Reich como resultado do crescente poder do nazismo, detiveram

novamente a caudal de dinheiro alemão para Trotsky. Mas êste já estava para entrar em novo e mais extenso acôrdo com o serviço secreto alemão.

Em fevereiro de 1931, o filho de Trotsky, Leon Sedov, alugou um apartamento em Berlim. De conformidade com o seu passaporte, Sedov era um "estudante" na Alemanha; aparentemente tinha chegado a Berlim para freqüentar um "instituto científico alemão." Mas havia razões mais urgentes para a presença de Sedov na capital alemã naquele ano...

Poucos meses antes, Trotsky tinha escrito um folheto intitulado *Alemanha: A Chave da Situação Internacional*. Cento e sete deputados nazistas tinham sido eleitos para o Reichstag. O Partido Nazista recebera 6.400.000 votos. Quando Sedov chegou a Berlim, havia um sentimento de expectativa e tensão febril na capital germânica. Milícias de camisas-pardas cantando o "Horst Wessel", desfilavam pelas ruas de Berlim, assaltavam lojas de judeus e davam batidas nas casas e clubes de liberais e trabalhadores. Os nazistas estavam confiantes. "Nunca em minha vida estive tão bem disposto, despreocupado e contente como naqueles dias" escreveu Adolfo Hitler nas páginas do *Voelkischer Beobachter*.

Oficialmente, a Alemanha ainda era uma democracia. O comércio entre a Alemanha e a Rússia Soviética estava no seu ponto alto. O governo soviético estava comprando maquinaria de firmas alemãs. Técnicos alemães vinham desempenhando tarefas importantes nos projetos soviéticos de mineração e eletrificação. Engenheiros soviéticos visitavam a Alemanha. Representantes comerciais soviéticos, negociantes e agentes comerciais viajavam continuamente entre Moscou e Berlim em tarefas ligadas com o Plano Quinquenal. Alguns desses cidadãos soviéticos eram companheiros ou antigos discípulos de Trotsky.

Sedov estava em Berlim como representante do pai, em missão conspirativa.

"Leon estava sempre à espreita", escreveu Trotsky mais tarde em seu folheto *Leon Sedov: Filho-Amigo-Lutador*, "procurando avidamente fios de contacto com a Rússia, à caça de turistas que regressavam, de estudantes comissionados no exterior, ou de funcionários simpatizantes nas representações estrangeiras." A principal tarefa de Sedov em Berlim era entrar em contacto com os antigos membros da oposição, co-

municar-lhes as instruções de Trotsky, ou coligir mensagens importantes para seu pai. “A fim de evitar comprometer seus informantes” e “para evadir aos espíões da OGPU”, escreveu Trotsky, “Sedov perdia horas a fio nas ruas de Berlim.”

Numerosos e importantes trotskistas tinham conseguido obter postos na Comissão de Comércio Exterior Soviético. Entre eles havia Ivan N. Smirnov, outrora oficial do Exército Vermelho e antigo membro dirigente da guarda de Trotsky. Depois de um curto período no exílio, Smirnov seguira a estratégia dos demais trotskistas, denunciando Trotsky e solicitando a sua readmissão no Partido Bolchevique. Como engenheiro profissional, Smirnov obteve logo um posto subalterno na indústria de transporte. No começo de 1931 Smirnov foi indicado como engenheiro-consultor de uma missão comercial que estava para seguir para Berlim.

Logo após a sua chegada em Berlim, Ivan Smirnov tomou contacto com Leon Sedov. Em reuniões clandestinas no apartamento de Sedov e nas cervejarias e cafés suburbanos distantes da cidade, Smirnov soube dos planos de Trotsky para a reorganização da oposição secreta em colaboração com agentes do serviço secreto alemão.

Daí em diante, comunicou Sedov a Smirnov, a luta contra o regime soviético devia assumir o caráter de uma ofensiva total. As antigas rivalidades e divergências políticas entre os trotskistas, bukharinistas, zinovievistas, mencheviques, social-revolucionários e outros grupos e facções anti-soviéticas deveriam ser esquecidas. Era preciso formar-se uma oposição única. Em segundo lugar, a luta assumiria daí por diante um caráter militante. Devia iniciar-se uma campanha nacional de terrorismo e sabotagem contra o regime soviético. Essa campanha tinha de ser elaborada com todos os seus pormenores. Por meio de golpes amplos e cuidadosamente sincronizados a oposição se habilitaria a derrubar o governo soviético no meio de uma desesperadora confusão e desmoralização. Então a oposição tomaria o poder.

A tarefa imediata de Smirnov era transmitir as instruções de Trotsky para reorganização do trabalho subterrâneo, preparativos para o terrorismo e sabotagem, aos membros mais fiéis da oposição em Moscou. Competia também a ele enviar “dados regulares” a Berlim — que seriam entregues a Sedov por intermédio de portadores trotskistas, dados que

Sedov confiaria a seu pai. A senha de identificação desses portadores seria: *Eu trouxe saudações de Galya*.

Sedov solicitou a Smirnov mais uma coisa enquanto estava em Berlim. Ele devia encontrar-se com o chefe de uma missão comercial soviética que chegara recentemente em Berlim o informar a êsse personagem que Sedov estava na cidade o desejava vê-lo para um assunto de extrema importância.

O chefe da missão comercial soviética que havia pouco chegara em Berlim era o antigo companheiro de Trotsky e seu mais devoto admirador, Yuri Leonodovitch Pyatakov.

Magro e alto, bem trajado, testa altamente chanfrada, rosto pálido e barbicha ruiva e polida, Pyatakov parecia mais um mestre-escola do que o veterano conspirador que era. Em 1927, após o pretendido *Putsch*, Pyatakov fôra o primeiro líder trotskista a romper com Trotsky e solicitar readmissão no Partido Bolchevique. Homem de extraordinária habilidade em direção e organização comercial, Pyatakov obteve várias tarefas nas indústrias soviéticas que se expandiam rapidamente, e isso mesmo quando ainda exilado na Sibéria. No fim de 1929, foi readmitido no Partido Bolchevique, para prova. Desempenhou uma série de cargos de direção em projetos de planificação industrial de transporte e produtos químicos. Em 1931, obteve um lugar no Supremo Conselho Econômico, a principal instituição soviética de planejamento; e nesse mesmo ano foi enviado a Berlim como chefe de uma missão especial para compra de equipamento industrial alemão para o govêrno soviético.

Segundo as instruções de Sedov, Ivan Smirnov procurou Pyatakov em seu escritório em Berlim. Smirnov contou que Leon Sedov estava em Berlim e tinha uma mensagem especial de Trotsky para êle. Poucos dias depois, Pyatakov encontrou-se com Sedov. Eis como êle próprio narrou o encontro:

“Há um café conhecido como “Am Zoo”, a pequena distância do Jardim Zoológico na praça. Fui para lá e vi Leon Sedov sentado a uma mesinha. Nós nos tínhamos conhecido perfeitamente no passado. Ele me disse que não falava em seu próprio nome, mas em nome de Trotsky, e que êste, sabendo que eu

estava em Berlim, dera-lhe ordens categóricas para me procurar, encontrar-se pessoalmente comigo e falar-me. Sedov disse que seu pai não abandonara por um momento sequer a idéia de retomar a luta contra o govêrno soviético, que tinha havido uma pausa temporária, devida em parte aos vaivéns de Trotsky de um país para outro, mas que essa luta estava para ser retomada, e disso êle, Trotsky, queria me informar... Depois Sedov perguntou-me à queimadura: "Trotsky pergunta a você Pyatakov, se tenciona ajudá-lo nessa luta." Dei-lhe o meu consentimento."

Então Sedov passou a informar Pyatakov acêrca das linhas segundo as quais Trotsky se propusera a reorganizar a oposição:

... Sedov continuou desenvolvendo a natureza e os novos métodos de luta: não se tratava de desenvolver uma simples luta de massas nem de organizar um movimento de massas; se adotássemos essa modalidade de trabalho fracassaríamos imediatamente; Trotsky estava firme na idéia de uma derrocada violenta do govêrno de Stálin por métodos terroristas e destrutivos. Sedov disse ainda que Trotsky chamara a atenção para o fato de ser um absurdo confinar essa luta a um só país, não sendo possível fugir ao caráter internacional da questão. Nessa luta temos de achar também a solução necessária para o problema internacional ou ao menos, para os problemas interestatais.

Quem quer que tente pôr de lado essas questões, disse Sedov, relatando palavras de Trotsky, assina o seu próprio *testimonium pauperatis*."

Seguiu-se logo uma segunda reunião entre Sedov e Pyatakov. Nessa ocasião Sedov lhe disse: "Você observa, Yuri Leonodovitch, que cada vez que se retoma a luta, é preciso dinheiro. Você pode providenciar os fundos necessários para a luta." Sedov informou Pyatakov como poderia fazê-lo. Na sua qualidade de representante comercial do govêrno so-

viético na Alemanha, Pyatakov podia comprar o que quisesse nas duas firmas alemãs Borsig e Demag. Pyatakov não seria “Muito exigente em matéria de preços” na realização desses negócios. Trotsky tinha um acordo com Borsig e Demag. “Você pagará preços mais altos”, disse Sedov, “mas esse dinheiro será encaminhado para os nossos trabalhos.” (58.)

Houve dois outros opositoristas secretos em Berlim em 1931, que Sedov pôs a trabalhar no novo aparelho trotskista. Eram eles Alexei Chestov, engenheiro da missão comercial de Pyatakov e Sergei Bessonov, membro da representação comercial da URSS em Berlim.

Bessonov, antigo social-revolucionário, era um homem possante, de aparência meiga, rosto moreno, que ia pelos seus quarenta. A representação comercial de Berlim, de que Bessonov era membro, era a agência comercial soviética mais central na Europa e dirigia negociações com dez países di-

(58) As firmas Borsig e Demag eram ligadas ao serviço secreto militar alemão. Negociando com essas firmas, Pyatakov podia colocar somas consideráveis à disposição de Trotsky. Uma testemunha independente, o engenheiro americano John D. Littlepage, observou pessoalmente os negócios de Pyatakov com as firmas alemãs. Littlepage, era empregado do governo soviético como perito em indústria de mineração de ouro e cobre. Numa série de artigos referentes às suas experiências na Rússia Soviética no *Saturday Evening Post* em janeiro de 1938, Littlepage escreveu: “Cheguei a Berlim no inverno de 1931 com uma grande comissão de compra chefiada por Pyatakov: minha tarefa era dar parecer técnico na compra de maquinaria de mineração...

“Entre outras coisas, a comissão em Berlim estava comprando algumas dúzias de guindastes de 100 a 1.000 cavalos... A comissão pediu orçamentos na base de *pfennings* por quilo. Depois de alguma discussão, as firmas alemãs Borsig e Demag!!... reduziram seus preços entre 5 e 6 *pfennings* por quilo. Quando eu estudei as propostas descobri que as firmas tinham substituído por ferro de várias toneladas o aço leve previsto nas especificações, o que reduziria o custo de produção por quilo, mas aumentaria o peso, e conseqüentemente o custo de venda.

“Naturalmente, fiquei satisfeito com a descoberta, e relatei o fato aos membros da comissão, com uma sensação de triunfo... O caso foi arrumado de sorte que Pyatakov pôde voltar a Moscou e mostrar que tinha sido muito feliz em conseguir a redução de preços tendo, porém ao mesmo tempo, despendido dinheiro com uma batelada de ferro inútil, o que habilitara os alemães a conceder-lhe pessoalmente rebates substanciais... E ele prosseguiu com as mesmas artimanhas em várias outras minas, apesar de eu o ter bloqueado daquela vez.”

ferentes. Ele estava, pois, idealmente habilitado a servir como "ponto de ligação", entre os trotskistas russos e seu líder exilado. Ficou combinado que as comunicações trotskistas secretas da Rússia seriam enviadas a Bessonov em Berlim, e este as confiaria a Sedov ou a Trotsky.

Alexei Chestov era um personagem diferente, e sua tarefa devia corresponder ao seu temperamento. Ele tornaria-se um dos principais organizadores das células de espionagem e sabotagem alemã-trotskista na Sibéria onde ele era membro do quadro do Truste Oriental e Siberiano de Carvão. Chestov estava no comêço de seus trinta anos. Em 1923, quando ainda estudante em Moscou, no Instituto de Mineração, Chestov ligara-se à oposição trotskista, e, em 1927

Posteriormente, Littlepage observou várias outras tentativas de sabotagem industrial nos Urais, onde por causa do trabalho de um engenheiro trotskista chamado Kabakov, a produção de certas minas caíra deliberadamente. Em 1937, narra Littlepage, Kabakov "foi preso sob acusação de sabotagem industrial... Quando ouvi falar da sua prisão, não me surpreendi." Outra vez, em 1937, Littlepage encontrou mais provas de sabotagem na indústria soviética dirigida pessoalmente por Pyatakov. O engenheiro americano reorganizara valiosas minas no sul de Kazakistan e deixara pormencionalizadas instruções escritas para os trabalhadores soviéticos seguirem a fim de assegurar-se o máximo rendimento de produção. "Pois bem", escreve Littlepage, "um dos meus derradeiros trabalhos na Rússia, em 1937, foi um chamado urgente para ir rever as mesmas minas... Milhares de toneladas de rico minério já tinham sido perdidas e, em poucas semanas, se não se tomassem providências urgentes, ter-se-ia perdido o depósito inteiro. Descobri que... chegara ali uma comissão do Q. G. de Pyatakov... Minhas instruções tinham sido atiradas ao fogo e fôra introduzido um sistema de mineração naquelas jazidas que certamente causaria dentro de poucos meses a perda de uma grande parte daquela riqueza mineral." Pouco antes de deixar a Rússia e após ter entregado às autoridades soviéticas um informe completo acerca desses acontecimentos, vários membros da rede de sabotagem trotskista foram presos. Littlepage achou que os sabotadores se tinham utilizado de suas instruções exatamente às avessas, "com o propósito deliberado de arruinar o plano" de produção. "Os sabotadores admitiram", afirmou Littlepage no *Saturday Evening Post*, "terem sido arrastados numa conspiração contra o regime de Stálin por opositoristas comunistas que os tinham convencido de que eram bastante fortes para derribar Stálin e seus companheiros e assenhorear-se do poder."

chefiara uma das tipografias secretas em Moscou. Jovem esbelto, olhos claros, possuidor de intensa e violenta disposição, Chestov acompanhou Trotsky com fanática devoção. “Encontrei-me várias vezes, pessoalmente, com Trotsky”, gabava-se êle com satisfação. Para Chestov, Trotsky era “o líder”, e era como quase invariavelmente se referia a êle.

Nosso papel não é espreitar e assobiar à espera de bom tempo — disse Sedov a Chestov quando se encontraram em Berlim. — Precisamos dar-nos com tôdas as nossas fôrças e meios à nossa disposição a uma política ativa de descrédito do govêrno de Stálin e da sua política.” Trotsky sustentava que “o único caminho certo, caminho difícil mas seguro era o da destituição violenta de Stálin e dos chefes do govêrno por meios terroristas.”

— Andamos às cegas — concordou prontamente Chestov.
— É necessário traçar um novo plano de luta!

Sedov disse a Chestov que conhecia um industrial alemão chamado Dehlmann que era diretor da firma Froelich-Kluepfel-Dehlmann. Muitos dos engenheiros dessa firma eram empregados das minas siberianas do este, onde trabalhava o próprio Chestov, que o conhecia de nome.

Sedov disse então a Chestov que êle tinha “de entrar em contacto com Dehlmann” antes de regressar à Rússia Soviética. A firma Dehlmann, explicou, poderia ser muito útil à organização trotskista para “solapar a economia soviética” na Sibéria. Herr Dehlmann já estava ajudando a contrabandear propaganda e agentes trotskistas na União Soviética. Em troca disso, Chestov poderia fornecer a Herr Dehlmann informações acêrca das novas minas e indústrias siberianas, nas quais o diretor alemão estava particularmente interessado...

— Você está-me aconselhando a entrar em entendimento com a firma? — perguntou Chestov.

— Que há de terrível nisso? — replicou o filho de Trotsky.
— Se êles nos estão prestando um favor, por que não lhes prestaríamos o de fornecer algumas informações?

— Você está propondo simplesmente que eu me torne um espião! — exclamou Chestov.

Sedov encolheu os ombros. — “É absurdo usar palavras como essa”, disse êle. Numa luta não é razoável ser tão melindroso assim. Se você aceita o terrorismo, se você aceita a destruição e solapamento da indústria, francamente não consigo entender como não possa concordar com o que lhe proponho.”

Poucos dias depois, Chestov viu Smirnov e contou-lhe o que dissera o filho de Trotsky. — “Sedov mandou-me estabelecer ligação com a firma de Froelich-Kluepfel-Dehlmann”, disse Chestov. “Brutalmente, êle me disse que estabelecesse ligação com uma firma empenhada em espionagem e sabotagem em Kuzbas. Nesse caso eu seria um espião e sabotador!”

— Deixe essas palavras bonitas *espião e sabotador!* exclamou Smirnov. — O tempo passa e é preciso agir... O que há de surpreendente para você quando se considera que é possível derribar o governo de Stálin mobilizando tôdas as forças contra-revolucionárias em Kuzbas? O que você acha de tão terrível em alistar agentes germânicos nosso trabalho?... Não há outro caminho. Temos de aceitá-lo.

Chestov calou-se. Smirnov perguntou-lhe: Qual a sua opinião?

— Não tenho opinião pessoal — disse Chestov. — Faço como o nosso líder Trotsky nos ensinou — presto atenção e aguardo ordens!

Antes de deixar Berlim, Chestov encontrou-se com Herr Dehlmann, diretor da firma alemã que financiava Trotsky. Chestov foi recrutado, sob o nome em código de “Alyosha”, no serviço secreto militar alemão. Chestov declarou depois:

“Encontrei-me com o diretor dessa firma, Dehlmann, e o seu assistente Koch. A essência da palestra com os chefes da firma Froelich-Kluepfel-Dehlmann foi a seguinte: primeiro, suprimento de informações secretas, por meio de representantes dessa firma que trabalhavam na Bacia de Kuznetsk e organização de um trabalho de destruição e divisão juntamente com os trostkistas. Foi dito que a firma, em troca disso, ajudar-nos-ia e enviaria mais gente,

se nossa organização o requisitasse... Eles ajudariam de todo modo os trotskistas na escalada ao poder (59.)

De volta à Rússia Soviética, Chestov trouxe uma carta, que Sedov lhe tinha entregado para Pyatakov, que regressara a Moscou. Chestov escondeu a carta na sola de um de seus sapatos. Entregou-a a Pyatakov no Comissariado da Indústria Pesada. A carta era do próprio Trotsky, escrita em Prinkipo. Delineava as "tarefas imediatas" da oposição na Rússia Soviética.

A primeira tarefa era "utilizar-se de todos os meios possíveis para derrubar Stálin e seus sócios." Isto significava terrorismo.

A segunda tarefa era "unir tôdas as fôrças anti-stalinistas." Isso significava colaboração com o serviço secreto alemão e com qualquer outra fôrça anti-soviética que quisesse trabalhar juntamente com a oposição.

A terceira tarefa era "torpedear tôdas as medidas do governo soviético e do Partido, particularmente no campo econômico." Isso significava sabotagem.

Pyatakov devia ser o principal lugar-tenente de Trotsky responsável pelo trabalho conspirativo dentro da Rússia Soviética.

3. As três camadas

No decurso de 1932, a quinta-coluna futura da Rússia começou a tomar forma no subsolo da oposição. Em pequenas reuniões e conferências secretas, os membros da conspiração estavam informando-se da nova linha e instruíam-se

(59) Os alemães interessavam-se particularmente pela nova base industrial que Stálin vinha construindo na Sibéria ocidental mais remota e nos Urais. Essa base estava fora do alcance dos aviões e, no caso de uma guerra, poderia oferecer vantagem maior para o Soviete. Os alemães desejavam penetrar nessa base por intermédio de espíões sabotadores. Borsig, Demag e Froelich-Kluepfel-Dehlmann, que tinham contratos com o governo soviético e o estavam suprindo com maquinaria e assistência técnica para o Plano Quinquenal foram utilizados

acêrca de suas novas tarefas. Uma rêde de células terroristas, células de sabotagem e sistemas postais estava-se estendendo na Rússia Soviética. Em Moscou e Leningrado, no Cáucaso e na Sibéria, nos Donbas e nos Urais, os organizadores trotskistas dirigiam reuniões secretas mescladas de inimigos mortais do regime soviético — social-revolucionários, mencheviques, esquerdistas, direitistas, nacionalistas, anarquistas, fascistas e monarquistas russo-brancos. A mensagem de Trotsky divulgara-se por todo o subsolo aceso de oposicionistas, de espíões e agentes secretos; estava em andamento uma nova ofensiva contra o regime soviético.

O apêlo enfático de Trotsky para a preparação de atos de terrorismo a princípio alarmou alguns dos antigos intelectuais trotskistas. O jornalista Karl Radek deu mostras de pânico quando Pyatakov lhe comunicou a nova linha. Em fevereiro de 1932, Radek recebeu uma carta pessoal do Trotsky, transmitida como tôdas as comunicações do caráter confidencial dos trotskistas, por correio secreto.

como ligações pelo serviço secreto militar alemão. Espíões e sabotadores alemães foram enviados à Rússia feitos "engenheiros" e "especialistas."

O serviço secreto militar alemão recrutou também agentes entre os engenheiros soviéticos na Alemanha, susceptíveis à ameaça ou ao subórno. Um engenheiro soviético Mikhail Strollov, recrutado como espião alemão em Berlim em dezembro de 1930 e depois aproveitado na organização trotskista na Sibéria, comunicou à Còrte Soviética após sua prisão em 1937:

"O caso começou gradualmente com meu oncontro com (o espião alemão) von Berg... Ele falava russo excelentemente, pois vivera na Rússia, em Petersburgo, 15 ou 20 anos antes da revolução. Esse homem visitou o *bureau* técnico por várias vèzes e falou comigo sôbre assuntos de negócios, particularmente sôbre ligas pesadas manufaturadas pela firma de Walram... Berg aconselhou-me a ler a *Minha Vida* de Trotsky... Em Novosibirsk, especialistas alemães começaram a se aproximar de mim com a senha combinada. Até ao fim de 1934 seis homens vieram ver-me: Sommeregger, Wurm, Baumgarten, Maas Hauer e Flessa ("engenheiros" empregados pela firma alemã Froelich-Kluepfel-Dehlmann)... Meu primeiro relatório, feito em janeiro de 1932, por intermédio do engenheiro Flessa, e relatando o vasto plano de desenvolvimento da Bacia de Kuznetsk, era com efeito espionagem. Recebi instruções... para passar a atos destrutivos e sabotagem decisiva... o plano dessas atividades fôra esboçado pela organização trotskista oeste-siberiana."

“Você deve ter em mente”, escreveu Trotsky ao seu companheiro hesitante, “a experiência do período precedente e ver que para vocês não pode haver possibilidade de retorno ao passado, que a luta entrou em uma nova fase e que a nossa posição nessa fase consiste ou em sermos destruídos juntamente com a União Soviética, ou levarmos a cabo a questão da destituição do govêrno.”

A carta de Trotsky, juntamente com a insistência de Pyatakov, finalmente convenceram Radek. Ele concordou e aceitou a nova linha — terrorismo, sabotagem e colaboração com “potências estrangeiras.”

Entre os mais ativos organizadores de células terroristas que vinham sendo edificadas na União Soviética, figurava Ivan Smirnov e seus velhos camaradas da guarda de Trotsky: Sergei Mrachkovsky e Ephraim Dreitzer.

Sob a direção de Smirnov, Mrachkovsky e Dreitzer começaram a formar pequenos grupos de pistoleiros profissionais e antigos trotskistas da guerra civil, prontos para métodos violentos.

“As esperanças que depositamos no colapso da política do Partido”, disse Mrachkovsky a um desses grupos terroristas em Moscou em 1932, “devem ser consideradas como ultrapassadas. Os métodos de luta usados até aqui não produziram resultados positivos. Resta apenas um caminho de luta, e é a remoção do govêrno do Partido pela violência. Stálin e os demais líderes precisam ser destituídos. Essa, a tarefa principal!”

Enquanto isso, Pyatakov empenhava-se em procurar conspiradores nas indústrias-chave, especialmente nas de guerra e transportes, recrutando-os para a campanha de sabotagem total que Trotsky desejava lançar contra a economia soviética.

Pelo verão de 1932, discutiu-se entre Pyatakov, como lugar-tenente de Trotsky na Rússia, e Bukharin, líder da oposição de direita, um acôrdo para suspender as rivalidades e diferenças passadas, e realizar trabalho conjunto sob o comando supremo de Trotsky. O grupo menor chefiado pelos opositoristas veteranos, Zinoviev e Kamenev, concordou com subordinar as suas atividades à autoridade de Trotsky. Descrevendo as agitadas negociações que se vinham efetuando entre os conspiradores nessa época, Bukharin disse mais tarde:

“Tive encontros com Pyatakov, Tomsky e Rykov. Rykov teve encontros com Kamenev, Zinoviev e Pyatakov. No verão de 1932 tive outra conversação com Pyatakov no Comissariado do Povo da Indústria Pesada. Nessa ocasião isso era coisa simples para mim, visto que eu estava trabalhando sob a direção de Pyatakov. Nesse tempo êle era meu chefe. Eu tinha de ir ao seu escritório em exercício da profissão, e podia fazê-lo sem suscitar suspeitas...

Neste segundo encontro, no verão de 1932, Pyatakov falou-me de sua entrevista com Sedov a respeito da política de terrorismo de Trotsky... decidimos que devíamos ter uma linguagem comum e que nossas divergências na luta contra o poder soviético tinham de ser sobrepujadas.”

As negociações finais foram concluídas no outono em uma reunião secreta realizada numa casa de campo, deserta, nos arredores de Moscou. Os conspiradores puseram sentinelas em redor da casa e ao longo dos caminhos, para se assegurarem contra qualquer surpresa e garantir absoluto sigilo. Nessa reunião estruturou-se algo parecido com um alto comando das forças combinadas de oposição, para dirigir as próximas campanhas de terror e sabotagem na União Soviética. Esse alto comando da oposição foi chamado “Bloco das Direitas e Trotskistas.” Foi constituído de três níveis ou camadas diferentes. Se uma das camadas falhasse, as outras prosseguiriam.

A primeira camada, o *Centro Terrorista Trotskista-Zinovievista*, chefiado por Zinoviev, era responsável pela organização e direção do terrorismo.

A segunda camada, o *Centro Paralelo Trotskista*, chefiado por Pyatakov, era responsável pela organização e direção da sabotagem.

A terceira camada, mais importante das três, o *Bloco das Direitas e Trotskistas*, chefiado por Bukharin e Krestinsky, compreendia a maior parte dos líderes e membros altamente colocados das forças conjugadas de oposição.

O efetivo da organização não ia além de poucos milhares de membros e uns vinte ou trinta líderes que detinham postos

de autoridade no Exército, Ministério do Exterior, serviço secreto, indústria, sindicatos, cargos do Partido e do governo.

Desde o começo, o Bloco das Direitas e Trotskistas foi penetrado por agentes pagos dos serviços secretos exteriores e dirigidos por eles, especialmente por agentes do serviço secreto alemão. Eis alguns dos agentes estrangeiros que foram membros influentes no novo bloco conspirativo:

Nikolai Krestinsky, trotskista e comissário assistente dos Negócios Exteriores, foi agente do S.S.M. alemão desde 1923, quando, pela primeira vez empreendeu tarefas de espionagem do General Hans von Seeckt.

Arkady Rosengoltz, trotskista e comissário do Comércio Exterior, desempenhou tarefas de espionagem para o alto comando alemão desde 1923. "Minhas atividades de espionagem começaram já em 1923", relatou mais tarde o próprio Rosengoltz, "quando, por instruções de Trotsky, confiei várias informações secretas ao comandante-chefe da Guarda do Reich, Seeckt, e ao chefe do estado-maior alemão, Hasse." Em 1926, Rosengoltz começou a trabalhar para a S.S. britânica, mantendo, embora as suas ligações com a Alemanha.

Christian Rakovsky, trotskista e antigo embaixador na Grã-Bretanha e França, agente do S. S. britânico desde 1924. Nas palavras do próprio Rakovsky: "Eu estabeleci ligações criminosas com o S.S.B. em 1924." Em 1934, Rakovsky tornou-se também agente do S.S. japonês.

Stanislav Katalichak, trotskista e chefe da administração central da Indústria Química, agente do S.S.M. alemão. Ele fôra enviado à Rússia pelos alemães imediatamente depois da Revolução. Desincumbiu-se de atividades de espionagem e sabotagem nas indústrias que o governo soviético vinha edificando nos Urais.

Ivan Hrasche, trotskista, gerente na indústria química soviética, entrou na Rússia como espião do S. S. tcheco em 1919, disfarçado em prisioneiro de guerra russo que regressava à pátria. Hrasche tornou-se agente do S.S. alemão.

Alexei Chestov, trotskista, membro do quadro do Truste Oriental e Siberiano de Carvão, tornou-se agente do S.S. alemão em 1931, trabalhando para ele na firma alemã de Froelich-Kluepfel-Dehlmann e desempenhando tarefas de espionagem e sabotagem na Sibéria.

Gavrill Puchin, trotskista, diretor dos Serviços Químicos de Gorlovka, tornou-se agente do S.S.M. alemão em 1935. Segundo a sua própria confissão posterior às autoridades soviéticas, ele forneceu aos alemães: (1) plantas de todas as empresas químicas soviéticas durante 1934; (2) o programa de trabalho de todas as empresas químicas soviéticas durante 1935; (3) o projeto de construção das fábricas de nitrogênio compreendendo trabalhos de construção até 1938."

Ykov Licichitz, trotskista e funcionário da Comissão Ferroviária do Extremo Oriente Soviético, foi agente do S.S.M. japonês e transmitia regularmente ao Japão informações secretas referentes às estradas de ferro soviéticas.

Ican Knyazec, trotskista, diretor do sistema ferroviário nos Urais; agente do S.S. japonês. Sob a supervisão deste desincumbiu-se de atividades de sabotagem nos Urais e informou o alto comando japonês acerca do sistema soviético de transporte.

Yosif Turok, trotskista e diretor-gerente do Departamento do Tráfego na E. F. de Perm e dos Urais; agente do S.S. japonês. Em 1935 Turok recebeu 35.000 rublos dos japoneses em paga de tarefas de espionagem e sabotagem realizadas nos Urais.

Mikhail Chernov, membro das direitas. Comissário do Povo de Agricultura na URSS, agente do S.S.M. alemão desde 1928. Sob a supervisão dos alemães, Chernov desempenhou extensas atividades de sabotagem e espionagem na Ucrânia.

Vasily Charangovitch, membro das direitas, secretário do Comitê Central do Partido Comunista da Bielo-Rússia, fôra enviado à Rússia Soviética como espião polonês em 1921. Durante os anos seguintes continuou a trabalhar supervisionado pelo S.S. polonês, fornecendo dados de espionagem e desenvolvendo atividades de sabotagem na Bielo-Rússia.

Grigori Grinko, membro das direitas e funcionário do Comissariado do Povo das Finanças; agente do S. S. alemão e do polonês desde 1932. Era líder do movimento nacionalista fascista ucraniano, auxiliou o contrabando de armas e munições na União Soviética e desempenhou serviços de espionagem e sabotagem para os alemães e poloneses.

O aparelho conspirativo dos trotskistas, das direitas e zinovievistas era, com efeito, a quinta-coluna do Eixo na Rússia Soviética.

CAPÍTULO XVII

TRAIÇÃO E TERROR

I. A diplomacia da traição

Nos anos de 1933-1934, um misterioso mal-estar parecia apoderar-se das nações da Europa. Uns após outros, os países eram todos sacudidos por golpes de estado. *Putschs* militares, sabotagem, assassínios, revelações inesperadas de cabalarias e conspiratas. Dificilmente passava um mês sem algum novo ato de atrocidade e violência. Uma epidemia de traição e terror grassava na Europa.

A Alemanha nazista era o centro de infecção. Aos 11 de janeiro de 1934, um despacho da United Press comunicou de Londres: "Com a Alemanha nazista como centro dos novos movimentos fascistas, os que acreditavam que a velha forma de govêrno está superada difundiram a agitação e a violência por todo o continente."

O têrmo quinta-coluna era até então desconhecido. Mas as vanguardas secretas do alto comando alemão já tinham lançado a sua ofensiva contra as nações da Europa. Os *Cagoullards* e *Croix de Feu* franceses; os *Fascistas da União* britânicos; os *Rexistas* belgas; os *Pow* poíoneses; os *Henleinistas* e *Guarda Hlinka* tchecos; os *Quislinguistas* noruegueses; os *Guardas de Ferro* rumenos; os *IMRO* búlgaros; os *Lappo* finlandeses; os *Lobos de Aço* lituanos; os *Cruz de Fogo* latvianos, e muitas outras sociedades secretas nazistas recém-criadas ou ligas contra-revolucionárias reorganizadas já estavam em ação, pavimentando o caminho para a conquista da

Wehrmacht alemã e para a escravização do Continente e preparação do ataque contra a União Soviética.

Eis uma lista parcial dos atos mais importantes de terrorismo nazi-fascista que se seguiram imediatamente à ascensão de Hitler ao poder:

Outubro de 1933: Assassínio de Alex Mailov, secretário da embaixada soviética em Lvov, Polônia, por agentes da OUN, organização de nacionalistas ucranianos e financiada pelos nazistas.

Dezembro de 1933: Assassínio do premier Ion Duca da Rumânia pelos Guardas de Ferro, terroristas nazi-rumenos.

Fevereiro de 1934: Levante em Paris, França, da *Croix de Feu*, organização fascista francesa de inspiração nazista.

Março de 1934: Tentativa de golpe de estado na Estônia, pelos lutadores da liberdade, organização fascista financiada pelo nazismo.

Mai de 1934: Golpe de estado fascista na Bulgária.

Mai de 1934: Tentativa de Putsch na Latvia pela Fraternidade Báltica controlada por nazistas.

Junho de 1934: Assassínio do General Bronislav Pieracki, ministro polonês do Interior, por agentes da OUN, organização dos nacionalistas ucranianos financiada pelo nazismo.

Junho de 1934: Assassínio de Ivan Babiy, chefe da organização de Ação Católica na Polônia, por agentes da OUN.

Junho de 1934: Tentativa de levante popular na Lituânia pela organização nazista dos Lóbos de Aço.

junho de 1934: *Putsch* nazista abortivo, na Áustria e assassinio do chanceler Engelbert Dollfuss por terroristas nazistas.

Outubro de 1934: Assassínio do Rei Alexandre da Iugoslávia e do ministro francês do Exterior Barthou por agentes da Ustachi, organização fascista da Croácia controlada por nazistas.

Dois homens eram especialmente responsáveis pela organização e supervisão dessas atividades de quinta-coluna nazista que já se tinham estendido além da Europa, penetrando nos Estados Unidos, América Latina, África e, em ligação

com o S. S. japonês, em tôda a área do Oriente remoto. Esses dois homens eram Alfredo Rosenberg e Rudolph Hess. Rosenberg chefiava a *Aussenpolitisches Amt der NSDAP* (Ministério Político do Exterior do Partido Nazista), cuja tarefa era dirigir milhares de agências de espionagem e sabotagem no mundo, com pontos especiais de concentração na Europa oriental e Rússia Soviética. Como representante de Hitler, Rudolph Hess era incumbido de tôdas as negociações exteriores do govêrno nazista.

Foi Alfredo Rosenberg, outrora emigrado czarista de Revál, quem primeiro estabeleceu relações secretas oficiais nazistas com Leon Trotsky. Foi o representante de Hitler, Rudolph Hess, quem as cimentou...

Em setembro de 1933, oito meses depois de Adolfo Hitler ter-se tornado ditador da Alemanha, o diplomata trotskista e agente alemão Nicolai Krestinsky deteve-se em Berlim por poucos dias, a caminho de sua estância anual de cura num sanatório em Kissingen. Krestinsky ocupava então o pôsto de comissário-assistente no Ministério soviético do Exterior.

Em Berlim, Krestinsky viu Sergei Bessonov, agente de ligação trotskista na embaixada soviética. Com grande excitação, Krestinsky informou Bessonov que "Alfredo Rosenberg, o líder do Departamento dos Negócios Exteriores do Partido Nacional-Socialista da Alemanha" tinha estado "em sondagem em nossos círculos sôbre a questão de uma possível aliança secreta entre os nacional-socialistas na Alemanha e os trotskistas russos."

Krestinsky disse a Bessonov que precisava ver Trotsky. Era preciso arranjar um encontro a todo custo. Krestinsky estaria no sanatório até o fim de setembro, e depois iria a Merano no Tirol italiano. Trotsky poderia entrar em contacto com êle, com as devidas precauções, em qualquer dos dois lugares.

O encontro foi providenciado. Na segunda semana de outubro de 1933, Leon Trotsky, acompanhado por seu filho

Sedov, cruzou a fronteira franco-italiana com um passaporte falso e encontrou Krestinsky no Hotel Bavária em Merano (60.)

A conferência seguinte ocupou-se quase tôda das decisões referentes ao futuro desenvolvimento da conspiração dentro da Rússia Soviética. Trotsky começou afirmando categoricamente que “a tomada do poder na Rússia poderia consumir-se unicamente pela fôrça.” Mas o organismo conspirativo sozinho não era bastante forte para levar a cabo um golpe proveitoso e para manter-se no poder sem auxílio exterior. Por isso era essencial chegar a um acôrdo concreto com os estados estrangeiros interessados em auxiliar os trotskistas contra o govêrno soviético.

“O embrião dêsse acôrdo”, disse Trotsky a Krestinsky, “foi nosso acôrdo com a Guarda do Reich; mas êsse acôrdo de modo algum satisfaz nem aos trotskistas nem aos alemães por duas razões: primeiro, uma parte nesse acôrdo era unicamente a Guarda do Reich e não o govêrno alemão como um todo... Segundo, qual era a substância de nosso acôrdo com a Guarda do Reich? Nós recebíamos uma pequena soma de dinheiro e êles recebiam informações de espionagem de que necessitariam no caso de um ataque armado. Mas o govêrno alemão, Hitler particularmente, deseja colônias, territórios, e não apenas informações de espionagem. E está disposto a contentar-se com território soviético em vez das

(60) Trotsky estava residindo então em S. Palais, aldeiazinha ao pé dos Pireneus no sul da França. (Em julho. deixara Prinkipo transferindo-se logo com a sua comitiva de guarda-costas e secretários, para uma vila próxima de Paris.)

Na época em que Trotsky veio à França, os reacionários e fascistas lutavam desesperadamente para impedir a aliança de segurança coletiva franco-soviética que tinha sido proposta.

O govêrno francês, que deu a Trotsky permissão para entrar na França e estabelecer o seu Q. G. anti-soviético no país, era chefiado nessa ocasião por Eduardo Daladier, cuja política de apaziguamento, consumada em Munique, deveria desempenhar um papel tão importante na entrega da França e de outras nações antifascistas da Europa às mãos dos nazistas. O deputado radical Henri Guernot advogou pessoalmente a solicitação de Trotsky para ser admitido na França. Os passos necessários foram dados pelo ministro do Interior, Camille Chauvins, duvidoso político francês que ajudou a abafar a investigação da conspiração fascista Cagouard e posteriormente tornou-se “vice-premier”

colônias pelas quais teria de lutar com a Inglaterra, a América e a França. Quanto a nós, não precisamos de 250.000 marcos-ouro. Precisamos das forças armadas alemãs, para irmos ao poder com a ajuda delas. E é nesse sentido que tem de ser encaminhado o nosso trabalho.”

A primeira coisa, disse Trotsky era conseguir um acordo com o governo alemão. “Mas os japoneses também são uma força com a qual é preciso nos entendermos”, acrescentou Trotsky. Seria necessário para os trotskistas russos iniciar “sondagens” com os representantes japoneses em Moscou. “Para essa ligação”, disse Trotsky instruindo Krestinsky, utilizem-se de Sokolnikov, que está trabalhando no Comissariado do Povo dos Negócios Estrangeiros, encarregado dos assuntos orientais...”

Trotsky continuou dando instruções a Krestinsky acerca da organização interna do organismo conspirativo russo.

“Mesmo que a União Soviética seja atacada, digamos, pela Alemanha”, disse Trotsky, “isso ainda não possibilita tomar posse da máquina do poder, sem que haja forças internas preparadas... É necessário ter baluartes poderosos nas cidades e no campo, entre a pequena burguesia e os kulaks, e aí são as direitas que têm as ligações. Finalmente, é necessário ter uma organização no Exército Vermelho, entre os comandantes, destinada a tomar os postos mais vitais no momento oportuno e a chegar ao poder, substituir o govêr-

do primeiro Gabinete de Pétain. “Vós tivestes a gentileza de me chamar a atenção para o Sr. Leon Trotsky, exilado de origem russa, que solicitou, por motivos de saúde, autorização para viver no Departamento do sul...” escreveu o ministro do Interior, Chautemps ao Deputado Guernot. “Tenho a honra de informar-vos que... a parte interessada obterá sem dificuldade, quando requerer, o visto no seu passaporte para a França.”

Entre os numerosos e influentes amigos e simpatizantes de Trotsky na França contavam-se: Jacques Doriot, o renegado comunista francês e agente nazista; e Marcel Déat, outrora professor socialista, agente nazista e, depois da queda da França, líder colaboracionista.

A presença de Trotsky na França foi também aprovada por elementos anti-soviéticos do S.S. francês e polícia secreta. Em abril de 1937, nas audiências do México, Trotsky declarou: “... Mr. Thome e Mr. Cado o secretário geral da polícia e prefeitura do Departamento de Charente Inferior — todos os altos funcionários da polícia estavam perfeitamente cientes de minha situação. O agente secreto da polícia estava informado de todos os meus passos.”

no atual, que deve ser prêso, por um govêrno nosso, antecipadamente preparado.”

De volta à Rússia, Krestinsky devia entrar em contacto com o General Tukhachevsky, assistente do estado-maior do Exército Vermelho “homem”, como disse Trotsky a Krestinsky, “de estilo bonapartista, um aventureiro, ambicioso, que se bate não somente por um cargo militar, mas também político, e que inquestionavelmente fará causa comum conosco.”

Os companheiros de Trotsky na Rússia deveriam dar toda ajuda ao General Tukhachevsky, tendo cuidado, simultaneamente, de colocar os seus próprios homens em posições estratégicas, de modo que, quando se efetuasse o golpe de estado, o ambicioso Tukhachevsky não pudesse controlar o novo govêrno sem o auxílio de Trotsky.

Antes de encerrar-se a conferência, Trotsky transmitiu a Krestinsky ordens especiais para continuar as campanhas terroristas de sabotagem na Rússia Soviética. Falando disso, Trotsky declarou que “os atos de divisionismo e de terrorismo” devem ser considerados de dois pontos de vista. Primeiro, “do seu emprêgo em tempo de guerra com o fito de desorganizar a capacidade defensiva do Exército Vermelho, desorganizar o govêrno no momento do golpe de estado.” Mas, em segundo lugar, disse Trotsky, é preciso conseguir que êsses atos tornem a posição dêle, Trotsky, “mais forte”, dando-lhe “mais confiança em suas negociações com os govêrnos estrangeiros”, para que êle “pudesse referir-se ao fato de seus companheiros da União Soviética serem suficientemente fortes e ativos.”

Em Moscou, Krestinsky apresentou um relato pormenorizado sôbre o seu encontro com Trotsky numa reunião secreta de trotskistas russos. Alguns dos conspiradores, particularmente Karl Radek, que passava por ser o “Ministro do Exterior” de Trotsky, irritaram-se com o fato de Trotsky ter entrado em negociações de tal monta sem os ter consultado antes.

Depois de ouvir o informe de Krestinsky, Radek mandou uma mensagem especial a Trotsky pedindo “novos esclarecimentos sôbre a questão da política externa.”

A resposta de Trotsky, escrita da França, foi entregue a Radek poucas semanas depois por Vladimir Romm, jovem correspondente estrangeiro da agência soviética de notícias

Tass, que vinha servindo como portador trotskista. Romm recebera a carta de Trotsky em Paris e contrabandeara-a para a Rússia escondida na capa da novela popular soviética, *Tsusíma* (61.) Radek descreveu depois o conteúdo da carta como segue:

“Trotsky colocou a questão nestes termos: a ascensão do fascismo ao poder na Alemanha mudou fundamentalmente a situação tóda. Tornou a guerra inevitável e próxima tanto mais quanto a situação vinha tornando-se simultaneamente aguda no Extremo Oriente. Trotsky não duvidava que dessa guerra resultaria a derrota da União Soviética. Essa derrota, escreveu êle, criará condições favoráveis para o bloco assumir o poder...

Trotsky afirmou que tinha estabelecido contacto com um estado do Extremo Oriente e um estado centro-europeu, e que êle informara claramente aos círculos semi-oficiais desses estados que o bloco se pronfificaria a fazer concessões consideráveis tanto de caráter econômico como de caráter territorial.”

Na mesma carta, Trotsky informou Radek de que os trotskistas russos que trabalhavam nos postos diplomáticos seriam procurados em breve por certos representantes estrangeiros e que, quando isso se desse, os diplomatas trotskistas deveriam confirmar a sua lealdade a Trotsky e assegurar aos repre-

(61) Vladimir Romm fora correspondente da Tass em Tóquio, Genebra e Paris. Ele encontrou-se com Trotsky em Paris em 1933, num encontro marcado num café do Bois de Boulogne. Após comunicar a Romm que unicamente “medidas extremas” poderiam habilitar os conspiradores a obter seus fins, Trotsky citou um provérbio latino: “O que a medicina não pode curar o ferro curará, e o que não puder o ferro, pode-lo-á o fogo.” Em 1934 Romm foi indicado como correspondente da Tass nos E.U.A. Antes de partir para a América, Romm viu Sedov em Paris. Posteriormente Romm afirmou: Sedov disse-me que com respeito à minha ida à América, Trotsky quis saber se no caso não havia algo de interessante na esfera das relações americano-soviéticas. Quando perguntei o que é que podia haver de interessante, Sedov me disse: Isso deduz-se da linha de Trotsky acêrca da derrota da URSS. Desde que a data da guerra da Alemanha e do Japão dependê do estado das relações soviético-americanas, o caso não pode deixar de interessar Trotsky.”

sentantes estrangeiros que estariam com êle em qualquer circunstância . . .

Grigori Sokolnikov, comissário-assistente trotskista para os negócios orientais, irrompeu no escritório de Radek no *Isvestia* pouco tempo depois. "Imagine", explodiu Sokolnikov nervosamente logo que a porta se fechou, "estou conduzindo negociações no Commissariado do Povo para Negócios Estrangeiros. A conversação chega ao fim. Os intérpretes deixaram a sala. O enviado japonês súbitamente volta-se para mim e pergunta se estou informado das propostas que Trotsky fêz ao seu govêrno."

Sokolnikov estava perturbadíssimo com o incidente. — Como é que Trotsky encara isso? — perguntou êle a Radek. — Como posso eu, assistente do comissário do Povo, conduzir semelhantes negociações? É uma situação absolutamente impossível!

Radek procurou acalmar o amigo agitado. — Não se excite — disse êle — Trotsky evidentemente não compreende a situação aqui. — Radek continuou assegurando a Sokolnikov que isso não mais aconteceria. Êle já escrevera a Trotsky dizendo-lhe que era impossível aos trotskistas russos levar a cabo negociações com agentes alemães e japoneses — "debaixo dos olhos da O.E.Z.U." Os trotskistas russos, disse Radek, teriam de "deixar que Trotsky" prosseguisse nas negociações por sua própria conta, apenas lhes comunicando os resultados . . .

Logo depois, o próprio Radek foi assistir a uma função diplomática em Moscou, quando um diplomata se sentou ao lado dêle e disse sem constrangimento: "Nossos líderes sabem que Mr. Trotsky se empenha por uma aproximação com a Alemanha. Nossos líderes desejam saber o que significa essa idéia de Trotsky. Será talvez uma idéia de emigrado maldormido? O que há atrás dessas idéias?"

Descrevendo a sua reacção ante a interpelação inesperada do nazista, Radek disse mais tarde:

"Por certo, essa conversação durou apenas uns dois minutos; a atmosfera de uma recepção diplomática não se prestava a longas perorações. Tive de decidir-me literalmente em um segundo e responder-lhes . . . Disse-lhe que os políticos realistas da URSS compre-

endem a significação de uma aproximação germano-soviética e estão dispostos a fazer tôdas as concessões para conseguila.

Na noite de 30 de junho de 1934, o terror nazista irrompeu dentro de suas próprias fileiras na Alemanha, quando Hitler liquidou os elementos dissidentes do movimento. Dentro de 24 horas, o Capitão Ernst Roehm, chefe do estado-maior das tropas de choque de Hitler; Edmundo Heines, supremo líder de grupo na Alemanha Oriental; Karl Ernst, líder principal das tropas de choque de Berlim; e numerosos de seus amigos e sócios caíram ante as balas dos fuzileiros de Hitler, em Munique e Berlim. Uma intensa ansiedade invadiu todo o movimento nazista.

De Paris, Trotsky despachou imediatamente um dos seus mais fiéis "secretários", espião internacinal Karl Reich, aliás Johanson, para entrar em contacto com Sergei Bessonov, ligação trotskista em Berlim. Bessonov foi chamado a Paris para fazer um relato minucioso da situação dentro da Alemanha.

Bessonov não pôde ir a Paris imediatamente mas no fim de julho conseguiu deixar Berlim. Depois de encontrar-se com Trotsky num hotel em Paris e fazer o seu informe sôbre a situação alemã, voltou a Berlim na mesma tarde. Trotsky estava num estado de grande excitação nervosa quando Bessonov o viu. Os acontecimentos na Alemanha, a eliminação dos "nazistas radicais" encabeçados por Roehm, poderiam estorvar os seus planos. Bessonov assegurou a Trotsky que Hitler, Himmler, Hess, Rosenberg, Goering e Goebbels ainda detinham firmemente o poder em suas mãos.

"Eles ainda virão a nós!" exclamou Trotsky. E continuou a relatar a Bessonov que haveria importantes tarefas para êle em Berlim, num futuro próximo. "Não devemos ser melindrosos nesse assunto, disse Trotsky. Para obter apoio real e importante de Hess e Rosenberg, consintamos em grandes concessões de território. Consentiremos na concessão da Ucrânia. Tenham isso em mente nos seus trabalhos e em suas negociações com os alemães, e eu escreverei também sôbre isso a Pyatakov e Krestinsky."

Uma rede de traição já estava sendo urdida nos vários gabinetes do corpo diplomático soviético. Embaixadores, secretários, adidos e agentes consulares subalternos estavam envolvidos na trama conspirativa, não só na Europa, mas também no Extremo Oriente...

O embaixador soviético no Japão estava tomando parte na conspiração. Seu nome era Yurenev. Fora secretamente trotskista desde 1926. Por instruções de Trotsky, estabeleceu ligações com o S. S. japonês. Ajudando a Yurenev em seus entendimentos com o Japão estava o velho amigo de Trotsky, Christian Rakovsky, antes embaixador na Inglaterra e na França. Rakovsky não ocupava mais nenhum cargo importante no Ministério do Exterior soviético; trabalhava como funcionário em várias comissões de saúde pública. Mas ainda era personagem importante na conspiração subterrânea.

Em setembro de 1934, foi ao Japão com uma delegação soviética para assistir à conferência internacional das sociedades da Cruz Vermelha, que deveria realizar-se em Tóquio, em outubro. Antes de partir para o Japão, Rakovsky recebeu um envelope do Comissariado da Indústria Pesada em Moscou. Era de Pyatakov e continha uma carta que Rakovsky devia entregar ao Embaixador Yurenev em Tóquio. Aparentemente, a carta exprimia um pedido rotineiro de informação comercial oficial. No dorso da carta, escrita em tinta invisível, havia uma mensagem para Yurenev informando-o que Rakovsky devia ser "utilizado" nas negociações com os japoneses.

No dia seguinte à chegada de Rakovsky em Tóquio ele foi procurado por um agente japonês. O encontro deu-se num corredor do edifício da Cruz Vermelha Japonesa. Rakovsky foi informado de que as aspirações do movimento trotskista russo "coincidem perfeitamente" com as do governo japonês. O agente japonês acrescentou que estava seguro de que Rakovsky seria capaz de fornecer a Tóquio informações valiosas acerca da situação dentro da Rússia Soviética.

Nessa mesma tarde Rakovsky comunicou a Yurenev o teor de sua conversa com o agente japonês: — a idéia é de

me alistarem como espião, como informante do governo japonês.

— Não há por que hesitar — replicou o embaixador trotskista. — O dado está lançado.

Poucos dias depois, Rakovsky foi convidado para jantar com um alto funcionário do S. S. japonês. O nipônico começou cìnicamente a conversar. “Sabemos que é amigo íntimo e correligionário de Trotsky”, disse. “Devo pedir que lhe escreva dizendo que o nosso governo não está satisfeito com os seus artigos sôbre a questão chinesa, assim como sôbre a atitude dos trotskistas chineses. Temos direito de esperar uma linha de conduta diferente da parte de Mr. Trotsky. Ele deve compreender o que é necessário. Não é preciso ir a pormenores, mas é claro que um incidente provocado na China seria um pretexto desejável para podermos intervir lá.”

O japonês prosseguiu contando que espécie de informação confidencial o governo japonês estaria interessado em receber dos trotskistas russos: dados concernentes às condições das granjas coletivas, ferrovias, minas e indústria, especialmente nas secções orientais da URSS. Entregou a Rakovsky vários códigos e nomes de espiões para seu uso na entrega dessas informações. Ficou combinado que o Dr. Naida, secretário da delegação da Cruz Vermelha, atuaria como elemento de ligação entre Rakovsky e o S. S. japonês...

Antes de deixar Tóquio, Rakovsky teve uma palestra final com Yurenev. O embaixador trotskista estava deprimido. “Nós nos metemos numa embrulhada tal, que às vêzes não sabemos como nos arrumar!”, disse agastado. “Cada qual teme que, satisfazendo um dos seus parceiros, venha a ofender outro. Por exemplo, aqui atualmente surge o antagonismo entre a Grã-Bretanha e o Japão ligado à questão chinesa, enquanto que nós temos de manter contacto tanto com o S. S. inglês como com o japonês... E eu tenho de me arranjar em tudo isso!”

Rakovsky replicou. “Nós trotskistas temos de jogar três cartadas atualmente: a alemã, a japonesa e a britânica...”

Estamos fazendo a política de jogar o que temos, arriscando tudo por tudo; mas se houver um golpe de sorte os aventureiros serão chamados grandes estadistas." (62.)

2. A diplomacia do terror

Enquanto os conspiradores russos iam cimentando suas urdiduras com os representantes da Alemanha e do Japão, outra fase da ofensiva secreta contra o governo soviético estava em andamento. A traição estava sendo completada pelo terror...

Em abril de 1934, o engenheiro soviético Boyarchinov dirigiu-se ao escritório do chefe de construção nas minas vitais de carvão em Kuznetsk, para relatar que algo de errado havia no seu departamento. Houvera muitos acidentes, explosões subterrâneas, quebra de maquinaria. Boyarchinov suspeitava que houvesse sabotagem.

O chefe de construção agradeceu a informação. "Comunicarei a quem de direito" disse. "Enquanto isso, não diga nada a ninguém sobre o fato."

O chefe de construção era Alexei Chestov, espião germânico e organizador principal da sabotagem trotskista na Sibéria.

Poucos dias depois Boyarchinov foi encontrado morto em uma vala. Um caminhão, correndo a tôda, matara-o na estrada em que êle voltava do trabalho para casa. O condutor do caminhão era o terrorista profissional Tcherepukhin.

(62) Aos 20 de fevereiro de 1937, o jornal Miyako de Tóquio trouxe uma reportagem acêrca de uma sessão secreta da "Comissão de Orçamento e Planificação" do governo japonês. Nessa reunião, o Deputado Yoshida perguntou ao General Sugiyama, ministro da Guerra, se o exército tinha alguma informação concernente à capacidade de transporte da E. F. Siberiana. O ministro da Guerra respondeu afirmativamente, dizendo que a capacidade de transporte da ferrovia estratégica soviética era conhecida do alto comando japonês com todos os pormenores. O General Sugiyama continuou dizendo, "Na Rússia há elementos de oposição ao atual governo e é exatamente deles que

Chestov confiara-lhe a tarefa de matar Boyarchinov e para isso lhe pagara 15.000 rublos (63.)

Em setembro de 1934, V. M. Molotov, chefe do Conselho dos Comissários do Povo da URSS, chegou à Sibéria numa viagem de inspeção às áreas de mineração e indústrias. Molotov vinha de volta de uma visita a uma das minas da bacia carbonífera em Kuznetsk, quando o carro em que viajava súbitamente saltou da estrada, rolou numa rampa e parou exatamente à beira de um precipício. Gravemente ferido e abatido, Molotov e seus companheiros desembarçaram-se do carro tombado. Tinham escapado à morte por pouco.

O condutor do carro era Valentine Arnold, gerente da garagem local. Arnold era membro do organismo terrorista trotskista. Chestov instruíra-o para assassinar Molotov; e Arnold deliberadamente conduziu o carro para fora do caminho, tencionando matar-se juntamente com Molotov. A tentativa falhou unicamente porque no derradeiro instante, Arnold perdeu a coragem e deteve-se ao aproximar-se do abismo onde devia ocorrer o "acidente..."

Pelo outono de 1934, grupos terroristas trotskistas e das direitas estavam funcionando na União Soviética. Esses grupos incluíram entre seus membros antigos social-revolucionários, mencheviques de outrora, assassinos profissionais e ex-agentes da Ochrana czarista. Na Ucrânia e Bielo-Rússia, na Geórgia e na Armênia, em Uzbequistã, Azerbaijã, e na região marítima do Extremo Oriente, nacionalistas e fascistas anti-soviéticos vinham recrutando pessoal para o seu organismo terrorista. Em muitos lugares, agentes nazistas e japoneses orientavam diretamente as operações desses grupos.

Organizara-se uma lista dos líderes soviéticos que deviam ser assassinados. À testa da lista figurava o nome de

soubemos isso." A publicação dessa declaração no jornal Miyako ocasionou uma enorme reviravolta nos círculos da imprensa de Tóquio. O jornal foi pesadamente multado pelo governo por ter comunicado informações confidenciais e seu diretor Yaguchi Gilei, foi constrangido a resignar por solicitação do Departamento de Guerra.

(63) O dinheiro pago por Chestov ao assassino de Boyarchinov era parte de um fundo secreto de 164.000 rublos que terroristas trotskistas, operando sob as ordens de Chestov, tinham roubado do Banco do Estado de Anjerka. O fundo fora reservado para financiamento de atividades de sabotagem e terrorismo na Sibéria.

José Stálin. Entre os outros nomes estavam os de Klementi Vorochilov, V. M. Molotov, Sergei Kirov, Lazar Kaganovitch, Andrei Jdanov, Viacheslav Menjinsky, Maxim Górkí e Vale-rian Kuibichev.

Os terroristas recebiam periódicamente mensagens de Leon Trotsky encarecendo a urgência de eliminar os líderes soviéticos. Uma dessas mensagens alcançou Ephraim Dreitzer, antigo guarda-costas de Trotsky, em outubro de 1934. Trotsky escreveu com tinta invisível às margens de uma revista alemã de cinema. "Foi entregue a Dreitzer, pela sua irmã, que recebera a revista de um portador trotskista em Varsóvia. A mensagem dizia:

"Caro amigo. Transmita que temos diante de nós as seguintes e principais tarefas:

1. Remover *Stálin* e *Vorochilov*.
2. Desenvolver o trabalho de organização de núcleos no exército.
3. No caso de uma guerra, tirar proveito de toda indecisão e confusão para capturar o govêrno."

A mensagem vinha assinada por *Starik* ("o velho") que era a assinatura em código de Trotsky.

Certa vez, os conspiradores, depois de prolongada observação, estabeleceram o caminho pelo qual o Comissário de Defesa, Vorochilov se dirigia habitualmente a Moscou. Três terroristas armados de revólveres, estacionaram durante dias na Rua Frunze, uma das travessas pela qual devia passar o carro de Vorochilov. Mas o carro passava sempre a tóda, e os terroristas decidiram, como um deles relatou depois, que "era inútil atirar contra um carro correndo a tóda."

Vários *complots* para matar Stálin também falharam. Um terrorista trotskista, designado para assassinar Stálin numa importante reunião do Partido em Moscou, conseguiu insinuar-se na assembléia mas foi incapaz de aproximar-se bastante do líder soviético para descarregar a sua arma. Outra vez, terroristas atiraram com fuzis de longo alcance contra Stálin que vinha passando numa lancha a motor ao longo de uma

praia do Mar Negro, mas erraram o alvo. "Foi pena", disse Leo Kamenev, quando o terrorista Ivan Bakayev relatou o fracasso do *complot*. "Esperemos que da próxima vez sejamos mais felizes." (64.)

Trotsky tornava-se cada vez mais impaciente. O tom de suas comunicações aos seus companheiros na Rússia sofrera marcada mudança. Êle os censurava amargamente por virem "se empenhando em preparativos e conversações de organização", sem terem realizado "nada de concreto." Trotsky começou a enviar agentes especiais de sua própria confiança à União Soviética para organizar e acelerar atividades terroristas. Êsses agentes, que eram os emigrados russos ou trotskistas alemães, viajavam com passaporte falso providenciado pelos conspiradores do serviço diplomático soviético ou pelo S. S. militar alemão ou pela Gestapo.

O primeiro dêsses agentes especiais foi um trotskista alemão chamado Nathan Lurye. Foi seguido por mais dois homens de Trotsky: Konon Berman-Yurin e Fritz David, aliás, Ilya-David Kruglyansky. Em março de 1933, Trotsky enviou

(64) A atmosfera interna do Centro Terrorista era uma reminiscência de New York Murder, Inc., e outras camorras semelhantes.

Bakayev, antigo assistente político de Zinoviev no Soviete de Petrogrado, era o responsável pela linha política dos ativistas do Centro. Era tarefa dêle, dada por Zinoviev, silenciar todo indivíduo que pudesse trair a organização. Pelo meado de 1934, quando fracassou um atentado para matar Stálin por causa do assassino Bogdan, que perdeu a calma no momento decisivo, Bakayev tratou de silenciar Bogdan. Visitou-o no seu apartamento e passou a noite com êle. De manhã à saída de Bakayev, o corpo de Bogdan jazia no assoalho do quarto de estar, com uma bala na cabeça e a arma ao lado. Uma carta que Bakayev o forçara a escrever, foi encontrada no quarto. Declarava que Bogdan se suicidara por causa da "perseguição" à oposição trotskista-zinovievista pelo governo soviético.

Um membro do Centro Terrorista Trotskista-Zinovievista, Isak Reingold, testemunhou mais tarde que Zinoviev e Kamenev tinham decidido que quando tomassem o poder colocariam Bakayev num posto-chave da OGPU. "Utilizando-se da máquina da OGPU", testemunhou Reingold "êle teria de ajudar no trabalho de investigar, eliminar, matar, não só os empregados do Commissariado do Povo para Negócios Internos, a OGPU, que podia estar de posse de muitos fios da conspiração, como também os perpetradores diretos de atos terroristas contra Stálin e seus auxiliares imediatos. Pela mão de Bakayev, a organização trotskista-zinovievista pretendia destruir seus próprios terroristas, envolvidos na conspiração.

um quarto e um quinto agente: Valentine Olberg e Moissei Lurye, aliás Alexandre Emel (Moissei Lurye não era parente de Nathan Lurye.)

Antes do Nathan Lurye deixar Berlim, foi informado de que em Moscou devia operar sob a direção de um engenheiro e arquiteto alemão chamado Franz Weitz, que estava então empregado na União Soviética. Franz Weitz não era dos companheiros de Trotsky. Weitz era membro do Partido Nacional-Socialista da Alemanha. Ele fôra enviado à União Soviética como emissário secreto de Heinrich Himmler, diretor da Gestapo nazista. Himmler confiara a Weitz a tarefa de organizar operações terroristas e de espionagem na União Soviética, em colaboração com o Centro Terrorista Trotskista-Zinovievista.

Quando um dos companheiros de Zinoviev objetou contra essa ligação direta com um agente nazista, Zinoviev replicou: "O que há nisso que o preocupe? Você é um historiador. Você conhece o caso de Lassalle e Bismarck, quando Lassalle quis utilizar-se de Bismarck para os interesses da Revolução. Por que não podemos hoje utilizar-nos de Himmler?"

Pouco depois de partirem para a Rússia, os emissários Konon Berman-Yurin e Fritz David, foram convocados para conferências especiais com o próprio Trotsky. As reuniões realizaram-se em Copenhague, pelo fim de novembro de 1932. Konon Berman-Yurin confessou mais tarde:

"Tive dois encontros com Trotsky. Antes de tudo ele começou sondando o meu trabalho no passado. Depois passou a assuntos soviéticos. E disse: A principal questão é Stálin. Stálin precisa ser fisicamente destruído." Alegou que outros métodos de luta eram agora ineficazes. Disse que para êsse fim era preciso gente que arrostasse tudo, que aceitasse mesmo o próprio sacrifício para essa tarefa histórica. . .

De noite continuamos a nossa conversa. Perguntei-lhe se o terrorismo individual poderia reconciliar-se com o marxismo. Ao que Trotsky respondeu: "Os problemas não podem ser tratados de modo dogmático. Disse que surgira uma situação na União Soviética que Marx não previra. Trotsky disse ainda

que além de Stálin era necessário assassinar Kaganovitch e Vorochilov...

Durante a conversa êle passeava nervosamente pelo quarto, e falava de Stálin com ódio excepcional...

Disse que a atividade terrorista devia ser projetada, se possível, para atingir ao máximo no Congresso do Comintern, de sorte que o tiro em Stálin ecoasse numa grande assembléia. Isso teria uma tremenda repercussão, além mesmo das fronteiras da União Soviética... Seria um acontecimento histórico-político de alcance mundial."

A Fritz David, outro emissário seu, Trotsky disse: "Terror contra Stálin — eis a tarefa revolucionária. Quem quer que seja revolucionário — não pode titubear." Trotsky falou do "descontentamento crescente" na Rússia Soviética. David perguntou-lhe: "Pensa você que êsse descontentamento desaparecerá no caso de uma guerra entre a União Soviética e os japoneses?" Trotsky replicou: "Não, ao contrário, em tais condições as forças hostis ao regime tentarão unir e dirigir essas massas descontentes, armá-las e conduzi-las contra os burocratas que governam."

O Centro Terrorista Trotskista-Zinovievista devia desempenhar-se do primeiro e maior golpe da conspiração contra o governo soviético. O primeiro golpe era o assassinio de Sergei Kirov, secretário do Partido em Leningrado, um dos mais íntimos colaboradores de Stálin no governo soviético...

No comêço de novembro de 1932, Zinoviev, que estava em Moscou, enviou seu companheiro, Bakayev, para dar uma demão à organização das células terroristas de Leningrado.

Os terroristas de Leningrado, que tinham feito reiteradas tentativas para se aproximar de Kirov, não ficaram muito satisfeitos de receber o emissário de Zinoviev. "Então Grigori Eveseyevitch (Zinoviev) não acredita em nós", disse a Bakayev um dos terroristas. "Ele manda gente aqui para controlar nossa organização e nosso trabalho. Ora, somos gente capaz!"

Uma conferência das células terroristas de Leningrado, assistida por sete terroristas, pôs Bakayev a par dos últimos acontecimentos. Bakayev foi informado de que tinha sido

estabelecida uma guarda regular ao longo da estrada que Kirov percorria de sua casa ao gabinete no Instituto Smolny. Bakayev foi apresentado ao homem que tinha sido escolhido para levar a cabo esse assassinio: Leonid Nikolayev, pálido, ex-guarda-livros de 30 anos que fôra demitido de seu cargo por irregularidades em suas contas e expulso da Komsomol (organização da juventude comunista) por desconfiança geral.

Nikolayev contou a Bakayev que planejava atirar em Kirov perto de sua casa ou no Instituto Smolny. Acrescentou que já tentara um encontro com Kirov, mas falhara.

Bakayev repetiu as instruções que Zinoviev lhe dera em Moscou:

“A principal tarefa é organizar o serviço terrorista do modo mais secreto possível, para impedir que nos comprometamos... Quando submetidos a interrogatório, a coisa principal é negar toda ligação com a organização. Quando acusados de atividades terroristas, é preciso negar enfaticamente e argüir que o terror é incompatível com a doutrina dos marxistas bolcheviques...”

Zinoviev ficou satisfeito com os desenvolvimentos em Leningrado. Tanto êle como Kamenev confiavam que o assassinio de Kirov se efetuasse logo. Eles acreditavam que esse ato acarretaria o pânico no governo soviético e seria a senha para outros atos semelhantes contra líderes soviéticos em todo o país. “As cabeças têm isto de peculiar”, observava Kamenev, “não podem crescer outra vez...”

No dia 1 de dezembro de 1934, às 16,27, Sergei Kirov deixou o seu gabinete no Instituto Smolny. Descia o comprido corredor guarnecido de mármore que leva à sala onde ia apresentar um relatório à decisão do Comitê Central para abolir o sistema de racionamento de pão, quando um homem saltou, sacou um revólver e atirou pelas costas visando a sua cabeça.

Às 16,30 Sergei Kirov estava morto.

O assassino foi Leonid Nikolayev. Êle tentou suicidar-se ou fugir, mas foi apanhado antes de poder fazer uma coisa ou outra.

Aos 28 de dezembro de 1934, Leonid Nikolayev foi conduzido a julgamento perante o Collegium Militar da Suprema Côrte da URSS. "Quando atirei em Kirov", testemunhou Nikolayev, "eu raciocinei do seguinte modo: Nosso tiro pode ser a senha para uma explosão, uma revolta dentro do país contra o Partido Comunista e contra o governo soviético."

O Collegium Militar sentenciou Nikolayev ao fuzilamento (65.)

Nikolayev não divulgou que Zinoviev, Kamenev e outros líderes do Centro Terrorista Trotskista-Zinovievista estavam diretamente envolvidos no *complot* para assassinar Kirov.

Mas era claro para o governo soviético que a planificação e cuidadosa preparação do assassinio envolvia uma organização altamente estruturada e perigosa, mais do que o grupo terrorista de Nikolayev. O Partido Bolchevique indicou um investigador especial para sondar o caso de Lenigrado. Seu nome era N. I. Yejov, membro do Comitê Central do partido e chefe da Comissão de Contrôlo.

Duas semanas depois de Nikolayev ter sido julgado, Grigori Zinoviev, Leo Kamenev e vários de seus conhecidos companheiros, inclusive Bakayev, enfrentaram a Côrte de Lenigrado, acusados de cumplicidade no assassinio de Kirov. Durante o julgamento, Zinoviev e Kamenev conduziram-se da maneira planejada anteriormente. Sem admitir coisa alguma que o governo soviético não tivesse estabelecido pela sua própria investigação, fingiram profundo remorso e "confessaram que as atividades políticas oposicionistas em que tinham sido envolvidos "criaram uma atmosfera" favorável às "atividades anti-soviéticas." Disseram que eram líderes de um "Centro Moscovita" de oposição política e aceitaram a "responsabilidade moral" do assassinio de Kirov, visto que che-

(65) O assassinio de Kirov foi entusiasticamente saudado tanto pelos fascistas russos, como pelas direitas e pelos trotskistas. O Conde Anas-tase Vonsiatsky, antigo oficial czarista e agente japonês nos E.U.A. declarou no número de março de 1935 de sua publicação o *Fascista*, que se publicava em Thompson, Connecticut, E. U. A.: "Kirov desapareceu! O próximo tiro deve ser o de Stálin, a senha da insurreição... O tiro de nosso irmão Nikolayev não foi estrondoso, mas ressoou pelo mundo inteiro... Tire o chapéu, povo russo, diante do túmulo de Nikolayev. Viva o imortal herói Nikolayev!" Para mais informações acêrca de Vonsiatsky e do fascismo russo-branco, ver adiante.

fiavam o movimento político sedicioso do qual partira o crime. Mas negaram fervorosamente que tivessem tido conhecimento anterior da conspiração para assassinar Kirov.

“Estou acostumado à idéia de que sou um líder”, declarou Zinoviev, “e não preciso dizer que eu teria conhecido tudo... Esse crime ultrajante acarretou tal descrédito sobre toda a nossa luta que reconheço estar o Partido no absoluto direito de falar na responsabilidade política do antigo grupo de Zinoviev no caso do crime cometido.”

Kamenev desempenhou papel idêntico. “Devo dizer que não sou covarde, mas nunca lutei a mão armada”, disse êle. “Sempre esperei que surgisse uma situação na qual o Comitê Central fôsse compelido a negociar conosco, a tomar a iniciativa e nos cortejar...”

A astúcia foi de bom efeito. O júri não conseguiu estabelecer que Zinoviev e Kamenev tivessem participado diretamente da conspiração para matar Kirov. Em vez disso, estabeleceu-se apenas a sua culpabilidade no desenvolvimento de atividades sediciosas anti-soviéticas. O veredito do tribunal declarava:

“O júri não pôde apresentar fatos que fornecessem base para qualificar os membros do centro de Moscou como ligados com o assassinio do camarada S. M. Kirov no dia 1 de dezembro de 1934, nem para afirmar que tenham incitado diretamente tão abominável crime; entretanto, o júri confirmou completamente que os membros do centro contra-revolucionário de Moscou sabiam dos sentimentos terroristas do grupo de Leningrado e inflamaram êsses sentimentos...”

Zinoviev foi sentenciado a dez anos de prisão, e Kamenev a cinco, pela sua atividade conspirativa.

O júri conseguira apenas arranhar a superfície da conspiração. Entre os muitos fatos que o tribunal de Leningrado não conseguira esclarecer, talvez os mais estranhos tenham sido êstes:

Quando Zinoviev e Kamenev foram presos, quatro agentes da polícia secreta soviética os trouxeram para o Q. G.

do NKVD (66.) Os agentes eram Molchanov, chefe do Departamento Político Secreto do NKVD; Pauker, chefe do Departamento de Operações; Volovitch, primeiro assistente do Departamento de Operações; e Bulanov, assistente do diretor do NKVD.

Ao prenderem Zinoviev e Kamenev, os quatro agentes do NKVD agiram do modo mais extraordinário. Não só não investigaram os apartamentos dos suspeitos, mas permitiram-lhes que destruíssem numerosos documentos comprometedores...

Ainda mais notáveis foram as declarações desses quatro agentes do NKVD.

Molchanov e Bulanov eram membros do organismo conspirativo trotskista e das direitas, Pauker e Volovitch eram agentes alemães.

Esses homens tinham sido especialmente designados para efetuar as prisões, por Henry G. Yagoda, diretor do NKVD.

(66) No fim de 1934, o NKVD (Departamento de Segurança Pública) substituiu a OGPU como agência responsável pelos assuntos de segurança interna na URSS.

CAPÍTULO XVIII

CRIME NO KREMLIN

I. Yagoda

Em maio de 1934, seis meses antes do assassinio de Sergei Kirov, um ataque cardíaco causou a morte de Vyacheslav R. Menjinsky, Diretor da OGPU, há longo tempo enfêrmo. Seu pôsto foi preenchido pelo vice-diretor da OGPU, um homem de 33 anos, pequeno, tranqüilo, de bela aparência, barba e bigode elegantes, chamado Henry G. Yagoda.

Henry Yagoda era membro secreto do bloco das direitas e dos trotskistas. Ele aliara-se à conspiração em 1929, como membro da oposição da direita, não porque acreditasse no programa de Bukharin, mas porque pensava que os oposicionistas se destinavam a assumir o poder na Rússia. Yagoda queria estar do lado do vencedor. Segundo as suas próprias palavras:

“Eu seguia o curso da luta com grande atenção, tendo-me decidido antecipadamente a tomar o partido de quem saísse vitorioso... Quando começaram a tomar medidas de repressão contra os trotskistas, ainda não tinha sido colocada a questão sobre quem seria o vencedor — os trotskistas ou o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. A cada instante pensava nisso. Por êsse motivo eu, como assistente do diretor da OGPU, desincumbindo-me da policia punitiva, fazia-o de maneira a não suscitar ressentimentos entre os trotskistas contra mim. Ao enviar trotskistas ao exílio, eu criava para êles condições que os habilitassem a desempenhar as suas atividades nos lugares de exílio.”

O papel de Yagoda na conspiração a princípio era conhecido unicamente dos três líderes máximos das direitas: Bukharin, Rikov e Tomsky. Em 1932, quando o bloco das direitas e trotskistas se formou, Yagoda conheceu também a Pyatakov e Krestinsky.

Como vice-diretor da OGPU, Yagoda podia proteger os conspiradores e impedir que fôsse descobertos e presos. "Eu tomei tôdas as medidas, no decurso de numerosos anos", declarou êle mais tarde, "a fim de proteger a organização, particularmente o seu Centro, para que não fôsse descoberta." Yagoda nomeava membros do bloco das direitas e trotskistas para agentes especiais da OGPU. Dêsse modo, numerosos agentes dos S. S. estrangeiros puderam penetrar na polícia secreta soviética e, sob a proteção de Yagoda, desempenhar atividades de espionagem para os seus respectivos governos. Os agentes germânicos, Pauker e Volovitch, que efetuaram a prisão de Zinoviev e Kamenev, foram indicados à OGPU pelo próprio Yagoda. "Eu os considerava", disse mais tarde, referindo-se aos espões estrangeiros, "como uma força valiosa para a realização dos planos conspirativos, particularmente para manterem ligações com os S. S. estrangeiros."

Em 1934, antes do assassinio de Kirov, o terrorista Leonid Nikolayev foi apanhado pelos agentes da OGPU em Leningrado. Em seu poder encontraram um fuzil e um mapa com o caminho que Kirov percorria diariamente. Quando Yagoda foi notificado da prisão de Nikolayev, instruiu Zaporjetz, assistente da OGPU de Leningrado, para que soltasse o terrorista sem interrogatório. Zaporjetz era um dos homens de Yagoda. Fêz o que lhe tinha sido indicado.

Poucas semanas depois, Nikolayev assassinou Kirov.

Mas o assassinio de Kirov era apenas um dos numerosos assassinios realizados pelo bloco das direitas e trotskistas com o apoio direto de Henry Yagoda...

Atrás de seu exterior calmo e bom, Yagoda escondia uma ambição irrefreável, ferocidade e astúcia. Com as operações secretas do bloco das direitas e trotskistas que dependia cada vez mais de proteção, o vice-diretor da OGPU começou a considerar-se pessoalmente como a figura central e o personagem dominante de toda a conspiração. Yagoda tinha sonhos de tornar-se o Hitler da Rússia. Lera o *Mein Kampf*. "É um livro utilíssimo" contou ao seu dedicado secretário Pavel

Bulanov. Ele impressionara-se particularmente, segundo disse, pelo fato de Hitler "ter-se elevado da condição de sargento à do homem que era então." O próprio Yagoda começara a sua carreira como sargento do exército russo.

Yagoda tinha as suas idéias pessoais acêrca da modalidade de govêrno que devia ser instaurado depois da queda de Stálin. Esse govêrno deveria ser modelado pelo da Alemanha nazista, comunicou a Bulanov. Yagoda seria o chefe; Rikov substituiria Stálin como secretário do Partido reorganizado; Tomsky seria o chefe dos sindicatos, que seriam submetidos a estrito contrôle militar, como os batalhões de trabalhadores nazistas; o "filósofo" Bukharin, como pretendia Yagoda, haveria de ser o "Dr. Goebbels."

Quanto a Trotsky, Yagoda não estava certo se permitiria o seu retôrno à Rússia. Dependeria das circunstâncias. Enquanto isso, entretanto, estava disposto a se utilizar de Trotsky em negociações com a Alemanha e o Japão. O golpe de êstado, disse Yagoda, deve coincidir com o rompimento da guerra contra a União Soviética.

"Todos os meios serão aproveitados para consumação dêsse golpe — ação armada, provocação e mesmo prisões. Há ocasiões em que é preciso agir devagar e muito cautelosamente, e há ocasiões em que é preciso agir rápida e subitamente."

A decisão do bloco das direitas e trotskistas de adotarem o terrorismo como arma política contra o regime soviético tinha o endosso de Yagoda. A decisão foi-lhe comunicada pelo antigo soldado e funcionário do secretariado do Kremlin, Y. S. Yenukidze, que era o organizador do terrorismo das direitas. Yagoda tinha só uma objeção. Os métodos terroristas empregados pelos conspiradores pareciam-lhe extremamente primitivos e perigosos. Por isto passou a procurar meios mais sutis de assassinio político do que as bombas, punhais e balas dos assassinos tradicionais.

A princípio, experimentou o veneno. Montou um laboratório secreto e pôs vários químicos em ação. Seu desejo era descobrir um método de matar que não deixasse vestígio. "Assassinio com garantia, era o que Yagoda desejava.

Mas os próprios venenos eram muito imperfeitos. Sem perda de tempo, Yagoda desenvolveu sua técnica própria e

especial de assassínio. Recomendou-a como uma arma perfeita para o líderes do bloco das direitas e trotskistas. “É simplíssimo”, disse. “Uma pessoa cai doente naturalmente, ou fica doente por algum tempo. Os que o cercam acostumam-se com a idéia, que acham natural, de que o paciente ou morrerá ou se restabelecerá. O médico que trata do paciente quer facilitar ao mesmo os meios de recuperar a saúde... Então? O resto é questão de técnica.”

O que faltava era achar os médicos adequados.

2. O assassínio de Menjinsky

O primeiro médico que Yagoda envolveu no seu projeto original de assassínio foi o Dr. Leo Levin, homem corpulento, de meia-idade, obsequioso, que gostava de gabar-se de desinterêsse por coisas políticas. O Dr. Levin era o médico de Yagoda. O mais importante para Yagoda era o fato de ser o Dr. Levin um membro proeminente do corpo médico do Kremlin. Entre os seus pacientes regulares havia numerosos líderes soviéticos destacados, inclusive o superior de Yagoda, Viacheslav Menjinsky, diretor da OGPU.

Yagoda começou dispensando atenções especiais ao Dr. Levin. Mandava-lhe vinhos importados, flôres para a sua senhora e vários outros presentes. Pôs uma casa de campo, desimpedida, à disposição do doutor. Quando o Dr. Levin viajava para o exterior, Yagoda permitia-lhes que trouxesse compras feitas fora do país sem pagar os impostos regulares. O médico sentia-se envaidecido e um tanto embaraçado com essas atenções desusadas de seu cliente.

Devido a essas maquinações o insuspeitoso Dr. Levin aceitara o que equivalia a suborno e cometera pequenas infrações das leis soviéticas. Então Yagoda chegou claramente ao ponto. Contou ao Dr. Levin que um movimento de oposição secreta, do qual era um dos líderes, estava às portas do poder na União Soviética. Os conspiradores, disse Yagoda, precisavam dos seus serviços. Certos líderes soviéticos, entre os quais alguns clientes do Dr. Levin, tinham de ser eliminados.

“Convença-se”, disse Yagoda ao médico aterrorizado, “que não pode deixar de me obedecer, não pode desvencilhar-se

de mim. Já que eu confiei em você para essa tarefa, você terá de executá-la. Não diga nada a ninguém acêrca desse assunto. Ninguém lhe dará crédito. Não acreditarão em você, mas em mim." Yagoda acrescentou: "Vamos interromper por hoje esta conversa: pense nisto em sua casa, e espere que eu o chamarei dentro de poucos dias."

O Dr. Levin descreveu posteriormente a sua reação às palavras de Yagoda e afirmou:

"Eu não podia exprimir a minha reação psicológica. Como era terrível para mim ouvir uma coisa dessas!... Creio que isso está claramente entendido. E depois, a incessante angústia mental... êle acrescentara: "Você sabe quem é que lhe está falando, de que instituição sou chefe." Repetiu que a minha recusa significaria a ruína para mim e para minha família. Concluí que não havia outro meio senão o de submeter-me."

O Dr. Levin ajudou Yagoda a arrolar os serviços de outro médico que também tratava freqüentemente de Menjinsky. Esse médico era o Dr. Ignaty N. Kazakov, cujos métodos terapêuticos pouco ortodoxos foram motivos de acesa controvérsia nos círculos médicos soviéticos durante o começo de 1930.

O Dr. Kazakov proclamou que descobrira um remédio quase infalível para uma grande lista de enfermidades por meio de uma técnica especial que êle denominava "lisatoterapia." O diretor da OGPU, Menjinsky, que sofria de angina pectoris e asma brônquica tinha grande fé nos tratamentos de Kazakov e submeteu-se a êles regularmente (67.)

(67) Aos 23 de dezembro de 1943, o Dr. Henry E. Sigerrist, professor de História da Medicina na Universidade de Johns Hopkins e extraordinária autoridade americana em História da Medicina, escreveu aos autores deste livro acêrca do Dr. Ignaty N. Kazakov: "Passei um dia inteiro com o Professor Ignaty N. Kazakov em sua clínica em 1935. Era um homem enorme com uma juba selvagem, parecendo mais um artista do que um cientista e dando a impressão de um cantor de ópera. Falando, dava a sensação de um gênio ou de um louco. Dizia ter descoberto um novo método de tratamento a que êle chamava lisatoterapia, mas recusava revelar como eram preparados êsses lisatos com os quais tratava grande variedade de pacientes. Ele motivava a sua

Segundo instruções de Yagoda, o Dr. Levin foi ver o Dr. Kazakov e lhe disse: Menjinsky é um cadáver ambulante. Você está é perdendo o seu tempo.

Kazakov olhou o seu colega com espanto.

— Tenho que falar com você em particular — disse Levin. “Sobre a saúde de Menjinsky...”

Depois Levin chegou ao ponto. — Pensei que você fôsse mais sagaz. Você ainda não me compreendeu — disse — estou surpreso de você ter empreendido o tratamento de Menjinsky com tanto zelo e de lhe ter melhorado a saúde. Você nunca devia ter-lhe possibilitado o regresso à atividade.

Em seguida, ante o pasmo e horror de Kazakov, Levin continuou:

— Você deve observar que Menjinsky atualmente é um “cadáver”, e, restaurando a sua saúde, dando-lhe possibilidade de voltar a trabalhar, você está-se opondo a Yagoda, Menjinsky está no caminho de Yagoda que está interessado em eliminá-lo o mais cedo possível. Yagoda é um homem que não se detém diante de coisa alguma.

Levin acrescentou:

— Nem uma palavra sobre isto a Menjinsky! Estou avisando-lhe, porque se transpirar alguma coisa, Yagoda acabará com você. Você não escapará, esconda-se onde se esconder. Mesmo que se enterrasse, Yagoda o apanharia.

Na tarde de 6 de novembro de 1933, Kazakov recebeu um chamado urgente da casa de Menjinsky. Quando chegou à casa do diretor da OGPU, deu com um cheiro pesado e sufocante de terebentina e tinta. Dentro de alguns minutos começou a sentir falta de ar. Um dos secretários

recusa com o argumento de que o método poderia ser desacreditado caso fôsse usado sem cautela e indiscriminadamente por outros, antes do ser inteiramente comprovado. As autoridades sanitárias soviéticas tiveram no caso uma atitude muito liberal e deram tôdas as facilidades clínicas e laboratórios para êle experimentar e desenvolver o seu método.

“O Professor Kazakov esperava a minha visita e no dia em que cheguei estava rodeado de grande número de clientes para fazer-me demonstrações. Foi um espetáculo que me causou muito má impressão. Eu vira curas miraculosas operadas por charlatães em outros países... Poucos anos depois evidenciou-se que o seu método não servia e que êle não era apenas doido, mas criminoso.”

de Menjinsky informou de que a casa tinha sido pintada de fresco e que tinha sido adicionado à tinta "uma substância especial" para que "a pintura secasse mais depressa." Era aquela "substância especial" que causava o cheiro pungente e destruidor.

Kazakov subiu. Encontrou Menjinsky em grande aflição. Sua condição brônquica tinha sido terrivelmente agravada pelos vapores. Estava em completo desalinho, com o rosto e o corpo inchados, mal podendo murmurar. Kazakov auscultou-o. Sua respiração era difícil e arrancada, com exalação grandemente prolongada, característica de um sério ataque de bronquite asmática. Kazakov imediatamente lhe aplicou uma injeção para reabilitá-lo. Depois escancarou tôdas as janelas do quarto e mandou o secretário abrir tôdas as portas e janelas da casa. Gradualmente o cheiro desapareceu. Kazakov permaneceu com Menjinsky até o mesmo sentir-se melhor. Quando passou o ataque, voltou para casa.

Apenas entrara em sua casa o telefone tilintou. Era um chamado do Q. G. da OGPU. Kazakov foi informado de que Henry Yagoda desejava vê-lo imediatamente. Um carro já estava a caminho para levá-lo ao escritório de Yagoda...

— Bem, como acha que vai a saúde de Menjinsky? — foi a primeira coisa que Yagoda lhe perguntou quando se encontraram a sós no gabinete. O pequeno, elegante e moreno vice-diretor da OGPU estava sentado atrás de sua escrivaninha, analisando friamente a expressão de Kazakov.

Kazakov replicou que com a renovação dos ataques asmáticos, o estado de Menjinsky era grave. Yagoda calou-se por um instante.

— Você falou com Levin?

— Sim, falei replicou Kazakov.

Yagoda levantou-se abruptamente de sua cadeira e começou a andar em frente da escrivaninha. Súbitamente, voltou-se, exclamando furiosamente: — Por que hesita? Por que não age? Quem mandou você se intrometer nos negócios dos outros?

— O que pretende de mim? — perguntou Kazakov.

— Quem pediu a você que desse auxílio médico a Menjinsky? disse Yagoda. — Você está perdendo tempo à toa. A sua vida não tem utilidade. Ele atrapalha tôda gente.

Ordeno-lhe que colabore com Levin para descobrir um método de tratamento pelo qual seja possível dar um fim, o mais rápido possível, à vida de Menjinsky! Depois de uma pausa, acrescentou: — Advirto que se tentar desobedecer-me, terei meios para liquidá-lo. Você não me escapará...

Para Kazakov, os dias que seguiram foram cheios de terror. Voltou para o seu trabalho como que alucinado. Deveria ou não relatar o que sabia às autoridades soviéticas? A quem poderia falar? Como poderia assegurar-se de não estar falando com um dos espões de Yagoda?

Levin, que o viu frequentemente durante êsse período, narrou a Kazakov a existência de uma vasta conspiração surda contra o govêrno soviético. Famosos e poderosos funcionários como Rykov e Pyatakov estavam metidos na conspiração; brilhantes escritores e filósofos como Karl Radek e Bukharin também se tinham aliado a ela; atrás havia elementos do exército. Se Kazakov prestasse algum serviço valioso Yagoda se lembraria disso quando estivesse no poder. Havia uma guerra secreta que se processava dentro da União Soviética, e os médicos tanto como outras pessoas, tinham de tomar partido...

Kazakov sucumbiu. Comunicou a Levin que executaria as ordens de Yagoda. Eis, segundo as próprias palavras de Kazakov, qual a técnica que êle e o Dr. Levin usaram para o assassinio do Diretor da OGPU, Viacheslav Menjinsky:

“Encontrei-me com Levin e juntos elaboramos o programa que consistia no seguinte. Primeiro: os produtos da decomposição hidrolítica de albumina possuem a propriedade de estimular o efeito dos medicamentos. Segundo: os lisatos aumentam a sensibilidade. Aproveitamo-nos dessas duas propriedades. Terceiro, tiramos proveito das peculiaridades do organismo de Menjinsky, da combinação da bronquite asmática e angina pectoris. É fato muito conhecido que no caso de uma bronquite asmática a chamada secção parassimpática do sistema nervoso vegetativo se excita. Daí, nos casos de bronquite asmática, prescrevem-se substâncias que excitam a secção correspondente, isto é, o simpático, a glândula tireóide. Esse preparado é o extrato da glândula supra-renal, um

preparado do *stratum* medular. No caso da angina pectoris é exatamente a secção simpática que parte do plexo subjugular do gânglio simpático que é excitado. Era esse o ponto principal de que nos aproveitamos...

Gradualmente, introduzimos uma série de preparados, enquanto deixamos outra de reserva... Foi necessário introduzir numerosos estimulantes cardíacos — digitalis, adônis, atrofanto — que estimulavam a atividade do coração. Esses medicamentos eram ministrados na seguinte ordem: primeiro, lisatos; depois, um intervalo no tratamento de lisatos; finalmente, estimulantes cardíacos. Como resultado desse tratamento, um debilitamento geral..."

Na noite de 10 de maio de 1934, Menjinsky morreu. O homem que tomou o seu lugar como chefe da OGPU foi Henry Yagoda.

"Nego que causando a morte de Menjinsky eu tenha sido guiado por motivos de ordem pessoal", confessou Yagoda depois. "Eu almejava o posto de chefe da OGPU, não por consideração pessoal, mas no interesse de nossa organização conspirativa."

3. Crime com garantia

A lista de assassínios do bloco das direitas e trotskistas incluía os seguintes altos líderes soviéticos: Stálin, Voróchilov, Kirov, Menjinsky, Molotov, Kuibychev, Kaganovitch, Górkí e Jdanov. Esses homens viviam todos vigiados. O governo soviético tinha longa e dura experiência de trato com os terroristas e por isto não facilitava. Yagoda sabia disso perfeitamente. Quando o organizador terrorista da direita, Yenukidze, lhe comunicou a decisão do Centro Terrorista Trotskista-Zinovievista de cometer o assassinio de Sergei Kirov, Yagoda a princípio observou, segundo suas palavras:

"Exprimi a minha apreensão de que um ato direto de terrorismo poderia expor não só a mim mesmo, mas a organização inteira. Mostrei a Yenukidze como

a morte de Menjinsky tinha sido levada a cabo com o auxílio dos médicos. Yenukidze replicou que o assassinio de Kirov devia ser realizado como tinha sido planejado, que os trotskistas e zinovievistas tinham tomado a incumbência desse crime, e que era tarefa nossa não lhe opor obstáculos. Quanto ao método seguro de matar com o auxílio dos médicos Yenukidze disse que brevemente o Centro discutiria a questão, para saber exatamente quais dos membros do Partido e do governo poderiam, em primeiro lugar, ser liquidados por esse método.”

Um dia, pelo fim de agosto de 1934, um jovem membro secreto da oposição de direita foi convocado ao gabinete de Yenukidze no Kremlin. Seu nome era Venyamin A. Maximov. Em 1928, quando estudante, Maximov freqüentara a “Escola Marxista Especial” que Bukharin dirigia em Moscou. Bukharin o tinha recrutado para a conspiração. Jovem sagaz e inescrupuloso, Maximov fôra cuidadosamente treinado pelos líderes de direita e, depois de formado, estivera em vários postos de secretaria. Na ocasião em que foi chamado ao gabinete de Yenukidze, Maximov era o secretário pessoal de Valerian V. Kuibychev, diretor do Supremo Conselho de Economia Nacional, membro do *Bureau* Político do Partido Comunista, e íntimo amigo e colaborador de Stálin.

Yenukidze informou Maximov que “enquanto outrora as direitas pensavam que o governo soviético poderia ser derribado com a organização de certas camadas anti-soviéticas mais esclarecidas da população, e particularmente os kulaks, agora a situação mudara... e era necessário proceder a métodos mais ativos para apoderar-se do governo.” Yenukidze descreveu as novas táticas da conspiração. De acordo com os trotskistas, disse êle, as direitas tinham adotado a decisão de eliminar numerosos de seus adversários políticos por meios terroristas. Isso deveria fazer-se “arruinando a saúde dos líderes.” Esse método, disse Yenukidze, era “o mais conveniente porque a morte pareceria o infeliz resultado de uma enfermidade grave e dêste modo possibilitaria a camuflagem da atividade terrorista das direitas.”

Yenukidze acrescentou que já estavam sendo feitos preparativos para isso. Contou a Maximov que Yagoda estava

atrás de tudo isso, protegendo os conspiradores. Maximov, como secretário de Kuibychev, devia ser utilizado no assassinio do diretor do Supremo Conselho de Economia Nacional. Kuibychev sofria de grave condição cardíaca, e os conspiradores projetaram tirar partido disso.

Maximov, diante dessa tarefa, demonstrou hesitação.

Poucos dias depois, Maximov foi chamado novamente ao gabinete de Yenukidze. Dessa vez, enquanto o assassinio de Kuibychev foi discutido com mais pormenores, havia outro homem sentado num canto da sala. Não proferiu palavra durante a conversação toda; mas o simples facto de sua presença chamou a atenção de Maximov. O homem era Henry Yagoda...

— O que esperamos de você — disse Yenukidze a Maximov, “é, primeiro, que dê aos médicos de Yagoda a oportunidade de ficarem à vontade para atender freqüentemente ao paciente, de sorte que não haja empecilhos nas suas visitas; e, em segundo lugar, no caso de recaída grave ou ataques não sejam chamados outros médicos.”

Pelo outono de 1934, a saúde de Kuibychev subitamente piorou. Ele sofria enormemente, sem poder fazer quase nada.

Levin descreveu mais tarde a técnica que, sob instrução de Yagoda, empregou durante a enfermidade de Kuibychev:

“O ponto vulnerável do seu organismo era o coração, e foi aí que trabalhamos. Sabíamos que o seu coração estivera em condição lastimável durante tempo considerável. Ele sofria de uma afecção dos vasos cardíacos, miocardite, e tinha leves ataques de angina pectoris. Em tais casos, é preciso poupar o coração, evitar estimulantes poderosos, que acelerariam excessivamente a atividade do coração e o levariam gradualmente ao debilitamento... No caso de Kuibychev, administramos estimulantes para o coração, sem intervalos, por um período prolongado, até o tempo de sua viagem à Ásia Central. De agosto até setembro ou outubro de 1934, demos-lhe injeções ininterruptamente, de extratos especiais de glândula endócrina e outros estimulantes cardíacos. Isso intensificou e amidiou os ataques de angina pectoris.”

As duas da tarde de 25 de janeiro de 1935, Kuibychév teve um violento ataque no seu gabinete no Conselho dos Comissários do Povo em Moscou. Maximov, que nessa ocasião estava com Kuibychév, tinha sido prevenido pelo Dr. Levin de que num caso como aquêlé, o correto seria fazer Kuibychév deitar-se e permanecer em absoluto repouso. Maximov fôra prevenido de que a sua incumbência seria fazer que Kuibychév fizesse exatamente o contrário. E persuadia o doente a que andasse em demanda de sua casa.

Pálido como um cadáver e movendo-se com extrema dificuldade, Kuibychév deixou o seu gabinete. Maximov chamou prontamente Yenukidze e contou-lhe o que acontecera. O líder da direita instruiu Maximov para que permanecesse calmo e não chamasse médico.

Kuibychév fêz penosamente a caminhada do edificio do Conselho dos Comissários do Povo até a sua casa. Devagar e com crescente mal-estar, subiu a escada para o seu apartamento no terceiro andar. Sua criada veio encontrá-lo à porta, e ao vê-lo, telefonou imediatamente para o gabinete, avisando que êle necessitava de cuidados médicos urgentes.

Mas na ocasião em que os médicos chegaram, Valerian Kuibychév tinha morrido.

4. "Necessidade histórica"

O mais brutal de todos os assassinios realizados sob a supervisão de Yagoda foi o de Maximo Górkí e seu filho Pechkov.

Górkí tinha 68 anos no tempo de sua morte. Era conhecido e venerado em todo o mundo, não apenas na Rússia, como o maior escritor vivo e um dos mais extraordinários humanistas. Ele sofria de tuberculose e de má condição cardíaca. Seu filho herdara uma extrema susceptibilidade a infecções respiratórias. Tanto Górkí como seu filho eram clientes do Dr. Levin.

O assassinio de Górkí e seu filho foi decido pelos líderes do bloco das direitas e trotskistas. Em 1934, Yagoda comunicou esta decisão ao Dr. Levin ordenando que a executasse.

“Górki é um homem muito ligado ao govêrno”, disse Yagoda ao Dr. Levin, “um homem muito dedicado à política realizada no país, muito dedicado pessoalmente a Stálin, um homem que nunca andará por onde andamos. Além disso, você sabe qual a autoridade das palavras de Górki tanto no país como além de nossas fronteiras. Você conhece a influência que êle exerce e quanto prejuízo causa ao nosso movimento pelas suas palavras. Você precisa concordar com isso e colherá os frutos mais tarde, quando o novo govêrno assumir o poder.”

Como Levin demonstrasse alguma perturbação ante essas instruções, Yagoda continuou: “Não há necessidade de sobresaltar-se. Você deve compreender que isso é inevitável, que é uma necessidade histórica, um estágio por que tem de passar a revolução, e você passará por êle junto conosco. Você há de ser uma testemunha disso e nos há de ajudar com todos os meios que estiverem à sua disposição.” (68.)

(68) A despeito da idade, Górki era odiado e temido pelos trotskistas. Sergeï Bessonov, mensageiro trotskista, relatou que já em julho de 1934. Trotsky lhe dissera: “Górki é muito íntimo de Stálin. Êle desempenha um papel excepcional conquistando a simpatia para a URSS entre a opinião democrática do mundo e especialmente na Europa Ocidental... Nossos antigos esteios na *Intelligentsia* estão desertando em massa sob a influência de Górki. Daí a necessidade de Górki ser eliminado. Transmita essa instrução a Pyatakov na forma mais categórica: Górki precisa ser fisicamente extirminado, custe o que custar.”

Os emigrados russos fascistas e terroristas, que trabalhavam com os nazistas, tinham também colocado Górki na lista dos líderes soviéticos que planejavam matar. A 1 de novembro de 1934, o número de *Za Rossiya*, órgão da Liga Nacional Russa da Nova Regeneração, publicado em Belgrado, Iugoslávia, declarou: “Kírov em Leningrado precisa ser liquidado. Também precisamos eliminar Kossior e Postychev no sul da Rússia. Irmãos fascistas, se não conseguem apanhar Stálin, matem Górki matem o poeta Demyan Bieni, matem Kagannovitch...”

O motivo que Yagoda tinha para assassinar o filho de Górki, Pechkov, não era apenas político. Anteriormente ao crime, Yagoda comunicou aos conspiradores que a morte de Pechkov seria um “golpe pesado” para Górki, o que o reduziria a um “velho desesperado.” Mas no seu julgamento em 1933, Yagoda pediu permissão à Côte para não revelar, publicamente as suas razões por ter assassinado Pechkov. Yagoda solicitou que lhe fôsse permitido dar o seu depoimento em uma das *sessões in camera*. O tribunal atendeu ao pedido. O Embaixador Davies, no seu livro *Missão em Moscou* dá uma possível explicação para o crime contra Pechkov: “Em tôrno disso corre a lenda de que Yagoda... se apaixonara pela jovem e linda mulher de Górki...”

Pechkov foi morto antes de seu pai. Levin disse mais tarde:

“Havia três sistemas no seu organismo que podíamos aproveitar muito facilmente. Eram: o sistema excepcionalmente excitável cárdio-vascular, seus órgãos respiratórios, herdados de seu pai, não que sofressem de tuberculose, mas porque muito fracos, e finalmente o sistema nervoso vegetativo. Mesmo uma pequena quantidade de vinho afetava o seu organismo, e apesar disso êle bebia grande quantidade...”

Levin trabalhou metódicamente no debilitamento do organismo de Pechkov que em meados de abril de 1934, apañou sério resfriado. Atacou-o a pneumonia.

Quando parecia que Pechkov ia recobrar a saúde, Yagoda ficou furioso. “Diabo”, exclamou êle, “êles são capazes de matar gente sã e não sabem liquidar um homem doente!”

Mas finalmente, graças aos esforços de Levin, chegou-se ao resultado almejado. Como êle mesmo confessou:

“O paciente se debilitara extremamente. Seu coração estava em condições abomináveis; o sistema nervoso, como sabemos, desempenha um papel tremendo durante distúrbios infecciosos. Ele estava totalmente enfraquecido e a enfermidade se agravava.

O progresso da doença acentuou-se porque foram eliminados os medicamentos capazes de proporcionar benefício ao coração, enquanto que, ao contrário, eram aplicados os que enfraqueciam. E finalmente... aos 11 de maio êle morreu de pneumonia.”

Maximo Górkí foi assassinado por métodos semelhantes. Durante 1935, as viagens freqüentes de Górkí fora de Moscou subtraíram-no às mãos do Dr. Levin, salvando-o temporariamente. Depois, no comêço de 1936, chegou a oportunidade esperada. Górkí contraiu uma gripe séria em Moscou. Levin deliberadamente agravou a condição de Górkí e, como no caso de Pechkov, sobreveio a pneumonia. Pela segunda vez, o Dr. Levin matou um seu paciente:

“Com respeito a Alexei Maximóvitch Górkí, a conduta foi a seguinte: usar medicamentos normalmente indicados, contra cujo uso não podia levantar-se suspeita, e que podiam ser usados para estimular a atividade cardíaca. Entre êsses medicamentos havia cânfora, cafeína, cardiasol, digaleno. Podemos aplicar êsses medicamentos num certo grupo de distúrbios cardíacos. Mas no caso nós os ministramos em doses tremendas. Assim, por exemplo, êle tomou pelo menos umas 40 injeções de cânfora... em 24 horas. Era uma dose muito forte para êle... Mais duas injeções de digaleno... Mais quatro injeções de cafeína... Mais duas injeções de estricnina.”

Aos 18 de junho de 1936 morria o grande escritor soviético.

CAPÍTULO XIX

DIAS DE DECISÃO

1. A guerra se aproxima do Ocidente

Pelo ano de 1935 os planos para o ataque conjugado teuto-japonês contra a União Soviética estavam muito adiantados. Os japoneses com os seus exércitos na Manchúria estavam empreendendo reiterados reides e incursões de “experiência” através das fronteiras orientais soviéticas. O alto comando alemão prosseguia nas suas negociações com os círculos militares poloneses-fascistas para obter uma aliança militar anti-soviética. As quinta-colunas nazistas estavam preparando-se nos países balcânicos e bálticos, na Áustria e Tcheco-Eslováquia. Diplomatas reacionários britânicos e franceses estimulavam entusiasticamente a prometida *Drang nach Osten* de Hitler...

Aos 3 de fevereiro, depois de discussões entre Pierre Laval e Sir John Simon, os governos francês e britânico anunciaram seu acôrdo para libertar a Alemanha nazista de certas cláusulas de desarmamento do Tratado de Versalhes.

Aos 17 de fevereiro o *London Observer* comentava:

“Por que a diplomacia de Tóquio está tão ativa no momento em Varsóvia e Berlim?... Moscou dá a resposta... As relações entre a Alemanha, Polónia e Japão tornam-se dia a dia mais estreitas. Em qualquer emergência êles chegariam a uma aliança anti-soviética.”

Na expectativa de que as suas armas seriam usadas contra a Rússia Soviética, o programa de rearmamento da Ale-

manha nazista era auxiliado quanto possível pelos estadistas anti-soviéticos na Grã-Bretanha e França.

A 1.º de março, depois de um plebiscito precedido de intenso terror e propaganda nazista entre os habitantes do distrito, o Sarre com suas minas carboníferas vitais foi entregue pela França à Alemanha nazista.

Aos 16 de março, o govêrno do Terceiro Reich repudiou formalmente o Tratado de Versalhes e comunicou aos embaixadores francês, britânico, polonês e italiano em Berlim um decreto nazista proclamando o "serviço militar obrigatório" na Alemanha.

Aos 13 de abril, Berlim anunciou sua intenção de criar uma frota aérea de bombardeiros pesados.

Aos 18 de junho, onze dias depois de assumir o pôsto de primeiro-ministro o *tory* Stanley Baldwin, foi anunciado um acôrdo naval anglo-germânico. Foi concedido à Alemanha nazista o direito de construir uma nova esquadra e "possuir uma tonelagem de submarinos igual à tonelagem submarina total dos membros da Comunidade Britânica de Nações." O acôrdo foi concluído depois de uma troca de cartas entre o ministro do Exterior nazi Joachim von Ribbentrop e o novo secretário britânico do Exterior, Samuel Hoare.

Aos 3 de novembro *L'Echo de Paris* relatou uma conferência que se realizava entre o banqueiro nazista, Dr. Hjalmar Schacht, o governador do Banco da Inglaterra, *Sir* Montagu Norman, e o governador do Banco de França, M. Tannery. Segundo o jornal francês, Schacht declarou na conferência:

"Não temos intenção de modificar nossas fronteiras ocidentais. Cedo ou tarde a Alemanha e a Polônia partilharão a Ucrânia, mas no momento nós nos satisfaremos com estender o nosso domínio nas províncias bálticas."

Aos 11 de novembro, o *New York Herald Tribune* observou:

"O *premier* Laval, que é também ministro do Exterior, é forte partidário de um acôrdo entre a III República Francesa e o III Reich Alemão, e diz-se que êle pretende rasgar o pacto franco-soviético, que foi assinado mas não ratificado pelo parlamento fran-

cês, em vista de um pacto pelo qual o regime de Hitler garantiria a fronteira oriental francesa em troca de completa liberdade de ação na região de Memel e na Ucrânia.”

Em face da crescente ameaça de guerra, o governo soviético reiteradamente apelava para a ação conjunta de todos os países ameaçados pela agressão nazista. Por várias vezes, ante a Liga das Nações e nas capitais da Europa, o comissário do Exterior soviético Maxim Litvinov frisou a necessidade da segurança e alianças coletivas entre as nações não-agressoras. Aos 2 de maio de 1935, o governo soviético assinou um tratado de mútua assistência com o governo da França e aos 16 de maio assinou tratado idêntico com o governo da Tcheco-Eslováquia.

“A guerra deve parecer a todos o mais ameaçador perigo de amanhã”, disse Litvinov na Liga das Nações. “A organização da paz, pela qual pouquíssimo se tem feito, é o que se impõe contra a organização extremamente ativa da guerra.”

Em outubro de 1935, com a anuência diplomática de Pierre Laval e Sir Samuel Hoare, os exércitos fascistas italianos de Mussolini invadiram a Etiópia...

A II Guerra Mundial, que se iniciara com o ataque do Japão na Manchúria em 1931, vinha aproximando-se do Ocidente (69.)

(69) Trotsky instruiu seus companheiros dentro da Rússia para que fizessem todo esforço possível no sentido de solapar as tentativas do governo soviético com relação ao pacto de segurança coletiva. No começo de 1935, Christian Rakovsky, o agente trotskista japonês que fôra antes o embaixador soviético em Londres e em Paris, recebeu em Moscou uma carta de Trotsky assinalando a necessidade “de isolar internacionalmente a União Soviética.” Nos entendimentos com países estrangeiros, escreveu Trotsky, os conspiradores russos devem ter em conta os vários elementos políticos. No caso dos “elementos de esquerda estrangeiros” era necessário “contar com os seus sentimentos pacifistas.” Com os “elementos de direita estrangeiros” o problema era mais simples: “Seus sentimentos contra a União Soviética são claros e definidos”, declarava Trotsky. “Com eles nós podemos falar francamente.”

Em maio de 1935, uma delegação francesa visitou Moscou para discutir o Pacto Franco-Soviético, Acompanhando a missão estava Emil Buré, editor do influente órgão parisiense da direita *D'Ordre*, com quem

No solo soviético a vanguarda fascista-secreta já lançara uma ofensiva maior contra o potencial de guerra do Exército Vermelho. Aliado com os agentes alemães e japoneses, o bloco das direitas e trotskistas começara sua campanha cuidadosamente planejada e sistemática, contra a indústria, transportes e agricultura soviéticos. O objetivo era solapar o sistema de defesa soviético que se preparava para a guerra próxima. A campanha de sabotagem total vinha sendo executada sob a supervisão experiente de Pyatakov.

“O terror é um método drástico”, disse Pyatakov numa reunião secreta das direitas e trotskistas em Moscou, “mas está longe de bastar. É necessário solapar as conquistas do poder soviético, solapar o prestígio do governo de Stálin e desorganizar a vida econômica... É preciso desenvolver de modo mais enérgico tôdas as nossas atividades. Temos de agir com a mais enérgica determinação. Temos de agir enérgica e persistentemente, sem nos determos diante de nada. Todos os meios são úteis e bons — é a diretiva de Trotsky, que o Centro Trotskista subscreveu!”

No outono de 1935, a operação das unidades de sabotagem nas localidades estratégicas da União Soviética galvanizara-se num esforço total. Nas novas indústrias pesadas nos Urais, nas minas de carvão de Donbas e Kuzbas, nas estradas de ferro, nas usinas de projetos de construção, os sabotadores trotskistas sob a direção de Pyatakov vinham desencadeando golpes simultâneos e poderosos contra os ramos mais vitais da produção soviética. Semelhantes atividades des-

Rakovsky se acamaradara quando embaixador na França. Rakovsky foi ver Buré no Hotel Metrôpole em Moscou. Ele comunicou a Buré que o Pacto Franco-Soviético vinha carregado de perigo e podia conduzir facilmente a “uma guerra preventiva por parte da Alemanha.” Acrescentou que essa era não apenas a sua opinião mas a de grande número de diplomatas e demais oficiais altamente colocados na União Soviética.

Para pesar de Rakovsky, Buré comunicou-lhe que se opunha inabalavelmente a toda tentativa de apaziguamento com a Alemanha nazista. “A França — disse Buré a Rakovsky — não pode permanecer isolada em face da crescente militarização da Alemanha. O agressor tem de ser submetido a camisa-de-fôrça; é o único meio de julgar a guerra.”

Mas desgraçadamente os Burés não tinham o contrôle total da política externa da França. O cabeça da missão francesa em Moscou era Pierre Laval...

trutivas, supervisionadas por Bukharin e outros líderes das direitas, efetuavam-se nas granjas coletivas, nas cooperativas, nas agências de exportação, finanças e comércio. Os agentes dos S. S. alemão e japonês estavam dirigindo muitas das fases da campanha de sabotagem.

Houve muitas operações de sabotagem efetuadas por agentes alemães e japoneses, das direitas e trotskistas, como mais tarde descreveram os próprios sabotadores:

Ivan Knyazev, trotskista e agente japonês, gerente do sistema ferroviário dos Urals:

“Com relação às atividades destrutivas que se desenvolvem nas estradas de ferro, e quanto à organização da destruição de trens, eu executei integralmente as instruções, visto que nesse assunto as instruções do S. S. militar japonês coincidem plenamente com as instruções que eu recebera algum tempo antes da organização trotskista... Aos 27 de outubro... ocorreu um desastre de trem em Chumika... um trem de tropas... e foi trabalho de nossa organização. O trem, viajando a grande velocidade, cerca de 40 a 50 quilômetros por hora, descarrilou de um trilho no qual estava parado um trem de carga com minérios. Vinte e nove soldados do Exército Vermelho mortos e vinte e nove feridos... 30 a 50 desastres foram organizados diretamente por nós... O S. S. japonês insistia sobre o uso de meios bacteriológicos em tempo de guerra com o objetivo de contaminar trens de tropas, cantinas e centros sanitários do exército com bacilos altamente virulentos...”

Leonid Serebryakov, trotskista, diretor assistente da administração das Estradas de ferro:

“Propusemo-nos a uma tarefa bastante concreta e definida: desarticular o tráfego de carga, reduzir a lotação diária com o aumento de carros vazios, impedir a autorização para os trens e máquinas correrem mais do que na sua baixíssima velocidade, impedir a utilização total do poder e capacidade de tração das locomotivas, e assim por diante.

... Por proposta de Pyatakov, Livchitz (agente japonês e trotskista) veio ver-me na Administração Central de Transportes Rodoviários. Ele era o chefe da E. F. Meridional... Informou-me que na E. F. Meridional havia um assistente, Zorin, que poderia desenvolver essa atividade... Livchitz e eu discutimos o assunto e chegamos à conclusão de que além das atividades das organizações no centro e nas províncias cujo efeito seria ocasionar confusão e caos nas ferrovias, era ainda necessário assegurar a possibilidade de bloquear as junções ferroviárias mais importantes nos primeiros dias de mobilização, criando nelas tal congestionamento que acarretasse o deslocamento do sistema de transporte e reduzisse a capacidade das junções ferroviárias.

Alexei Chestov, trotskista e agente nazista, membro da diretoria do Truste de Carvão Oriental e Siberiano:

“Nas minas de Prokopyevk empregou-se o sistema de câmaras e pilares, sem enchimento das cavidades feitas. Como resultado desse sistema tivemos mais de 50% de perda de carvão em vez dos 15 a 20% habituais. Em segundo lugar, como resultado disso, houve cerca de 60 explosões subterrâneas nas minas de Prokopyevk até o fim de 1935.

... Começamos aprofundar as escavações em tempo inadequado, particularmente na Perfuração Molotov; a Perfuração de Koksovaya de cem metros de profundidade foi deliberadamente deixada inacabada de 1938 em diante, e o aprofundamento da Perfuração Meneika não tinha começado no tempo devido... Na instalação do equipamento e da usina de energia subterrânea e de outra maquinaria, houve trabalho de obstrução em larga escala...

Stanislav Rataichak, trotskista e agente nazista, chefe da Administração Central da Indústria Química:

“De acôrdo com as minhas instruções, foram promovidas várias interrupções e uma atividade obstrutiva nas Obras de Gorlovka e duas outras interrupções — uma nas Obras de Nevsky e outra nas Obras Químicas Combinadas do Voskrossenski...”

Yakov Drobnis, trotskista, diretor-assistente das Obras de Kemerov:

“Desde o fim do julho de 1934, eu fôra incumbido de tôdas as atividades de destruição e obstrução no conjunto do Kuzbas... Eu morei na Ásia Central em 1933 e parti de lá em maio de 1934 porque o Centro Trotskista decidiu transferir-se para a Sibéria Ocidental. Como Pyatakov estava no pôsto em que podia transferir-se de um cargo para outro na indústria, esse problema pôde resolver-se facilmente...”

Uma das tarefas destrutivas do plano era a de distribuir fundos para medidas de importância secundária. Outra era a de protelar o trabalho de construção de modo a impedir o lançamento de departamentos importantes nas datas marcadas pelo govêrno...

A reprêsa do distrito fôra localizada de tal maneira que, se necessário fôssem dadas, poderia alagar a mina tôda. Além do que, o carvão fornecido era imprestável para o consumo, o que ocasionava explosões. Estas foram deliberadamente provocadas... e numerosos trabalhadores foram seriamente feridos.”

Mikhail Chernov, membro das direitas, agente do S. S. militar alemão, comissário da Agricultura na URSS:

“O S. S. alemão interessava-se especialmente pela organização de atividades destrutivas na esfera da criação de cavalos... para impedir o fornecimento de cavalos ao Exército Vermelho. Quanto a sementes, incluímos no programa a mistura de sementes. Misturávamos sementes de qualidade com outras inferiores, baixando conseqüentemente o rendimento das colheitas no campo...

Quanto à pecuária, o plano era matar o gado de raça e conseguir uma alta mortalidade do rebanho e para isso, impedir o desenvolvimento das provisões de forragens, infeccionar artificialmente o gado com várias modalidades de bactérias...

Para conseguir grande mortalidade nos rebanhos da Sibéria Oriental, ou instruí Ginsburg, chefe do Departamento de Veterinária, que pertencia à organização das direitas... Ele não devia fornecer serum anti-anthrax à Sibéria Oriental... Quando houve uma manifestação de anthrax em 1936, verificou-se que nenhum serum era mais eficiente, e o resultado disso foi a perda de 25.000 cavalos, seguramente.”

Vasily Charangovitch, membro das direitas, agente secreto polonês, secretário do Comitê Central do Partido Comunista da Bielo-Rússia:

“Empenhei-me em atividades destrutivas principalmente no âmbito da agricultura. Em 1932 nós, o ou pessoalmente, desenvolvemos extenso trabalho de destruição nessa esfera. Primeiramente, reduzindo o ritmo de coletivização...

Além do que, conseguimos prejudicar os celeiros... tomamos medidas para disseminar a praga entre os porcos, de onde resultou uma grande mortalidade de suínos; nós o conseguimos por meio de inoculações desastrosas nos porcos.

Em 1936 ocasionamos um surto de anemia entre os cavalos na Bielo-Rússia. Fizemo-lo intencionalmente, porque na Bielo-Rússia os cavalos são extremamente importantes para fins de defesa. Trabalhamos para destruir essa poderosa base que poderia ser utilizada no caso de uma guerra. Do que me recorde, 30.000 cavalos pereceram em conseqüência dessa medida.”

2. Uma carta de Trotsky

Pelo fim de 1935, com o clarão da guerra cada vez mais próximo, uma carta de Trotsky de há muito esperada foi entregue a Karl Radek em Moscou, por intermédio de

um portador especial. Vinha da Noruega (70.) Precipitadamente, Radek desdobrou-a e começou a ler. Trotsky deli-neava os pormenores do acôrdo secreto que estava em vés-peras de concluir com os governos da Alemanha e do Japão.

Depois de um preâmbulo insistindo sôbre a “vitória do fascismo alemão” e sôbre a iminência da “guerra mundial”, a carta atingia o seu tópico principal:

“Há duas variantes possíveis para a nossa ascen-são ao poder. A primeira é a possibilidade de nossa subida ao poder antes da guerra, a segunda, durante a guerra...

Devo admitir que a questão do poder só se tor-nará uma saída prática para o Bloco como resultado da derrota da URSS na guerra. Para isso o Bloco dependerá tôda a sua energia...”

Daí por diante, escrevia Trotsky, “as atividades obstru-tivas dos trotskistas nas indústrias de guerra” deveriam ser efetuadas sob a direta “supervisão dos altos comandos alemão e japonês.” Os trotskistas não empreenderão nenhuma “ati-vidade prática” sem primeiro obter o consentimento dos alia-dos alemão e japonês.

Para assegurar o pleno apoio da Alemanha e do Japão, sem o que seria “absurdo pensar em chegarmos ao poder”

(70) Em junho de 1935 o govêrno da Frente Popular da França expulsou Trotsky do solo francês. Trotsky foi à Noruega, onde instalou o seu terceiro quartel-general no exílio em uma vila remota e protegida nos arredores de Oslo. O Partido Trabalhista Norueguês — um grupo secessionista do Comintern — era um fator político poderoso na Noruega nessa ocasião e facilitou a entrada de Trotsky. Os companheiros de Trotsky na Noruega estavam empenhados em uma intensa campanha anti-soviética. Na extrema direita da política norueguesa nessa época figurava o anticomunista *Nasjonal Samling*, ou Partido de Unidade Nacional, chefiado pelo ex-ministro da guerra Major Vidkun Quisling, empenhado em idêntica e violenta agitação anti-soviética.

O Major Vidkun Quisling servira como adido militar norueguês em Leningrado. Em 1922-1923, foi enviado para tarefas “diplomáticas” na Ucrânia e na Criméia. Casou-se com uma mulher russo-branca. Em 1927, quando o govêrno britânico rompeu relações com a Rússia So-viética, o Major Quisling, então secretário da legação norueguesa em Moscou, ficou encarregado dos interêsses britânicos na Rússia. Pelos

o bloco das direitas e trotskistas deve estar disposto a fazer consideráveis concessões. Trotsky nomeava essas concessões:

“A Alemanha precisa de matérias-primas, víveres e mercadorias. Permitir-lhe-emos que participe da exploração do minério, manganês, ouro, petróleo, apatitas, e procuraremos abastecê-la por algum tempo de víveres e gorduras, por preço melhor do que os preços mundiais.

Cederemos ao Japão o petróleo das Sakalinas e garantiremos o seu abastecimento no caso de uma guerra com a América. Permitir-lhe-emos ainda a exploração de veios auríferos.

Atenderemos à solicitação da Alemanha, sem nos opormos a que ela se apodere dos países do Danúbio e dos Balcãs, nem impediremos que o Japão tome a China... Teremos de fazer, inevitavelmente, concessões territoriais. Cederemos a Província Marítima e a região de Amur ao Japão, e a Ucrânia à Alemanha.”

A seguir a carta de Trotsky dolineava a modalidade de regime que seria estabelecido na Rússia depois da derrocada do governo soviético:

“É preciso compreender que sem conduzir a estrutura social da URSS, até certo ponto, dentro da

seus trabalhos nessa época, Quisling foi nomeado posteriormente Comandante Honorário do Império Britânico.

Em 1930 o governo soviético recusou permitir que Quisling regressasse à Rússia alegando que ele exercera atividades subversivas no solo soviético.

Terminadas as suas atividades “diplomáticas” na União Soviética, Quisling começou a organizar um grupo pseudo-radical na Noruega, que se tornou logo abertamente fascista. Há muito tempo, o próprio Quisling, era agente secreto do S. S. alemão, e líder da quinta-coluna da Noruega, que incluía grande número de importantes elementos trotskistas.

Na Noruega, como em todo país em que havia células trotskistas organizadas, muitos dos membros trotskistas não sabiam das ligações secretas entre os líderes trotskistas e os S. S. do Eixo. No fim, Trotsky conseguiu atrair numerosos “revolucionários mundiais” que acreditavam na sua integridade. Esses indivíduos foram muito úteis a Trotsky quer como propagandistas anti-soviéticos, quer como organizadores e apologistas da sua causa.

linha dos estados capitalistas, o govêrno do bloco será incapaz de manter-se no poder...

A admissão do capital alemão e japonês nas explorações da URSS criará importantes interesses capitalistas no território soviético. As camadas das aldeias que não renunciaram à psicologia capitalista e estão descontentes com as granjas coletivas, gravitarão em tôrno d'esses capitais. Os alemães e japoneses pedirão que aliviemos a atmosfera nos distritos rurais; então teremos que fazer-lhes concessões e autorizar a dissolução ou remoção das granjas coletivas."

Politicamente, assim como territorial e econômicamente haverá mudanças drásticas na nova Rússia:

"Não será possível falar em democracia. A classe trabalhadora viveu durante 18 anos na Revolução e tem grandes ambições; terá de ser recambiada, em parte, às indústrias particulares e às do Estado que terão de competir com o capital estrangeiro em condições muito difíceis. Isso significa que o seu padrão de vida baixará drasticamente. No campo renovar-se-á a luta dos camponeses pobres contra o kulak. E finalmente, para deter o poder, teremos necessidade de um govêrno forte, sem levar em conta qual seja a forma empregada para mascará-lo."

A carta de Trotsky concluía:

Acceptaremos tudo, mas continuaremos vivos e no poder, isso devido à vitória d'esses dois países (Alemanha e Japão) e como resultado da pilhagem e do lucro, surgirá um conflito entre êsses países e os demais, o que levará a um novo desenvolvimento, a nossa *revanche*."

Radek leu a carta de Trotsky entre sentimentos mesclados. "Depois de ter lido essas diretivas", disse êle mais tarde, "pensei nelas a noite tôda... era claro para mim que embora as diretivas contivessem todos os elementos anteriores, embora êsses elementos tivessem amadurecido de tal mo-

do... era ilimitado o que Trotsky propunha agora... Nós deixávamos de ser, de algum modo, senhores de nossos próprios atos.”

Na manhã seguinte Radek mostrou a carta do Trotsky a Pyatakov. “É necessário encontrar-me com Trotsky de qualquer modo que seja”, disse Pyatakov. Ele estava para deixar a União Soviética em missão oficial, e estaria em Berlim dentro de poucos dias. Radek enviaria uma mensagem urgente informando acerca da viagem de Pyatakov e pedindo a Trotsky que o procurasse em Berlim o mais cedo possível.

3. Um vôo a Oslo

Pyatakov chegou a Berlim aos 10 de dezembro de 1935. A mensagem de Radek a Trotsky precedera-o, e um portador estava esperando para entrar em contacto com Pyatakov logo após a sua chegada à capital nazista.

O portador era Dmitri Bukhartsev, trotskista e correspondente do *Izvestia* em Berlim. Bukhartsev, disse a Pyatakov que um homem chamado Stirner trazia comunicações de Trotsky. Stirner, como explicou o portador, era o “homem de Trotsky” em Berlim (71.)

Pyatakov seguiu com Bukhartsev até uma das travessas em Tiergarten. Um homem estava esperando por eles. Era “Stirner”, que entregou a Pyatakov uma nota de Trotsky. A nota dizia: “Y. L. (iniciais de Pyatakov) o portador merece *tôda a confiança.*”

Desembaraçadamente, Stirner declarou que Trotsky estava ansioso por ver Pyatakov e o instruíra para que isso se realizasse. Estava disposto a viajar de avião até Oslo, na Noruega?

Pyatakov compreendeu perfeitamente, o risco de ser descoberto envolvendo-se nessa viagem. Todavia, êle propusera-se a ver Trotsky custasse o que custasse. Por isso respondeu afirmativamente. Stirner disse a Pyatakov que estivesse no aeroporto Tempelhof na manhã seguinte.

(71) *Stirner* era apenas outro pseudônimo do secretário trotskista e espião internacional Karl Reich, aliás Johanson.

Quando Pyatakov perguntou pelo passaporte, Stirner replicou. "Não se afobe. Arranjarei tudo. Tenho conhecidos em Berlim."

À hora marcada na manhã seguinte, Pyatakov foi ao aeroporto Tempelhof. Stirner o estava esperando à entrada. Fêz sinal a Pyatakov para que o seguisse. Quando se encaminhavam para o campo, Stirner mostrou o passaporte que arranajara. Fôra concedido pelo govêrno nazista.

Na pista, um avião estava à espera, pronto para partir . . .

Nessa tarde o avião aterrou num campo próximo à cidade de Oslo. Um automóvel estava à espera de Pyatakov e Stirner. Andaram de auto por uma meia hora até atingirem um subúrbio rural nos arredores de Oslo. O carro parou diante de uma casa pequena. Na casa, Trotsky estava esperando para receber o seu velho amigo.

Os anos amargurados de exílio tinham transformado o homem que Pyatakov considerava o seu líder. Trotsky parecia mais velho do que os seus 50 e poucos anos. Seu cabelo e barba estavam grisalhos. Estava recurvo. Atrás do *pince-nez* os seus olhos brilhavam com intensidade quase maníaca.

Perderam poucas palavras com saudações. Por ordem de Trotsky, êle e Pyatakov ficaram sôzinhos na casa. A conversação durou duas horas. Pyatakov começou fazendo um informe do estado dos negócios na Rússia. Trotsky o interrompia continuamente com seus comentários ferinos e sarcásticos.

"Vocês não podem desligar-se do cordão umbilical de Stálin!" exclamou êle. "Vocês tomam a construção de Stálin pela construção socialista." Trotsky censurou Pyatakov e os demais companheiros russos por falarem demais e realizarem muito pouco. "Com efeito", disse Trotsky ásperamente, "vocês estão perdendo muito tempo com discussões de problemas internacionais; vocês fariam melhor em se dedicarem aos seus próprios problemas que vão indo muito mal! Quanto aos problemas internacionais, sei muito melhor do que vocês o que importa!"

Trotsky reiterou a sua convicção de que o colapso do Estado Stalinista era inevitável. O fascismo não toleraria por muito tempo mais o desenvolvimento do poder soviético.

Os trotskistas na Rússia enfrentavam esta alternativa: ou

“perecer sob as ruínas do Estado de Stálin” ou galvanizar tôdas as suas energias num esforço total para esmagar o regime de Stálin. Não deve haver hesitação em aceitar a direção e ajuda dos altos comandos alemão e japonês nessa luta crucial.

Um embate militar entre a União Soviética e as potências fascistas era inevitável, acrescentou Trotsky, e não para um futuro remoto, mas logo — muito logo. “A data da declaração de guerra já foi fixada”, disse Trotsky. “Será no ano de 1937.”

Era claro para Pyatakov que Trotsky não inventara essas informações. Trotsky revelou então a Pyatakov que há pouco êle “encaminhara negociações um tanto longas com o vice-diretor do Partido Nacional-Socialista Alemão — Hess.”

Como resultado dessas negociações com o representante de Adolfo Hitler, Trotsky entrara “em acôrdo absolutamente definitivo” com o govôrno do III Reich. Os nazistas estavam prontos para ajudar os trotskistas a assumirem o poder na União Soviética.

“Não é preciso dizer”, comunicou Trotsky a Pyatakov, “que essa atitude favorável não é devido a nenhum amor particular aos trotskistas. Ela provém simplesmente dos interesses reais dos fascistas e do que prometemos fazer por êles caso chegemos ao poder.”

Concretamente, o acôrdo que Trotsky concluía com os nazistas consistia em cinco pontos. Em troca da ajuda da Alemanha para que os trotskistas tomassem o poder na Rússia, Trotsky concordava:

1. em garantir uma política geralmente favorável em relação ao govôrno alemão e a colaboração necessária com êle nas questões mais importantes de caráter internacional;
2. em concessões territoriais (a Ucrânia);
3. em permitir aos industriais alemães, sob a forma de concessões (ou outras formas quaisquer) a exploração de emprêsas na URSS que fôssem essenciais como complementos da economia alemã (ferro, manganês, petróleo, ouro, madeira, etc.);
4. em criar na URSS condições favoráveis às atividades das emprêsas privadas alemãs;

5. em desenvolver durante a guerra extensas atividades obstrutivas nas emprêsas de indústria bélica e na frente de batalha.

Essas atividades obstrutivas seriam efetuadas por instrução de Trotsky, com o consentimento do estado-maior alemão."

Pyatakov, como principal lugar-tenente de Trotsky na Rússia, julgou que êsse entendimento franco com o nazismo seria difícil de explicar aos membros do Bloco das Direitas e Trotskistas.

"Coisas de programa não precisam ser apresentadas aos membros do Bloco em todos os seus pormenores", declarou Trotsky impacientemente. Isso serviria apenas para assustá-los."

O conjunto da organização não precisava saber nada acêrca do entendimento pormenorizado que se efetuara com as potências fascistas. "Não é necessário nem é interessante divulgar isso", disse Trotsky, "nem mesmo comunicá-lo a um número considerável de trotskistas. Apenas um pequenino número poderá ser informado em ocasião propícia."

Trotsky continuou salientando a urgência do fator tempo.

"É coisa para um tempo relativamente curto", insistiu êle. "Se perdemos esta oportunidade, surgirá o perigo, de um lado, da completa liquidação dos trotskistas no país, e de outro lado, da existência dessa monstruosidade, que é o Estado de Stálin, e isso durante décadas, sustentado em certas bases econômicas, e particularmente pelos novos e jovens quadros que cresceram e se foram habituando a considerar êsse Estado como legítimo, como um Estado socialista, como um Estado soviético — visto que não sabem como seja possível conceber-se outra forma de Estado! Nossa tarefa é destruí-lo.

"Olhe", concluiu Trotsky ao aproximar-se a hora da partida de Pyatakov, "houve um tempo em que os social-democratas todos olhavam o desenvolvimento do capitalismo como um fenômeno progressivo, positivo... Mas nós tínhamos tarefas diferentes, a saber, organizar a luta contra o capitalismo, exaltar os seus coveiros. E assim é que nos poremos ao lado de Stálin não para ajudá-lo mas para destruir o seu Estado."

Ao fim de duas horas, Pyatakov deixou Trotsky na pequena casa nos arredores de Oslo e voltou a Berlim como viera — num avião particular, munido de um passaporte nazista.

4. Hora Zero

A II Guerra Mundial, que Trotsky predisse romperia na Rússia Soviética em 1937, já alcançara a Europa. Após a invasão da Etiópia por Mussolini, os acontecimentos se precipitaram. Em junho de 1936, Hitler remilitarizou a Renânia. Em julho os fascistas organizaram na Espanha um *Putsch* de oficiais espanhóis contra o govêrno republicano. Sob o pretexto de “combate ao bolchevismo” e de “supressão da revolução comunista”, tropas alemãs e italianas desembarcaram na Espanha para ajudar a revolta dos oficiais. O líder fascista espanhol, Francisco Franco marchou sobre Madri. Quatro colunas marcham sobre Madri”, gabava-se o bêbado general fascista Queipo de Llano. “A quinta-coluna está esperando para saudar-nos dentro da cidade!” Era a primeira vez que o mundo ouvia a palavra fatídica — “quinta-coluna.” (72.)

Adolfo Hitler, dirigindo-se a milhares de soldados no Congresso do Partido Nazista em Nuromberga, aos 12 de se-

(72) No tempo do levante de Franco na Espanha, sustentado pelo Eixo, (1936-1938), Andreas Nin chefiava uma organização espanhola pró-Trotsky, ultra-esquerdista, denominada Partido Operário de Unificação Marxista, ou P. O. U. M. Oficialmente, não era filiada à IV Internacional de Trotsky. Suas fileiras, entretanto, estavam cheias de trotskistas. E não poucas vêzes, como na atitude com relação à União Soviética e à Frente Popular, o POUM aderira estritamente à política de Leon Trotsky.

No campo da revolta de Franco, o amigo de Trotsky, Nin, era ministro da Justiça na Catalunha. Declarando-se a serviço da causa antifascista o POUM, exercia uma ilimitada propaganda e agitação contra o govêrno republicano espanhol durante as hostilidades na Espanha. A princípio acreditou-se que as atividades oposicionistas de Nin eram de caráter puramente “político”, visto que membros do POUM davam explicações “revolucionárias” à sua oposição ao govêrno espanhol. Mas quando o POUM se empenhou numa revolta abortiva em Barcelona

tembro, proclamou públicamente a sua intenção de invadir a União Soviética:

“Estamos prontos para qualquer momento!” exclamou Hitler. “Eu não posso permitir estados arruinados à soleira de minha porta!... Se eu tivesse os Montes Urais com seu incalculável reservatório de tesouros e matéria-prima, a Sibéria com as suas florestas e a Ucrânia com os seus tremendos campos de trigo, a Alemanha e o governo nacional-socialista nadariam na prosperidade!”

Aos 25 de novembro de 1936, o ministro nazista das Relações Exteriores, Ribbentrop, e o embaixador japonês na Alemanha, M. Mushakoji, assinaram o Pacto Anti-Comintern em Berlim, comprometendo-se a unir suas forças para um ataque contra o “bolchevismo mundial.”

Ciente do perigo iminente, o governo soviético iniciou uma súbita contra-ofensiva ao inimigo interno. Durante a primavera e verão de 1936, numa série de batidas violentas em todo o país, as autoridades soviéticas caíram em cima dos espões nazistas, organizadores trotskistas e das direitas, terroristas e sabotadores. Na Sibéria um agente nazista chamado Emil Stichling foi prêsso, e descobriram que êle vinha dirigindo atividades de sabotagem nas minas de Kemerov em colaboração com Alexei Chestov e outros trotskistas. Em Leningrado, outro agente nazista, Valentine Olberg, foi apanhado. Olberg não era só agente nazista, mas também um dos emissários especiais de Trotsky. Êle tinha

atrás das linhas legalistas, no verão crucial de 1937, e apelou para “uma ação resoluto para derribar o Governo”, ficou claro que Nin e os demais líderes do POUM eram agentes fascistas que trabalhavam com Franco e exerciam sistemática campanha de sabotagem, espionagem e terrorismo contra o governo espanhol.

Aos 23 de outubro de 1937, o chefe de Polícia de Barcelona Tenente-coronel Burillo, publicou pormenores da conspiração do POUM, descoberta na Catalunha. Documentos secretos descobertos pela polícia de Barcelona provavam que membros do POUM estavam envolvidos em vasta espionagem em favor dos fascistas; que êles interferiam nos transportes de suprimento ao exército republicano e que sabotavam as operações militares na fronteira. “Os atentados contra as vidas de importantes figuras do exército popular ainda estavam sendo investigados”, continuou dizendo o Tenente-coronel Burillo em seu relatório. “Além do que, a organização continuava planejando um atentado contra a vida de um ministro da República...”

contacto com Fritz David, Nathan Lurye, Konon, Berman-Yurin e outros terroristas. Um após outro, os líderes da primeira "camada" da conspiração iam sendo detidos.

Uma mensagem em código que Ivan Smirnov contra-bandeara da prisão para os seus co-conspiradores foi interceptada pelas autoridades soviéticas. Os terroristas trotskistas Ephraim Dreitzer e Sergei Mrachkovsky foram presos.

Uma ansiedade febril atacou os conspiradores russos. Agora tudo dependia do ataque externo. Os esforços de Yagoda para deter as investigações oficiais iam tornando-se dia a dia mais ineficientes. "Parece que Yejov está chegando ao fundo do caso de Leningrado!" comunicou Yagoda nervosamente ao seu secretário, Bulanov.

Um dos homens de Yagoda, um agente da NKVD chamado Borisov, foi abruptamente chamado ao Q.G. de investigação especial no Instituto Smolny em Leningrado para interrogatório. Borisov desempenhara papel preponderante nos preparativos do assassinio de Kirov. Yagoda desesperou. Enquanto era conduzido ao Instituto Smolny, Borisov foi morto num "acidente de automóvel . . ."

Mas a eliminação de uma só testemunha não era o suficiente, a investigação oficial prosseguiu. Diariamente, novas prisões eram anunciadas. Peça por peça, as autoridades soviéticas iam desmontando a intricada máquina de conspiração, traição e assassinio. Em agosto, quase todos os membros líderes do Centro Terrorista Trotskista-Zinovievista tinham sido presos. O governo soviético anunciou que novas provas sensacionais tinham vindo à luz como resultado da investigação especial do crime de Kirov. Kamenev e Zinoviev foram levados a novo julgamento.

O julgamento começou aos 19 de agosto de 1936, na Sala de Outubro da Casa dos Sindicatos em Moscou, perante o Collegium Militar da Suprema Corte Soviética da URSS. Zinoviev e Kamenev, trazidos da prisão onde cumpriam pena de seu processo anterior, enfrentaram o tribunal juntamente com 14 de seus antigos sócios em tarefas de traição. Os demais acusados eram os outrora líderes da guarda de Trotsky, Ivan Smirnov, Sergei Mrachkovsky e Ephraim Dreitzer; o secretário de Zinoviev, Grigori Evdokimov e seu auxiliar, Ivan Bakayev; e cinco emissários terroristas especiais de Trotsky,

Fritz David, Nathan Lurye, Moissey Lurye, Konon Berman-Yurin e Valentine Olberg.

O julgamento — o primeiro dos chamados “Julgamentos de Moscou” — revelou e desarticulou o Centro Terrorista, primeira camada do aparelho conspirativo. Ao mesmo tempo demonstrou que o *complot* contra o regime soviético ia muito além e envolvia forças muito mais importantes do que os terroristas trotskistas-zinovievistas em julgamento.

Prosseguindo o julgamento, o povo vislumbrou pela primeira vez a íntima relação que se desenvolveu entre Leon Trotsky e os líderes da Alemanha nazista. O interrogatório feito pelo promotor A. Y. Vichinsky a Valentine Olberg, trotskista alemão que tinha sido enviado à União Soviética, pelo próprio Trotsky, trouxe à luz do dia alguns fatos espantosos:

- VICHINSKY. O que sabe acêrca de Friedmann?
- OLBERG. Friedmann foi membro da organização trotskista em Berlim, e foi também enviado à União Soviética.
- VICHINSKY. Está ciente da ligação de Friedmann com a polícia secreta alemã?
- OLBERG. Ouvira falar nisso.
- VICHINSKY. A ligação entre os trotskistas alemães e a polícia alemã — era coisa sistemática?
- OLBERG. Sim, era sistemática e fazia-se com o consentimento de Trotsky.
- VICHINSKY. Como sabe que se fazia com o conhecimento e consentimento de Trotsky?
- OLBERG. Uma das linhas de ligação era eu quem mantinha. Minha ligação fôra estabelecida com a sanção de Trotsky.
- VICHINSKY. Sua ligação pessoal com quem?
- OLBERG. Com a polícia secreta fascista.
- VICHINSKY. Assim pode dizer-se que o acusado admite ligações pessoais suas com a Gestapo?
- OLBERG. Não posso negá-lo. Em 1933 começou-se a organizar ligação sistemática entre os trotskistas alemães e a polícia fascista alemã.”

Olberg descreveu ao tribunal como obteve o passaporte forjado na América do Sul com o qual entrou na União Soviética. Ele o obtivera, disse, por intermédio de Tuka-levsky (73), agente da polícia secreta alemã em Praga. Ol-

(73) Não confundir com o General Tukhachevsky.

berg acrescentou que para obter êsse passaporte recebera ajuda do seu irmão, Paul Olberg.

— Tinha o seu irmão alguma ligação com a Gestapo?

— Ele era agente de Tukalevsky.

— Agente da polícia fascista?

— Sim, replicou Olberg.

O emissário de Trotsky, Nathan Lurye, contou ao tribunal como recebera instruções antes de deixar a Alemanha para que, chegando à União Soviética, trabalhasse com o engenheiro-arquiteto alemão, Franz Weitz.

— Quem é Franz Weitz? — perguntou Vichinsky.

— Franz Weitz é membro do Partido Nazista da Alemanha, disse Lurye. — Ele fôra à URSS com instruções de Himmler que na ocasião era chefe do S. S. e posteriormente veio a ser chefe da Gestapo.

— Franz Weitz era seu representante?

— Franz Weitz chegou à URSS com instruções de Himmler para exercer atividade terrorista.

Mas foi depois do depoimento de Kamenev que os líderes do Bloco das Direitas e Trotskistas viram que a sua situação era desesperadora. Kamenev denunciou a existência de outras "camadas" do aparelho conspirativo.

"Sabendo que podíamos ser descobertos", disse Kamenev ao tribunal, "nós designamos um pequeno grupo para continuar nossas atividades terroristas. Para isso foi designado Sokolnikov. Pareceu-nos que da parte dos trotskistas êsse papel seria desempenhado vantajosamente por Serebryakov e Radek... Em 1932, 1933 e 1934 eu mantive pessoalmente relações com Tomsky e Bukharin e sondei seus sentimentos políticos. Eles simpatizavam conosco. Quando eu interroguei Tomsky acêrca da opinião de Rykov, êle replicou: Rykov pensa como você. Em resposta à minha pergunta sôbre como Bukharin pensava, êle disse: Bukharin pensa como eu, mas está empregando táticas um tanto diferentes. Ele não concorda com a linha do Partido, mas está empregando a tática de se enraizar persistentemente no Partido e conquistar assim a confiança pessoal do govêrno."

Vários dos acusados pediram mercê. Outros pareciam resignados com a sua sorte. "A importância política e o passado de cada um de nós não são os mesmos", disse Ephraim Dreitzer, antigo líder da guarda de Trotsky. Mas tendo

sido assassinos, tornamo-nos todos iguais aqui. Eu, seja como fôr, sou um dos que não tem direito algum de pedir nem de esperar mercê.”

A estas últimas palavras o terrorista Fritz David exclamou: “Amaldição Trotsky! Maldigo êsse homem que arruinou a minha vida e impeliu-me a crimes hediondos!”

Na tarde de 23 de agosto o Collegium Militar da Suprema Côrte Soviética promulgou o seu veredito, Zinoviev, Kamenev, Smirnov, e os outros 13 membros do Bloco Terrorista Trotskista-Zinovievista foram sentenciados ao fuzilamento por suas atividades de traição e terrorismo.

Uma semana depois, Pyatakov, Radek, Sokolnikov e Se-rebryakov foram presos. Aos 27 de setembro, Henry Yagoda foi destituído de seu posto de Diretor da NKVD. Seu lugar foi ocupado por N. Í. Yejov, chefe do comitê especial de investigação da Comissão Central de Contrôle do Partido Bolchevique. No dia anterior ao de sua destituição, Yagoda fêz uma última e desesperada tentativa para envenenar o seu sucessor, Yejov. O atentado falhou.

Era a hora para os conspiradores russos. Os líderes da direita, Bukharin, Rykov e Tomsy, esperavam diariamente a sua prisão. Pediram ação imediata, sem esperar pela guerra. O chefe sindical da direita, Tomsy, tomado de pânico, propôs um ataque armado imediato contra o Kremlin. Era loucura arriscar tanto. As forças ainda não estavam preparadas para tamanha aventura.

Uma reunião final dos líderes do Bloco das Direitas e Trotskistas, pouco antes da prisão de Pyatakov e Radek, decidiu a preparação de um golpe armado. A organização desse golpe e a direção de todo o aparelho conspirativo foram colocadas em mãos de Nicolai Krestinsky, assistente do comissário dos Negócios Exteriores. Krestinsky não se expusera como os outros, era provavelmente insuspeito e mantivera íntima ligação com Trotsky e os alemães. Ele estaria capacitado a prosseguir no caso de Bukharin, Rikov e Tomsy serem presos.

Como seu representante e imediato, Krestinsky escolheu Arkady Rosengoltz, que recentemente voltara de Berlim a Moscou, tendo chefiado em Berlim a Comissão de Comércio Exterior Soviético durante vários anos. Homem alto, esbelto, compleição atlética, tendo detido vários postos importantes

na administração soviética, Rosengoltz mantivera a sua filiação trotskista em cauteloso sigilo. Unicamente Trotsky e Krestinsky sabiam do papel de Rosengoltz como trotskista e como agente do S. S. militar alemão até 1923. . . (74.)

Dêsse tempo em diante, o contrôle direto do Bloco das Direitas e Trotskistas estêve nas mãos de dois trotskistas que tinham sido agentes germânicos: Krestinsky e Rosengoltz. Após uma longa discussão, ambos decidiram que tinha chegado o tempo de a quinta-coluna russa jogar a sua derradeira cartada.

A última cartada seria o *Putsch* militar. O homem escolhido para dirigir o levante armado foi o Marechal Tukhachovskiy, comissário-assistente de Defesa da URSS.

(74) Rosengoltz servira como comandante do Exército Vermelho durante a guerra de intervenção. Depois da guerra, foi enviado a Berlim como agente comercial da embaixada soviética. Em 1923, Trotsky o pôs em contacto com o S. S. M. alemão. Em troca do dinheiro concedido para financiar o trabalho trotskista ilegal, Rosengoltz forneceu aos alemães dados concernentes à força aérea soviética junto à qual Trotsky, como comissário de Guerra, tinha acesso. Rosengoltz não teve papel saliente na oposição trotskista. Em 1934, Bessonov trouxe-lhe uma mensagem de Trotsky aconselhando-o e dizendo que chegara o tempo de agir menos cautelosamente e iniciar "trabalho ativo no âmbito do comércio exterior." Rosengoltz foi comissário do Comércio Exterior na Comissão Soviética de Comércio em Berlim. Por um curto tempo, êle pôde dirigir o comércio soviético através de canais benéficos à Alemanha nazista e, mais tarde, ao Japão. No começo de 1936, Rosengoltz fora chamado novamente para Moscou.

CAPÍTULO XX

O FIM DO ATALHO

1. Tukhachevsky

Novamente, o fantasma do Corso vinha apavorando a Rússia. O novo candidato para o papel era o corpulento e taciturno Marechal Mikhail Tukhachevsky, antigo oficial czarista e filho de nobres latifundiários, que se tornara um dos líderes do Exército Vermelho.

Quando ainda jovem, apenas formado pela Academia Militar de Alexandrovsky, Tukhachevsky predizia: "Ou serei general aos trinta anos ou suicidar-me-ei." Ele lutou como oficial no exército do czar na I Guerra Mundial. Em 1915 foi aprisionado pelos alemães. Um oficial francês, o Tenente Fervaque, que foi companheiro de prisão de Tukhachevsky, descreveu mais tarde o oficial russo como um negligente e ambicioso. Sua cabeça estava forrada de filosofia nietzschiana. "Odeio Vladimir, o Santo que introduziu o Cristianismo na Rússia, entregando assim a Rússia à civilização ocidental" exclamava Tukhachevsky. "Deveríamos ter permanecido em nossa barbárie cruel, em nosso paganismo. Mas tudo isso voltará, tenho certeza!" Falando da revolução na Rússia, Tukhachevsky dizia: "Muitos desejam-na. Somos um povo frouxo, mas profundamente destrutivo. Houvesse uma revolução, sabe Deus onde iríamos parar. Penso que um regime constitucional significaria o fim da Rússia. Necessitamos de um déspota!"

Nas vésperas da Revolução Bolchevique, Tukhachevsky escapou do cativeiro alemão e voltou à Rússia. Uniu-se aos seus companheiros de oficialato do exército do czar que estavam organizando os exércitos brancos contra os bolcheviques.

Inesperadamente, mudou de partido. A um de seus amigos, o capitão-branco Dmitri Golum-Bek, Tukhachevsky confiou a sua decisão de abandonar a causa branca. "Perguntei-lhe o que ia fazer", recordou mais tarde Golum-Bek. "Ele disse: Vou passar para os bolcheviques. O exército branco não pode fazer nada. Nós não temos chefe. Ele andou durante alguns minutos e exclamou: Se não quiser, não me siga, mas eu penso que estou certo. A Rússia vai mudar!"

Em 1918, Tukhachevsky ingressou no Partido Bolchevique. Ele achou logo o seu lugar entre os aventureiros que cercavam o comissário de Guerra, Trotsky; mas teve o cuidado de não se comprometer muito profundamente nas intrigas políticas de Trotsky. Militar treinado e experientado, Tukhachevsky subiu depressa nas fileiras do inexistente Exército Vermelho. Comandou o I e o V Exército no *front* do Wrangel, participou da ofensiva feliz contra Denikin e, juntamente com Trotsky, comandou a ofensiva infeliz contra os poloneses invasores. Em 1922, tornou-se chefe da Academia Militar do Exército Vermelho.

Foi um dos militares influentes que tomaram parte nas negociações militares com a República de Weimar após o Tratado de Rapallo desse ano.

Nos anos seguintes, Tukhachevsky chefou um pequeno grupo de militaristas profissionais e oficiais ex-czaristas no estado-maior do Exército Vermelho, ressentido com o comando dos antigos guerrilheiros bolcheviques, Marechal Budyenny e Marechal Voróchilov. O grupo de Tukhachevsky incluía os generais do Exército Vermelho, Yakir, Kork, Uborovitch e Feldman, que tinham uma admiração quase ilimitada pelo militarismo alemão. Os mais íntimos sócios de Tukhachevsky foram o oficial trotskista, V. I. Putna, adido militar em Berlim, Londres e Tóquio, e o General Jan B. Gamarnik, amigo pessoal dos generais da guarda do Reich, Seeckt e Hammerstein.

Juntamente com Putna e Gamarnik, Tukhachevsky logo formou uma pequena e influente clique pró-Alemanha dentro do estado-maior do Exército Vermelho. Tukhachevsky e seus sócios sabiam do entendimento de Trotsky com a Guarda do Reich, mas consideravam isso mero conchavo político. E este seria contrabalançado por uma aliança militar entre o grupo de Tukhachevsky e o alto comando alemão. A ascensão de Hitler ao poder de nenhum modo alterou o entendi-

mento secreto entre Tukhachevsky e os chefes militares alemães. Hitler, como Tukhachevsky, era um político. Os militares tinham suas idéias próprias. . .

Já desde a organização do Bloco das Direitas e Trotskistas, Trotsky olhava Tukhachevsky como para o trunfo de toda a conspiração, destinado a ser lançado no último momento, o momento estratégico. Trotsky mantinha suas relações com Tukhachevsky especialmente por intermédio de Krestinsky e o adido militar trotskista, Putna. Mais tarde, Bukharin indicou Tomsky como elemento pessoal de ligação com o grupo militar. Tanto Trotsky como Bukharin sabiam perfeitamente do desprezo de Tukhachevsky aos "políticos" e "ideólogos", e temiam as suas ambições militares. Discutindo com Tomsky a possibilidade de chamar o grupo militar à obra, Bukharin disse:

"Será um golpe militar. Pela lógica das coisas, o grupo militar dos conspiradores terá uma influência extraordinária. . . e mesmo pode surgir um perigo de bonapartismo. E os bonapartistas — penso particularmente em Tukhachevsky — começarão por fazer pouco caso de seus aliados e chamados inspiradores, no bom estilo napoleônico — e você sabe como Napoleão tratava os chamados ideólogos."

Bukharin perguntou a Tomsky: "Como é que Tukhachevsky encara o mecanismo do golpe?" "Isso é assunto de organização militar", respondeu Tomsky. Acrescentou que no momento em que os nazistas atacassem a Rússia, o grupo militar planejava "abrir as fronteiras aos alemães" — isto é, render-se ao alto comando alemão. Esse plano fôra elaborado com pormenores e aprovado por Tukhachevsky, Putna, Garmarnik e os alemães.

"Nesse caso", disse Bukharin sãbiamente, "estamos em condições de eliminar o perigo bonapartista que me alarma."

Tomsky não compreendeu. Bukharin passou a explicar: "Tukhachevsky tentaria estabelecer uma ditadura militar; êle poderia mesmo tentar conseguir o apoio popular transformando os líderes políticos da conspiração em bodes expiatórios. Mas uma vez no poder, os políticos poderiam virar as mesas sôbre o grupo militar." Bukharin disse a Tomsky: "Bastaria acusá-los como culpados da *derrota* na frente. Isso nos habitaria a conquistar as massas utilizando-nos de *slogans* patrióticos..."

No comêço de 1936, Tukhachevsky foi a Londres como representante militar soviético nos funerais oficiais do Rei Jorge V da Inglaterra. Antes de partir, recebeu o título coibido de marechal da União Soviética. Ele já se convencera de que se aproximava a hora em que o regime soviético deveria ser derribado, e uma nova Rússia, em aliança militar com a Alemanha e o Japão, lutaria pelo domínio do mundo.

A caminho de Londres, Tukhachevsky parou por pouco tempo em Varsóvia e Berlim, onde conversou com "coronéis" poloneses e generais alemães. Estava tão confiante que quase não procurou esconder a sua admiração pelos militaristas alemães.

Em Paris, num jantar solene na embaixada soviética depois de sua volta de Londres, Tukhachevsky surpreendeu os diplomatas europeus com o seu ataque aberto às tentativas do governo soviético para chegar à segurança coletiva com as democracias ocidentais. Tukhachevsky, que se sentou à mesa com Nicholas Titulescu, ministro das Relações Exteriores da Rumânia, disse ao diplomata rumeno: "Senhor ministro, v. exa. faz mal em ligar a sua carreira e o destino de seu país a países velhos e acabados como a Grã-Bretanha e a França. É para a nova Alemanha que deveríamos voltar-nos. Por algum tempo, ao menos, a Alemanha será o país que liderará o continente europeu. Estou certo de que Hitler ajudará a salvar todos nós."

As observações de Tukhachevsky foram rememoradas pelo diplomata rumeno e chefe do serviço de imprensa na embaixada rumena em Paris, E. Schachanan Esseze, que também esteve presente ao banquete da embaixada soviética. Outro dos convivas, a famosa jornalista francesa Geneviève Tabouis, posteriormente relatou no seu livro, *Chamaram-me de Cassandra*:

"Encontrei-me com Tuchachevsky à última hora, no dia seguinte aos funerais de Jorge V. Em um jantar na embaixada soviética, o marechal russo estava muito íntimo com Politis, Titulescu, Herriot, Boncour... Ele acabava de voltar de uma viagem à Alemanha e cumulara os nazistas de fervorosos louvores. Sentado à minha direita, ele dizia e repetia, ao discutir um pacto

secreto entre as grandes potências e o país de Hitler: "Eles já são invencíveis, Madama Tabouis!"

Por que falava êle tão confiantemente? Era por que se deslumbrara com a cordial recepção que encontrara entre os diplomatas alemães, para os quais fôra fácil falar com êsse homem da velha escola russa? Seja como fôr; os hóspedes se alarmaram nessa noite com essa efusão de entusiasmo. Um dos convivas — um diplomata importante — murmurou aos meus ouvidos quando saíamos da embaixada: "Bem, eu espero que nem todos os russos pensem assim."

As revelações sensacionais no julgamento do Bloco Terrorista Trotskista-Zinovievista em agosto de 1936, e as prisões posteriores de Pyatakov e Radek, alarmaram gravemente Tuckhachevsky. Ele entrou em contacto com Krestinsky e comunicou-lhe que os planos dos conspiradores tinham de ser drasticamente mudados. Originariamente, o grupo militar não entraria em ação enquanto a União Soviética não fôsse atacada exteriormente. Mas os desenvolvimentos internacionais — o Pacto Franco-Soviético, a inesperada defesa de Madri — estavam urgindo outro plano. Os conspiradores do dentro da Rússia, disse Tuckhachevsky, devem apressar os fatos colocando o golpe de estado à testa do seu programa. Os alemães viriam imediatamente depois em auxílio de seus aliados russos.

Krestinsky disse que iria encaminhar uma mensagem a Trotsky imediatamente, informando-o sobre a necessidade de precipitar a ação. A mensagem de Krestinsky a Trotsky, enviada em outubro, dizia:

"Pensamos que já um grande número de trotskistas foram presos, mas apesar disso as forças principais do Bloco ainda não foram atingidas. É preciso entrar em ação. Mas para isso é essencial que se apresse a ação estrangeira." Por "ação estrangeira" Krestinsky queria significar o ataque nazista contra a Rússia Soviética...

Logo depois de remetida essa mensagem, Tuckhachevsky abordou Krestinsky no VIII Congresso Extraordinário dos Sovietes em novembro de 1936. As prisões continuavam, disse Tuckhachevsky excitado e parecia não haver razão para acre-

ditar que elas parassem nas primeiras camadas da conspiração. O elemento de ligação militar trotskista, Putna, já tinha sido detido. Stálin suspeitava claramente da existência de uma extensa conspiração e estava disposto a tomar medidas drásticas. Ele já tinha provas suficientes para denunciar Pyatakov e os outros. A prisão de Putna e a destituição de Yagoda da direção da NKVD significavam que as autoridades soviéticas iam chegando às raízes da conspiração. Ninguém poderia dizer onde o atalho ia dar. Incertoza geral.

Tukhachevsky ora pela ação imediata. O Bloco devia tomar uma decisão no caso, sem dilações, o preparar tôdas as forças para apoiar o golpe militar...

Krestinsky discutiu o assunto com Rosengoltz. Os dois agentes trotskistas alomães concordaram que Tukhachevsky tinha razão. Outra mensagem foi despachada a Trotsky. Nela, além de relatar a determinação de Tukhachevsky de prosseguir sem esporar pela guerra, Krestinsky levantava algumas questões importantes de estratégia política. Escreveu ele:

"Tomos de esconder os verdadoiros intuitos do golpe. Faremos uma declaração à população, ao exército e aos Estados estrangeiros... Primeiramente, em nossas declarações ao povo seria acertado não mencionar que o nosso golpe se destinará a derribar a ordem socialista existente... Por-nos-íamos na posição de rebeldes soviéticos. Destruiríamos um mau governo soviético para restabelecermos um bom governo soviético... Em qualquer hipótese, não nos abríamos demais nesse assunto."

A resposta de Trotsky chegou a Krestinsky no fim de dezembro. O líder exilado concordava inteiramente com Krestinsky. Era uma questão de fato. Depois da prisão de Pyatakov, Trotsky também chegara, independentemente, à conclusão de que o grupo militar deveria ser pôsto em ação sem mais delongas. Enquanto a carta de Krestinsky ainda estava em caminho, Trotsky escrevera a Rosengoltz advogando a imediata ação militar...

"Depois dessa resposta", declarou Krestinsky mais tarde, "começamos a fazer preparativos mais diretos para o golpe."

Tukhachevsky teve tóda a liberdade e carta branca para entrar em ação diretamente!”

2. O julgamento do Centro Paralelo Trotskista,

O governo soviético também entrava em ação. As revelações no julgamento de Zinoviev-Kamenev estabeleceram sem dúvida que a conspiração no país ia além de uma simples oposição secreta de esquerda. Os centros reais da conspiração não estavam na Rússia. Estavam em Berlim e Tóquio. Continuando a investigação, tornou-se mais claro ao governo soviético a verdadeira fisionomia e caráter da quinta-coluna do Eixo.

Aos 23 de janeiro de 1937, Pyatakov, Radek, Sokolnikov, Chestov, Muralov e doze dos seus companheiros de conspiração, inclusive agentes-chave dos S. S. alemão e japonês, foram levados a julgamento por traição em Moscou diante do Collegium Militar da Suprema Córte da URSS.

Durante meses os principais membros do Centro Trotskista negaram as acusações feitas contra eles. Mas as provas foram completas e esmagadoras. Um após outro, eles admitiram que tinham dirigido atividades de sabotagem e terrorismo, mantido comunicações por instruções de Trotsky, com os governos alemão e japonês. Mas, no interrogatório preliminar, como no julgamento, eles não divulgaram o quadro todo. Nada disseram acêrca da existência do grupo militar. Não mencionaram Krestinsky nem Rosengoltz. Silenciaram acêrca do Bloco das Direitas e Trotskistas, a camada final e mais poderosa da conspiração, que, enquanto eles eram julgados, vinha preparando febrilmente o assalto ao poder.

Prêso, Sokolnikov, antigo assistente de Comissário no cargo dos Negócios Orientais, revelou os aspectos políticos da conspiração. O entendimento com Hess, o desmembramento da URSS, o plano de estabelecer uma ditadura fascista após a derrota do regime soviético. No tribunal, Sokolnikov testemunhou:

“Nós considerávamos que o fascismo era a forma mais organizada de capitalismo, que êle triunfaria e

dominaria a Europa e nos sufocaria. Então era melhor entrar em entendimento com êle... Tudo isso era explicado com o seguinte argumento: Antes fazer algum sacrifício, mesmo difícil, do que perder tudo... Raciocinávamos como políticos... Achávamos que devíamos tomar umas tantas precauções."

Pyatakov admitiu que fôra o líder do Centro Trotskista. Falando numa voz calma e deliberada, escolhendo cuidadosamente as palavras, o antigo membro do Supremo Conselho Económico Nacional depôs acêrca dos fatos comprovados de atividades de sabotagem e terrorismo que êle dirigira até o momento de sua prisão. De pé no estrado, rosto fino, comprido, pálido, absolutamente impassível, êle parecia, segundo o embaixador americano Joseph E. Davies, "um professor fazendo uma preleção."

Vichinsky procurou levar Pyatakov a confessar como os agentes trotskistas alemães e japoneses tinham travado relações mútuas. Pyatakov fugiu às perguntas:

— VICHINSKY. O que deu motivo ao agente alemão Rataichak para se abrir a você?

— PYATAKOV. Duas pessoas tinham-me falado..

— VICHINSKY. Abriu-se êle a você ou foi você que se abriu a êle?

— PYATAKOV. As confidências foram mútuas.

— VICHINSKY. Abriu-se você em primeiro lugar?

— PYATAKOV. Quem se abriu primeiro, êle ou eu — a galinha ou o ôvo — eu não sei.

Como relatou John Gunther mais tarde no livro *Inside Europe*:

"A impressão largamente divulgada no exterior foi a de que os acusados falaram contando todos a mesma história, de que foram abjetos e servis e se comportaram como carneiros no matadouro. Isso não é exato. Eles discutiam vivamente com o promotor; em geral relataram unicamente o que foram constrangidos a relatar."

Prosseguindo o julgamento, à medida em que se sucediam os depoimentos expondo abertamente Pyatakov como um assassino e traidor político calculista e de sangue-frio, uma nota de dúvida, de depressão começou a se manifestar em sua voz até então calma e límpida. Alguns dos fatos em mãos das autoridades foram para êle um choque indifereçável. A atitude de Pyatakov mudou. Êle declarou que, mesmo antes de sua prisão, começara a objetar contra a direção do Trotsky. Disse que não aprovara o entendimento com Hess. "Tínhamos nos metido na escuridão", declarou Pyatakov ao tribunal. "Eu procurava sair..." Numa derradeira alegação ao tribunal, Pyatakov exclamou:

"Sim, eu fui trotskista por alguns anos! Trabalhei de mãos dadas com os trotskistas... Não penseis, Cidadãos Juizes... que durante êsses anos passados no sufocante subsolo do trotskismo, eu não via o que estava acontecendo no país! Não penseis que eu não compreendia o que se passava na indústria. Digo francamente: Por vêzes, emergindo do subsolo trotskista e entregando-me aos trabalhos do meu cargo sentia uma espécie de alívio, e essa dualidade não era apenas exterior, mas existia dentro de mim mesmo... Dentro de poucas horas ouvirei minha sentença... Não me priveis de uma coisa, Cidadãos Juizes. Não me priveis do direito de sentir que aos vossos olhos também, eu encontrei em mim, embora muito tarde, fôrça para quebrar o meu passado de crimes!"

Mas, além disso, nem uma palavra acêrca da existência da camada restante da conspiração passou pelos lábios de Pyatakov...

Nicolai Muralov, antes comandante da guarnição militar de Moscou e membro-líder da antiga guarda de Trotsky, que desde 1932 dirigia as células trotskistas nos Urais juntamente com Chestov e "técnicos" alemães, solicitou indulgência do tribunal, dizendo que o seu "franco depoimento" devia ser levado em consideração. Homem alto, barbado e de cabelos grisalhos, Muralov permaneceu como em posição de sentido durante o depoimento. Declarou que depois de sua prisão e após uma prolongada luta íntima, êle decidira "pôr as cartas

na mesa." Suas palavras, segundo Walter Duranty e outros observadores, tinham um cunho de real honestidade, quando êle declarou do estrado dos réus:

"Recusei advogado e renunciei falar em minha própria defesa, porque estou acostumado a defender-me com armas boas e atacar com armas boas. E eu não tenho armas boas com que me defender... Seria indigno de mim acusar quem quer que seja por ter-me arrastado à organização trotskista... Não me atrevo a censurar ninguém por isso. Censuro-me a mim mesmo. É culpa minha. É minha desventura... Por mais de uma década fui eu um soldado fiel de Trotsky."

Karl Radek, olhando através de seus óculos grossos para a sala repleta do tribunal, manteve-se sucessivamente humilde, insinuante, impertinente e arrogante durante o interrogatório do promotor Vichinsky. Como Pyatakov, porém mais abertamente, êle admitiu as suas atividades traiçoeiras. Radek também alegou que, antes de sua prisão, logo que recebeu carta de Trotsky delineando o acôrdo com os governos nazista e japonês, se resolvera a repudiar Trotsky e denunciar a conspiração. Durante semanas, debateu-se à procura do que devia fazer.

— VICHINSKY. O que decidiu?

— RADEK. O primeiro passo a dar seria dirigir-me ao Comitê Central do Partido, fazer uma declaração, denunciar todos os implicados. Isso eu não fiz. Não era eu quem iria à OGPU, mas a OGPU que viria a mim.

— VICHINSKY. Uma eloqüente resposta!

— RADEK. Uma triste resposta.

Na sua alegação final, Radek apresentou-se como um homem torturado de dúvidas, vacilando perpétuamente entre a lealdade ao regime soviético e a oposição de esquerda, da qual fôra membro desde os primeiros dias da Revolução. Ele estava convencido, disse, de que o regime soviético nunca poderia resistir à pressão hostil de fora. "Eu discordava acêr-

ca da questão principal”, disse êle ao tribunal, “acêrca de continuar a luta pelo Plano Quinquenal.” Trotsky “apoderou-se de minhas profundas perturbações.” Passo a passo, segundo a sua própria narrativa, Radek foi sendo arrastado para os círculos íntimos da conspiração. Depois vieram as ligações com os S. S. exteriores e, finalmente, as negociações de Trotsky com Alfredo Rosenberg e Rudolph Hess. “Trotsky”, disse Radek, “colocou-nos diante do fato consumado do seu acôrdo...”

Explicando como chegara finalmente a confessar-se culpado e admitir os fatos que conhecia acêrca da conspiração, Radek disse:

“Quando me encontrei no Commissariado do Povo dos Negócios Internos, o oficial principal da inquirição... me disse: “Você não é criança. Aqui estão 15 pessoas depondo contra você. Você não pode escapar disso, e como indivíduo sensato não pode sequer pensar em fazê-lo...”

Por dois meses o meio eu atormentei o oficial de inquérito. Perguntaram aqui se eu fui atormentado durante a investigação. Devo dizer que não fui eu o atormentado, mas eu que atormentei os oficiais do inquérito e os obriguei a uma tarefa inútil.

Durante dois meses o meio obriguei os oficiais do inquérito, ao me interrogarem e me confrontarem com o depoimento dos outros acusados, a me revelarem tôdas as cartas, do modo que eu pude ver quem tinha confessado e quem não tinha confessado e o que cada qual confessara...

Um dia o oficial do inquérito chegou a mim e me disse: “Você agora é o último. Por que está esperando e temporizando? Por que não diz tudo o que tem a dizer?” e eu respondi: “Sim, amanhã começarei o meu depoimento.”

O veredito foi promulgado no dia 30 de janeiro de 1937. Os acusados foram julgados criminosos de traição, de constituírem uma “agência de forças fascistas alemãs e japonesas de espionagem, de atividades obstrutivas e destrutivas” de conspirarem para prestar ajuda “aos agressores estrangeiros que tencionavam apoderar-se do território da URSS.”

O Collegium Militar da Suprema Côrte Soviética sentenciou Pyatakov, Muralov, Chestov e outros dez a serem fuzilados. Radek, Sokolnikov e dois outros agentes menores foram sentenciados à prisão por longo tempo.

No seu discurso de recapitulação aos 28 de janeiro de 1937, o promotor de Estado, Vichinsky, declarou:

“Pelo seu trabalho de espionagem, os homens que sob a direção de Trotsky e Pyatakov estabeleceram ligações com os S. S. alemão e japonês, tentaram chegar a resultados que teriam atingido gravemente os nossos interesses, não só de nosso Estado, mas também os interesses de numerosos Estados que, conosco, desejam a paz e que, conosco, lutam pela paz... Estamos vivamente interessados em que os governos de todos os países que desejam a paz e lutam por ela, tomem as mais enérgicas medidas para deter todo atentado criminoso de espionagem, obstrução, e de atividades terroristas organizado pelos inimigos da paz, pelos inimigos da democracia, pelas forças obscurantistas do fascismo que estão preparando a guerra, que estão preparando o naufrágio da paz e, conseqüentemente, de toda a humanidade adiantada e progressista.”

As palavras de Vichinsky receberam pequena publicidade fora da Rússia Soviética; mas foram ouvidas e lembradas por alguns diplomatas e jornalistas.

O embaixador americano em Moscou, Joseph E. Davies, ficou profundamente impressionado com o julgamento. Ele assistiu a tudo diariamente, e auxiliado por um intérprete, seguiu cuidadosamente o processo. Antigo advogado de grandes empresas, Davies declarou que Vichinsky, que vinha sendo constantemente descrito pelos propagandistas anti-soviéticos como um “inquisidor brutal”, impressionara-o, dando-lhe a impressão de um *homer Commings*, calmo, desapaixonado intelectual, habilidoso e sábio. Ele conduziu o julgamento de modo a ganhar o meu respeito e admiração como advogado.

Aos 17 de fevereiro de 1937, Davies enviou um despacho confidencial ao secretário de Estado, Cordell Hull relatando que quase todos os diplomatas estrangeiros em Moscou

partilhavam a sua opinião acêrca da justiça do veredito. O embaixador escreveu:

“Falei com muitos, se não com todos os membros do corpo diplomático, e com exceção possivelmente de um, todos são de parecer que o processo estabeleceu claramente a existência de uma luta e conspiração política para derrubar o govêrno.”

Mas êsses fatos não foram publicados. Fôrças poderosas conspiravam para abafar a verdade acêrca da quinta-coluna na Rússia Soviética. Aos 11 de março de 1937, Davies rememorou no seu diário de Moscou:

“Outro diplomata, um ministro — fêz-me uma declaração extremamente esclarecedora ontem. Discuti o julgamento, disse êle que os acusados eram indubitavelmente culpados; que todos nós que tínhamos assistido ao julgamento, praticamente concordávamos com isso; que o mundo exterior, nos seus relatos de imprensa, entretanto, parecia pensar que o julgamento fôra uma escamoteação (fachada, como lhe chamavam); que conquanto êle soubesse que não fôra assim, provavelmente havia motivos para pensarem no exterior que tinha sido assim.” (75.)

(75) Os companheiros e admiradores de Trotsky na Europa e na América desencadearam uma torrente interminável de declarações, panfletos, folhetos e artigos descrevendo os julgamentos de Moscou como “vingança de Stálin contra Trotsky” e produto de “vindita oriental de Stálin.” Os trotskistas e seus aliados tinham livre acesso a publicações importantes. Nos E.U.A. suas declarações e artigos apareciam no *Foreign Affairs Quarterly*, *Reader's Digest*, *Saturday Evening Post*, periódicos de grande circulação. Entre êsses amigos, companheiros e admiradores de Leon Trotsky cujas interpretações dos julgamentos eram estampadas com destaque na imprensa americana e transmitidas no rádio, figuravam: Max Eastman, antigo representante de Trotsky na América e seu tradutor oficial; Alexander Barmine, um renegado soviético que estivera por algum tempo no Ministério do Exterior soviético; Albert Goldman, advogado de Trotsky, acusado por um tribunal federal em 1941 por ter tomado parte numa conspiração sediciosa contra as fôrças armadas dos E.U.A.; o “General Krivitsky, aventureiro russo e testemunha do Comitê Dies que passava por antiga figura central da OGPU e que se suicidou mais tarde deixando uma nota explicativa do seu ato como uma reparação pelos seus “grandes pecados”; Isac Don Levine, veterano propagandista anti-soviético e colaborador da Hearst; e

3. Ação em maio

A conspiração ainda estava longe de ser esmagada. Como Pyatakov, Radek também omitira informações importantes às autoridades soviéticas, a despeito de seu depoimento aparentemente completo. Mas no segundo dia do julgamento, Radek se contradisse perigosamente. Sua língua traiu-o. Fugindo a uma pergunta do interrogatório de Vichinsky, êle mencionou o nome de Tukhachevsky. "Vitaly Putna", disse Radek, "veio ver-me com uma petição do Tukhachevsky." Êle caiu em si imediatamente e não repetiu mais o nome de Tukhachevsky.

No dia seguinte, Vichinsky, leu em voz alta o depoimento de Radek da sessão anterior: "Eu desejo saber, a que propósito você mencionou o nome de Tukhachevsky?" perguntou a Radek.

Houve uma breve pausa. Depois Radek respondeu calmamente, sem hesitação. "Tukhachevsky", explicou êle, "pedia alguns dados sobre assuntos do governo" que Radek possuía na redação do *Izvestia*. O comandante militar mandou Putna buscá-los. Foi tudo. "Com efeito", acrescentou Radek, "Tukhachevsky não tinha idéia alguma do meu papel... Eu conheço a atitude de Tukhachevsky ante o Partido e o go-

William Henry Chamberlin, também colaborador do Hearst, cujos pontos de vista acerca dos julgamentos apareceram sob o título "O Expurgo Sangrento da Rússia" no órgão de propaganda de Tóquio, *Contemporary Japan*.

O destacado trotskista americano, James Burnham, posteriormente autor do amplamente divulgado *The Managerial Revolution*, apresentou os julgamentos de Moscou como um atentado insídioso da parte de Stálin para conseguir o auxílio da França, Grã-Bretanha e dos E.U.A. numa "guerra santa" contra o Eixo, o para submeter à perseguição internacional "todos os que sustentam a política do derrotismo revolucionário (isto é, os trotskistas.)" Aos 15 de abril de 1937 numa introdução a um panfleto trotskista sobre o julgamento de Pyatakov-Radek, Burnham escreveu: "Sim, os julgamentos foram uma parte integrante e importante dos preparativos de Stálin para a próxima guerra. O stalinismo deseja recrutar as massas da França, Grã-Bretanha e dos E.U.A. nos exércitos de seus governos imperialistas, numa guerra santa contra o ataque que Stálin espera que será lançado contra a União Soviética pela Alemanha e Japão. Com os julgamentos, operando em escala mundial, o stalinismo tenta eliminar todos os centros possíveis de resistência a essa traição social-patriótica."

vêrno e sei que se trata de um homem absolutamente dedicado!”

Nada mais se disse acêrca de Tukhachevsky no julgamento. Mas os conspiradores restantes estavam convencidos que uma dilação maior do golpe final significaria o suicídio.

Krestinsky, Rosengoltz, Tukhachevsky e Gamarnik fizeram uma série de reuniões secretas precipitadas. Tukhachevsky começou a designar oficiais no grupo militar para “comandos” especiais, cada um dos quais teria tarefas específicas a executar no momento do ataque. Pelo fim de março de 1937, os preparativos para o golpe estavam em sua fase final. Em uma reunião com Krestinsky e Rosengoltz, no apartamento dêste, Tukhachevsky anunciou que o grupo militar estaria preparado para a ação dentro de seis semanas. A data para o ataque seria fixada na primeira parte de maio, de qualquer modo antes de 15 de maio. Havia uma forma de governo em discussão no grupo militar, disse êlo.

Um desses planos, disse mais tarde Tukhachevsky, com o qual “contava mais Rosengoltz”, consistiria em “reunirem-se uns militares e seus companheiros, sob um pretexto qualquer, no seu apartamento, e daí caminharem para o Kremlin, tomarem o seu posto telefônico, matarem os líderes do Partido e do governo.” Simultaneamente, de acôrdo com êste plano, Gamarnik e suas unidades “tomariam o edifício do Comissariado do Povo para os Negócios Internos.”

Outras “variantes” foram discutidas; mas quanto àquele plano, Krestinsky e Rosengoltz estavam de acôrdo, parecendo ser o mais audaz e, por conseguinte, provavelmente o mais eficaz...

A reunião no apartamento de Rosengoltz concluiu com uma nota otimista. O plano do golpe, como delineara Tukhachevsky, tinha grandes probabilidades de êxito. A despeito da perda de Pyatakov e outros, parecia que o dia por que tanto tinham almejado os conspiradores, e para o qual tanto se prepararam, agora se aproximava.

Abril passou depressa, com os últimos e febris preparativos para o golpe.

Krestinsky começou a organizar umas longas listas “de gente de Moscou que devia ser prêsã e removida de seus postos ao declarar-se o movimento, e lista de outras pessoas indicadas para essas vagas.” Pistoleiros sob o comando de Ga-

marnik foram destacados para assassinar Molotov e Voróchilov.” Rosengoltz, na sua qualidade de comissário do Comércio do Exterior, falava em encontrar-se com Stálin na véspera do golpe e assassinar o líder soviético no seu Q. G. no Kremlin...

Era a segunda semana de maio de 1937.

Aí, súbita e devastadoramente, o governo soviético arremeteu, no dia 11 de maio. O Marechal Tukhachevsky foi destituído do seu posto de assistente do comissário de Guerra e designado para um comando inferior no distrito do Volga. O General Gamarnik foi destituído do seu posto de assistente do comissário de Guerra. Os generais Uborevitch e Yakir, associados à conspiração com Tukhachevsky e Gamarnik, também foram destituídos. Dois outros generais, Kork e Eide-man, foram presos e acusados de manterem relações secretas com a Alemanha Nazista.

“Eu comecei a aguardar minha prisão” disse Krestinsky mais tarde. “Conversei sobre o assunto com Rosengoltz, que não esperava ser descoberto e continuava mantendo relações com Trotsky... Poucos dias depois fui prêsô.”

Um comunicado oficial revelou que Bukharin, Rykov e Tomsky, que tinham estado sob vigilância estrita e sob investigação eram agora acusados de traição. Bukharin e Rykov tinham sido postos sob custódia. Tomsky, fugindo à prisão, suicidara-se. Aos 31 de maio, o General Gamarnik seguiu o exemplo de Tomsky. Foi comunicado que Tukhachevsky e outros numerosos oficiais do exército, altamente colocados, tinham sido presos pela NKVD. Pouco tempo depois, Rosengoltz foi prêsô. Continuava a perseguição nacional contra os suspeitos de quinta-colunismo.

As 11 horas da manhã de 11 de junho de 1937, o Marechal M. N. Tukhachevsky e sete outros generais do Exército Vermelho enfrentaram um Tribunal Militar especial da Suprema Côrte Soviética. Por causa do caráter confidencial do depoimento que ia ser ouvido, o tribunal se reuniu a portas fechadas. Era uma côrte marcial militar. Os réus foram acusados de conspirarem contra a União Soviética, mancomunados com potências inimigas. De pé na sala do tribunal, juntamente com Tukhachevsky — enfrentando os marechais Voróchilov, Budyenny, Chopochnikov e outros líderes do Exército Vermelho — estavam os sete generais seguintes:

General V. I. Putna, antigo adido militar em Londres, Tóquio e Berlim.

General I. E. Yakir antigo comandante da Guarnição Militar de Leningrado.

General I. P. Uborevitch, antigo comandante do Exército Vermelho na Bielo-Rússia.

General R. P. Etdeman, antigo chefe do Osoaviahim (organização voluntária de defesa militar.)

General A. I. Kork, antigo chefe da Academia Militar Frunze.

General B. M. Feldman, antigo chefe da Sessão de Pessoal do Estado-Maior.

General V. M. Primakov, antigo comandante da Guarnição Militar de Karkov.

Um comunicado oficial declarava o seguinte:

“As investigações feitas estabeleceram a participação dos réus, assim como do General Jan Gamarnik, em ligações antiestatais com círculos militares dirigentes de um dos países estrangeiros empenhados em política inamistosa contra a URSS.

Os réus estavam a serviço do S. S. militar desse país.

Sistemáticamente, os réus forneciam informações secretas acêrca da situação do Exército Vermelho aos círculos militares desse país.

Eles empenharam-se em atividades de destruição e debilitamento do Exército Vermelho, com o intuito de preparar a sua derrota no caso de um ataque contra a União Soviética..”

Aos 12 de junho, o Tribunal Militar anunciou o seu veredito. Os réus foram julgados culpados e sentenciados, como traidores, a serem fuzilados por um pelotão do Exército Vermelho. Dentro de 24 horas, a sentença foi executada.

De novo, violentos rumores de propaganda anti-soviética agitaram o resto do mundo. O Exército Vermelho inteirinho, segundo foi apresentado no exterior, estava fervilhando de revolta contra o governo soviético; Vorochilov estava “mar-

chando sobre Moscou”, à testa do exército antistalinista; fuzilamentos em massa tinham lugar na Rússia Soviética; daí por diante, o Exército Vermelho, tendo perdido seus “melhores generais”, não era mais um fator sério na situação internacional.

Muitos observadores honestos ficaram profundamente atordoados com os acontecimentos na Rússia Soviética. O caráter e a técnica da quinta-coluna ainda eram geralmente desconhecidos. Aos 4 de julho de 1937, Joseph E. Davies, embaixador americano em Moscou, teve uma entrevista com o comissário do Exterior soviético Maxim Litvinov. Ele comunicou a Litvinov, francamente, que a reação nos E.U.A. e na Europa ante a execução dos generais e ante os julgamentos dos trotskistas, fôra má.

“Na minha opinião”, informou o embaixador ao Comissário do Exterior soviético, “isso enfraqueceu a confiança da França e da Inglaterra na pujança da URSS em face de Hitler.”

Litvinov também foi franco. Comunicou que o governo soviético teve de assegurar por meio desses julgamentos e execuções a liquidação de traidores que cooperassem com Berlim e Tóquio no caso de uma guerra inevitável.

“Algum dia”, disse Litvinov, “o mundo compreenderá o que fizemos para proteger o nosso governo da traição que o ameaçava . . . Estamos prestando um serviço a todo o mundo, protegendo-nos a nós mesmos contra a ameaça de Hitler e da dominação mundial nazista, e conseqüentemente estamos mantendo a força da União Soviética como baluarte contra a ameaça nazista.”

Aos 28 de julho de 1937, tendo conduzido investigações pessoais sobre a verdadeira situação dentro da Rússia Soviética, Davies enviou o “Despacho Número 547, estritamente confidencial”, ao secretário de Estado Cordell Hull. O embaixador recordou os recentes acontecimentos e desfez os malévolos rumores de descontentamento popular e iminente colapso do governo soviético. “Não houve indicações (como constou nas histórias dos jornais) de cossacos acampados perto do Kremlin ou encaminhando-se para a Praça Vermelha”, escreveu ele. Davies recapitulou a sua análise do caso de Tukhachevsky do seguinte modo:

“Salvo assassinio ou guerra exterior, a posição deste governo e do atual regime parece inabalável agora, e provavelmente por muito tempo, no porvir. O perigo do Corso dissipou-se atualmente.”

4. Final

O último dos três famosos Julgamentos de Moscou iniciou-se aos 2 de março de 1938, na Casa dos Sindicatos, perante o Collegium Militar da Suprema Côrto da URSS. Os processos, inclusive as sessões da manhã, da tarde e da noite e as sessões *in camera*, em que foram ouvidas testemunhas cujos depoimentos envolviam segredos militares, duraram sete dias.

Os réus eram em número de 21. Incluíram o antigo chefe da OGPU, Henry Yagoda, e seu secretário, Pavel Bulanov; os líderes das direitas, Nicolau Bukharin e Alexei Rykov; os líderes trotskistas e agentes alemães, Nicolai Krestinsky e Arkady Rosengoltz; o agente trotskista e japonês, Christian Rakovsky; os líderes das direitas e agentes alemães, Mikhail Chernov e Grigori Grinko; o agente polonês, Vasily Charangovitch; e outros onze conspiradores, membros do Bloco, sabotadores, terroristas e agentes estrangeiros inclusive o elemento de ligação trotskista, Sergei Bessonov, e os médicos assassinos, doutores Levin, Pletney e Kazakov.

O correspondente americano, Walter Duranty, que assistiu ao julgamento, escreveu no seu livro, *O Kremlin e o povo*:

“Era com efeito o “Julgamento para acabar com todos os julgamentos”, porque nessa época as coisas estavam claras, o promotor organizara os fatos e conseguira reconhecer os inimigos, tanto dentro como fora do país. As dúvidas e hesitações iniciais tinham agora desaparecido, porque um caso após outro, especialmente, creio eu, o caso dos “generais”, completaram o quadro obscuro e inacabado no tempo do assassinio de Kirov...”

O governo soviético preparara cuidadosamente a causa. Meses de investigação preliminar, coleção de provas e depoimentos dos julgamentos prévios, acareação de testemunhas e réus, interrogatório dos conspiradores detidos, tudo isso levava à construção do libelo. O governo soviético acusava:

“1. Em 1932-33, por instruções dos S. S. de estados estrangeiros hostis à URSS, formara-se um grupo conspirativo denominado o “Bloco das Direitas Trotskistas”, acusado no presente processo de objetivos de espionagem com auxílio de estados estrangeiros, de atividades destrutivas, obstrutivas e terroristas, procurando solapar o poder militar da URSS, provocando um ataque militar desses estados contra a URSS, trabalhando para a sua derrota e para o seu desmembramento...

2. O “Bloco das Direitas e Trotskistas” entrara em comunicação com certos estados estrangeiros com intenção de receber ajuda armada dos mesmos para realizar os seus desígnios criminosos.

3. “O Bloco das Direitas e Trotskistas”, empenhara-se sistematicamente em atividades de espionagem com auxílio desses estados, fornecendo aos seus S. S. informações oficiais secretas de extrema importância.

4. O “Bloco das Direitas e Trotskistas” sistematicamente executara atividades destrutivas e obstrutivas nos vários ramos da construção socialista (indústria, agricultura, ferrovias, na esfera das finanças, do desenvolvimento municipal, etc.

5. O “Bloco das Direitas e Trotskistas” organizara numerosos atos terroristas contra líderes do Partido Comunista Russo e do governo soviético e perpetrara atos terroristas contra S. M. Kirov, V. R. Menjinsky, V. V. Kuibychév e A. M. Górkí.”

O julgamento do Bloco das Direitas e Trotskistas divulgou pormenorizadamente pela primeira vez na história as atividades da quinta-coluna do Eixo. Todas as técnicas do método de conquista secreta do Eixo — propaganda, espionagem, terror e traição nos altos postos, a maquinação dos Quislings, a tática do Exército secreto lutando dentro do país —

a história toda da estratégia da quinta-coluna pela qual os nazistas já vinham solapando a Espanha, a Áustria, a Tcheco-Eslováquia, a Noruega, a Bélgica, a França e outras nações da Europa e América, tudo isso foi claramente exposto. “Os Bukharins, os Rykovs, os Yagodas e Bulanovs, os Krestinskys e Rosengoltzes”, declarou o promotor soviético, Vichinsky, na sua alocução final aos 11 de março de 1938, “são todos membros dessa quinta-coluna.”

O Embaixador Joseph E. Davies, que assistiu aos processos, achou o julgamento “terrífico”, como drama legal, humano e político. Aos 8 de março escreveu à sua filha:

“Tôdas as fraquezas e vícios fundamentais da natureza humana — ambições pessoais das piores — foram manifestadas nos processos. Eles revelaram os lineamentos de uma conspiração que esteve próxima do êxito, tentando derribar este governo.”

Alguns dos acusados, lutando por suas vidas, procuraram furtar-se à responsabilidade total de seus crimes, atirando a culpa sobre outros, apresentando-se como políticos sinceros, mas transviados. Outros, sem aparente emoção ou esperança de escapar da sentença de morte, relataram os negros pormenores dos assassinios “políticos” que tinham cometido, as operações de espionagem e sabotagem que tinham executado sob a direção dos S. S. militares alemão e japonês.

Na sua alegação final perante o tribunal, Bukharin, que se apresentara como o “ideólogo” da conspiração, traçou um quadro vivo das tensões íntimas e das dúvidas que, após a sua prisão, começaram a afligir muitos dos radicais de outrora que se tinham transformado em traidores e, juntamente com Trotsky, tinham conspirado com a Alemanha nazista e com o Japão contra a União Soviética. Bukharin disse:

“Eu já disse, ao dar meu depoimento neste tribunal, que não foi a simples lógica da luta que nos impeliu, a nós conspiradores contra-revolucionários, à fétida vida do subsolo, que foi exposta neste tribunal com toda a sua força. A simples lógica da luta foi acompanhada por uma degenerescência de idéias, uma degenerescência psicológica, uma degenerescência de

nós mesmos, uma degenerescência do povo. Houve exemplos históricos muito conhecidos de semelhante degenerescência. Basta mencionar Briand, Mussolini e outros. Nós também degeneramos...

Falarei agora de mim mesmo, de minhas razões para arrependêr-me. Com efeito, eu devo admitir que a prova processual desempenha um importantíssimo papel. Durante três meses eu recusei-me a dizer coisa alguma. Depois comecei a depôr. Por que? Porque durante a prisão eu fiz a recapitulação de meu passado todo. Quando a gente pergunta: "Por que morre você?" — subitamente emerge diante da gente um vazio negro perfeitamente evidente. Não haveria nada por que morrer, se se morresse impenitente... E quando a gente pergunta a si mesmo: "Muito bem, suponha que você não morre; suponha que por um milagre você deva permanecer vivo. Ainda uma vez, por que? Isolado de todos, feito inimigo do povo, numa situação inumana completamente separado do tudo o que constitui a essência da vida..." É novamente, a mesma resposta que surge. Em tais momentos, Cidadãos Juizes, tudo o que há de pessoal, toda a incrustação pessoal, todo rancor, todo orgulho e numerosas outras coisas dissipam-se, desaparecem...

Estou falando talvez pela última vez na minha vida... Posso inferir *a priori* que Trotsky e os outros meus aliados no crime, assim como a Segunda Internacional... empenhar-se-ão para nos defender, e particularmente a mim. Rejeito essa defesa... Espero o veredito."

O veredito foi anunciado na manhã de 13 de março de 1938. Todos os réus foram julgados culpados. Três deles, Pletnev, Bessonov e Rakovsky, foram sentenciados à prisão. Os demais foram sentenciados ao fuzilamento.

Três anos depois, no verão de 1941, depois da invasão nazista da URSS, Joseph E. Davies, antes embaixador americano na União Soviética, escreveu:

"Não houve a esperada "agressão interna" na Rússia cooperando com o alto comando alemão. A mar-

cha de Hitler sobre Praga foi acompanhada do apoio militar ativo das organizações de Henlein na Tcheco-Eslováquia. A mesma coisa sucedeu na invasão da Noruega. Não houve Henleins sudetos, nem Titos eslovenos, nem De Grelles belgas, nem Quislings noruegueses no solo da Rússia...

A história tinha sido contada nos chamados julgamentos de traição e no expurgo de 1937 e 1938, a que eu assisti. Rememorando êsses processos e o que observei nesta época... achei que praticamente todo processo de atividade quinta-colunista alemão, como agora se conhece, foi revelado e desnudado nas confissões de depoimentos feitos nesses julgamentos pelos "Quislings" confessos da Rússia...

Todos êsses julgamentos, expurgos e liquidações, que pareciam violentos na ocasião e que abalaram o mundo, vê-se agora de modo perfeitamente claro que faziam parte de um esforço vigoroso e decidido do governo de Stálin para proteger-se não só contra a revolução interna mas também contra o ataque de fora. Eles conseguiram limpar inteiramente e liquidar todos os traidores no interior do país. Todas as dúvidas foram resolvidas em favor do governo.

Não houve quinta-colunistas na Rússia em 1941 — tinham sido fuzilados. O expurgo limpou o país e varreu a traição."

A quinta-coluna do Eixo na Rússia Soviética já tinha sido esmagada.

CAPÍTULO XXI

ASSASSÍNIO NO MÉXICO

O principal réu de todos os três julgamentos de Moscou era um homem que estava a 5.000 milhas de distância.

Em dezembro de 1936, depois do julgamento de Zinoviev-Kamonev e da prisão de Pyatakof, Radek e outros membros dirigentes do Centro Trotskista, Trotsky foi forçado a deixar a Noruega. Ele cruzou o Atlântico e atingiu o México aos 13 de janeiro de 1937. Aí, após uma breve estada na casa de um rico artista mexicano, Diego Rivera, Trotsky montou o seu Q. G. numa vila em Coyoacan, subúrbio da Cidade do México. De Coyoacan, durante os meses seguintes, Trotsky viu esboroar-se irremediavelmente, peça por peça, sob as marteladas do governo soviético, a intrincada e poderosa quinta-coluna russa...

Aos 26 de janeiro de 1937, Trotsky fez uma declaração assinada à imprensa de Hearst nos E. U. A., acêrca do julgamento de Pyatakof e Radek. "Dentro do Partido", disse êle, "Stálin colocou-se acima de tôda crítica e acima do próprio Estado. É impossível deslocá-lo a não ser pelo assassinio."

Um comitê americano para a defesa de Leon Trotsky, arquitetado por companheiros de Trotsky nos E. U. A., mas nominalmente chefiado por socialistas anti-soviéticos, jornalistas e educadores, estabeleceu-se na cidade de Nova Iorque. O comitê incluía a princípio numerosos liberais destacados. Um dêles, Mauritz Hallgren, autor e sócio-editor do *Baltimor Sun*, retirou-se do comitê logo que viu claramente os intuits de propaganda anti-soviética do mesmo. Aos 27 de janeiro de 1937, Hallgren publicou uma declaração desligando-se do comitê que dizia em parte o seguinte:

“Estou convicto, como devo estar no caso, de que o Comitê Americano para Defesa de Leon Trotsky tornou-se, talvez não intencionalmente, um instrumento dos trotskistas para a sua política de intervenção contra a União Soviética. Diante disso, V. S. retirará o meu nome da lista de membros do comitê.”

O Comitê para a Defesa de Leon Trotsky empreendeu uma campanha de propaganda intensa para apresentar Trotsky como “o mártir e herói da Revolução Russa” e os julgamentos de Moscou como farsas de Stálin.” Um dos primeiros atos do comitê foi estabelecer uma “Comissão Preliminar de Inquérito” para “investigar acôrca das acusações feitas contra Leon Trotsky nos julgamentos de Moscou de agosto de 1936 e janeiro de 1937.” Os membros do comitê eram o idoso filósofo e educador John Dewey; o autor, Carleton Beals; o antigo membro socialista do Reichstag alemão, Otto Reuhle; o antigo radical americano e jornalista anti-soviético, Benjamin Stolberg; e a fervorosa trotskista, jornalista Susano La Follette.

Com muita fanfarra e publicidade a Comissão de Inquérito começou promovendo audiências em Coyoacan, México, aos 10 de abril. As únicas testemunhas foram Leon Trotsky e um de seus secretários, Jan Frankel, que fôra a princípio membro da guarda pessoal de Trotsky em Prinkipo, em 1930. Atuando como consultor legal em favor de Trotsky, havia o advogado americano, Albert Goldman (76.)

As audiências duraram sete dias. O “depoimento” de Trotsky, largamente divulgado na imprensa americana e européia, consistiu principalmente em violentas acusações contra Stálin e o govêrno soviético, em extravagante autolouvor do seu papel na Revolução Russa. As provas detalhadas apresentadas contra Trotsky nos julgamentos de Moscou, na sua maior parte, foram completamente ignoradas pela Comissão de Inquérito. Aos 17 de abril, Carleton Beals demitiu-se da Comissão, Beals publicou uma declaração em que dizia:

(76) Em 1 de dezembro de 1941, Albert Goldman foi acusado numa Côrte Federal em Minneapolis, Minnesota, de ter conspirado num trabalho de desmoralização do Exército e da Marinha dos E.U.A.

“A silenciosa adoração dos demais membros do comitê perante Mr. Trotsky durante as audiências acabou destruindo todo espírito de investigação honesta... Logo no primeiro dia fui informado de que as minhas perguntas eram impróprias. O interrogatório final foi organizado de maneira a impedir toda pesquisa de verdade. Eu tinha como tarefa interrogar Trotsky acerca dos seus arquivos... O interrogatório consistiu em acusações de propaganda que Trotsky declamou com eloqüência, em acusações violentas, com esforços muito raros para provar as suas asserções. A comissão pode entregar ao público a sua peça, se quiser, mas eu não emprestarei o meu nome a essa infantilidade, no caso de ser cometida.”

Sob os auspícios do Comitê Americano para Defesa de Leon Trotsky, iniciou-se uma campanha para trazer Trotsky aos E.U.A. Livros, artigos e declarações de Trotsky circularam largamente nos E.U.A., enquanto que a verdade sobre os julgamentos de Moscou permanecia engavetada nos arquivos do Departamento do Estado ou nas mentes dos correspondentes de Moscou que acreditavam, como Walter Duranty escreveu mais tarde, na “extrema relutância dos leitores americanos para ouvirem algo de honesto sobre a Rússia.” (77.)

No México, assim como na Turquia, na França e Noruega como em toda parte em que esteve, Trotsky reuniu

(77) Trotsky ofereceu várias explicações, para as confissões feitas nos julgamentos pelos seus antigos e íntimos amigos, lugar-tenentes e aliados. A princípio, ele explicou o julgamento de Zinoviev e Kamenev declarando que o governo soviético prometera poupar as vidas dos réus com a condição destes fazerem acusações falsas contra ele, Trotsky. “É isso um mínimo a que a OGPU não poderia renunciar”, escreveu Trotsky — ela dará às suas vítimas uma chave para recuperar as suas vidas com as condições de obter esse mínimo.” Depois do fuzilamento de Zinoviev e Kamenev e seus cúmplices do Centro Terrorista Trotskyista-Zinovievista, Trotsky declarou que eles tinham sido enganados. Mas essa explicação tornou-se desesperadamente inadequada quando Pyatakof, Radek e outros acusados no segundo julgamento de Moscou, também confessaram-se culpados e fizeram declarações ainda mais desconcertantes. Então Trotsky afirmou que o depoimento dos acusados era o produto de misteriosas e requintadas torturas, de drogas poderosas. Ele escreveu: “Os julgamentos da OGPU têm um caráter inteiramente

rapidamente em torno de si uma roda de discípulos, aventureiros e guardas armados. E novamente, começou a viver numa atmosfera fantástica de intriga.

A vila de Coyoacan em que estava o quartel-general de Trotsky fôra transformada numa verdadeira fortaleza. Cercava-a um muro de 20 pés de altura. Nos torreões, aos quatro cantos havia sentinelas armadas de fuzis embalados, vigiando noite e dia. Além do que, havia uma unidade da polícia mexicana especialmente destacada para a proteção do exterior da vila, e guarda-costas armados de Trotsky que patrulhavam incessantemente o seu quartel-general. Tôdas as visitas tinham de apresentar a sua identidade, eram submetidas a investigações mais rigorosas do que nos postos de fronteira. Seus passes eram assinados e contra-assinados. Admitido através dos portões do muro alto, eram revistados antes de entrarem na vila propriamente dita.

Dentro, a atmosfera era de tenso atividade. Havia um pessoal considerável que trabalhava dando instruções ou executando tarefas recebidas do chefe. Secretários especiais preparavam propaganda anti-soviética, proclamações de Trotsky, artigos, livros e comunicações secretas em russo, alemão e francês, espanhol e inglês. Como em Prinkipo, Paris e Oslo, muitos dos "secretários" de Trotsky levavam pistolas à cintura — era o mesmo ambiente de intriga e mistério cercado o conspirador anti-soviético.

inquisitorial: é êsso o segredo das confissões!... Talvez haja no mundo pessoas capazes de suportar tôdas as modalidades de torturas, físicas e morais, infligidas contra si mesmas, contra suas espôsas e filhos. Eu não as conheço..."

Num artigo Trotsky descrevia os réus nos julgamentos como homens de "caráter nobre", ardentes, sinceros "velhos bolcheviques" que tinham tomado o atalho da oposição por causa de Stálin ter "traído a revolução", e, conseqüentemente, foram liquidados por Stálin. Em outro artigo, Trotsky denunciaria violentamente Pyatakov, Radek, Bukharin e outros como "caracteres desprezíveis", homens de "vontade fraca", e "títeres de Stálin."

Finalmente, em resposta à pergunta, por que, se não eram culpados, os revolucionários veteranos teriam feito tais declarações, sem se terem aproveitado do julgamento público para se proclamarem inocentes, Trotsky declarou nas audiências do México em 1937: "Pela natureza da causa, não sou obrigado a responder a essas perguntas!"

A correspondência era volumosa, e chegava ao Q. G. mexicano de tôdas as partes do mundo. Não poucas vêzes exigia tratamento químico, porque as cartas vinham escritas em tinta invisível entre inócuas linhas visíveis. Havia copiosa correspondência telegráfica e cabográfica com a Europa, Ásia e os Estados Unidos. Uma onda interminável de jornalistas, celebridades, políticos, misteriosos visitantes incógnitos, vinham entrevistar-se com o líder "revolucionário" do movimento anti-soviético. Havia delegações freqüentes de trotskistas estrangeiros — trotskistas franceses, trotskistas americanos, trotskistas hindus, trotskistas chineses, agentes do POUM espanhol.

Trotsky recebia os seus visitantes com o ar de um dós-pota no poder. A jornalista americana Betty Kirk, que entrevistou Trotsky no México e o fotografou para a revista *Life*, descreveu a sua maneira histriã e ditatorial:

"Trotsky olhou para o seu relógio e disse autocráticamente que nos daria exatamente oito minutos. Ao dar ordens ao seu secretário russo, gritou contra a lerdeza dêle. Mandou também a Bernard Wolfe, seu secretário norte-americano, que se sentasse, o enquanto Wolfe atravessava a sala, Trotsky bateu com o lápis no canto da mesa, exclamando: "Depressa, não perca tempo!"

Da vila fortificada de Coyoacan, Trotsky dirigia a sua organização anti-soviética mundial, a IV Internacional. Na Europa, Ásia, América do Norte e do Sul existiam íntimas ligações entre a IV Internacional e a rêde da quinta-coluna do Eixo:

"*Na Tcheco-Eslováquia:* Os trotskistas trabalhavam em colaboração com o agente nazista Konrad Henlein e seu partido de sudetos alemães. Sergei Bessonov, portador trotskista que fôra conselheiro na embaixada soviética em Berlim, testemunhou quando em julgamento em 1938 que, no verão de 1935, estabelecera ligações em Praga com Konrad Henlein. Bessonov afirmou que êle pessoalmente atuara como intermediário entre o grupo de Henlein e Leon Trotsky."

Na França: Jacques Doriot, agente nazista e fundador do Partido Popular Fascista, foi um renegado comunista e trotskista. Doriot trabalhou intimamente, como fizeram outros agentes nazistas e fascistas franceses, com a secção francesa da IV Internacional Trotskista.

Na Espanha: Os trotskistas insinuaram-se nas fileiras do POUM, organização quinta-colunista que vinha ajudando o levante fascista de Franco. O chefe do POUM era Andreas Nin, antigo amigo e aliado de Trotsky.

Na China: Os trotskistas vinham operando sob a supervisão direta do S. S. militar japonês. Seu trabalho era muito bem visto pelos oficiais dirigentes do S. S. japonês. O chefe do serviço japonês de espionagem em Peipim declarou em 1937: "Apoiaremos o grupo dos trotskistas e promoveremos o seu êxito, de sorte que a sua atividade em todos os recantos da China possa trazer proveito e benefício ao império, contra aqueles chineses que são perniciosos à unidade do país. Eles trabalham com extraordinária habilidade."

No Japão: Os trotskistas eram denominados "o cérebro do serviço secreto." Eles instruíram agentes secretos japoneses em escolas especiais acêrca da técnica de penetração no Partido Comunista na Rússia Soviética e de combate às atividades antifascistas na China e no Japão.

Na Suécia: Nils Hyg, um dos dirigentes trotskistas, recebera subsídio financeiro de um financista e tratante pró-nazi, Ivar Kreuger. As provas dos subsídios de Kreuger ao movimento trotskista foram publicadas depois do suicídio de Kreuger, quando os auditores encontraram entre os seus documentos, recibos de tôda sorte de aventureiros políticos, inclusive Adolfo Hitler.

"Em todo o mundo, os trotskistas tinham-se transformado em instrumentos pelos quais os S. S. do Eixo

conseguiram penetrar nos movimentos liberais, radicais e laboristas, desvirtuando-os em seu favor." (78.)

A *débacle* final da quinta-coluna russa no julgamento do Bloco das Direitas e Trotskistas em Moscou foi um tremendo golpe em Trotsky. Uma nota de desespero e histeria começou a dominar em todos os seus escritos. Sua propaganda contra a União Soviética tornava-se cada vez mais atrevida, contraditória e extravagante. Ele falava incessantemente de sua "retidão histórica." Seus ataques contra Stálin perderam toda aparência de razão. Escrevia artigos assegurando que o líder soviético achava um prazer sádico em "atirar fumaça" no rosto de crianças. Cada vez mais seu ódio pessoal contra Stálin foi tornando-se a força dominadora da vida de Trotsky. Pôs

(78) Mesmo depois da morte de Trotsky, a IV Internacional continuou desenvolvendo as suas atividades de quinta-coluna. Na Grã-Bretanha em abril de 1944, a Scotland Yard e oficiais da polícia deram buscas nos quartéis-generais trotskistas em Londres, Glasgow, Wallsend e Nottingham, depois de descobrirem que os trotskistas vinham fomentando greves em todo o país, tentando quebrar o esforço de guerra britânico.

Nos E.U.A., a 1 de dezembro de 1941, dezoito trotskistas americanos influentes foram julgados num Tribunal Distrital Federal em Minneapolis, por conspirarem contra a lealdade e disciplina dos soldados e marinheiros americanos.

Acusados juntamente com o advogado do Trotsky, Albert Goldman, foram James P. Cannon, secretário nacional do Partido Socialista de Trabalhadores (nome sob o qual operava o movimento do Trotsky nos E.U.A.); Felix Marrow, editor do jornal trotskista, o *Militante*; Jake Cooper, um dos antigos guarda-costas do Trotsky no México; mais quatorze membros dirigentes do movimento trotskista americano. Foram sentenciados à prisão de um ano e um dia até dezessete meses.

Grant Dunne, um dos principais trotskistas no movimento laborista americano, nomeado no julgamento federal, suicidou-se três semanas antes do começo do julgamento.

Em março de 1943 o órgão trotskista, o *Militante*, foi privado do correio nos E.U.A. sob a alegação de que a publicação vinha tentando "embaraçar e derrotar o governo no seu esforço para levar a guerra a bom termo." Depois de uma investigação no *Militante*, o Departamento de Justiça publicou uma declaração que dizia: "Desde 7 de dezembro de 1941, essa publicação desencorajou abertamente a participação das massas populares na guerra... As colunas do jornal incluem irrisão da democracia... e outras matérias... que parecem calculadas para engendrar oposição ao esforço de guerra, assim como para abater o ânimo das forças armadas.

seus secretários trabalhando em uma *Vida de Stálin*, um vitupério maciço de 1.000 páginas (79.)

Em 1939, Trotsky estêve em contacto com o Comitê do Congresso chefiado pelo representante Martin Dies do Texas. O comitê, fundado para investigar sôbre atividades anti-americanas, tornara-se um forum de propaganda anti-soviética. Trotsky foi abordado por agentes do Comitê Dies e convidado a depôr como "testemunha idônea" sôbre a ameaça de Moscou. Foi citada uma declaração de Trotsky no *New York Times* de 8 de dezembro de 1939, em que êle considerava seu dever político depôr perante o Comitê Dies. Discutiram-se projetos para a vinda de Trotsky aos E.U.A. O projeto, entretanto, *fracassou*.

O correspondente americano no estrangeiro, Paul Ghali do *Chicago Daily News*, relatou da Suíça aos 28 de setembro de 1944, que Heinrich Himmler, chefe da Gestapo, se estava utilizando dos trotskistas europeus como parte de uma intriga e sabotagem nazista subterrânea do pós-guerra. Ghali relatou que a juventude fascista estava sendo treinada no "marxismo" trotskista, suprida com documentos falsos e armas e colocadas atrás das linhas aliadas com a ordem de infiltrar-se nos Partidos Comunistas nas áreas libertadas. Na França, revelou Ghali, membros da milícia fascista de Joseph Darnand estavam sendo armados pelos nazistas para atividades de terrorismo e quinta-colunismo no pós-guerra. "Essa osecumalha da população francesa", acrescentava o relato de Ghali, "está sendo treinada para a atividade bolchevique na tradição da Internacional de Trotsky sob as ordens pessoais de Heinrich Himmler. Seu trabalho é sabotar linhas de comunicação aliadas e assassinar políticos franceses degaullistas. Eles estão sendo instruídos para dizer aos seus concidadãos que o Sovietero atual representa apenas uma deformação burguesa dos princípios originais de Lênin e que chegou o tempo de voltar a proclamar a ideologia bolchevique. Essa formação do grupos de terroristas vermelhos é a mais recente política de Himmler, disposta a criar uma quarta internacional amplamente contaminada de germes nazistas. Destina-se contra os britânicos, americanos e russos, particularmente contra êstes."

(79) Os amigos de Trotsky nos E.U.A. empenharam-se para conseguir que uma editôra de Nova Iorque, com reputação de conservadora e íntegra, publicasse êsse livro. Embora o livro já estivesse no prelo, os editôres de Nova Iorque decidiram-se no último momento a não distribuir a obra. Os poucos exemplares já espalhados foram retirados da circulação. Trechos do livro já tinham sido previamente publicados em artigos de Trotsky. O último artigo para ser publicado antes de sua morte, apareceu em agosto de 1940, na revista *Liberty*. O artigo intitulava-se "Teria Stálin envenenado Lênin!"

Em setembro de 1939, um agente trotskista europeu, viajando sob o nome de Frank Jacson, chegou aos E.U.A. no vapor francês *Ile de France* (80.) Jacson fôra recrutado para o movimento por uma trotskista americana, Sílvia Ageloff, quando ainda estudante na Sorbona em Paris. Em 1939 êle foi procurado em Paris por um representante do *bureau* secreto da IV Internacional, que lhe comunicou que tinha de seguir para o México, para trabalhar como um dos "secretários" de Trotsky. Foi-lhe dado um passaporte que originariamente pertencera a um cidadão canadense, Tony Babich, membro do exército republicano espanhol, morto pelos fascistas na Espanha. Os trotskistas tinham conseguido o passaporte de Babich, tiraram a sua fotografia e inseriram a de Jacson no seu lugar.

À sua chegada em Nova Iorque, Jacson encontrou Sílvia Ageloff e outros trotskistas, os quais o tomaram e o levaram para Coyoacan, onde êle trabalharia com Trotsky. Posteriormente Jacson informou a polícia mexicana:

"Trotsky estava para me enviar à Rússia com o objetivo de organizar um novo estado de coisas na URSS. Disse-me que eu tinha de ir a Xangai, encontrar-me com outros agentes e juntamente com êles eu teria de cruzar o Manchucuo e chegar à Rússia. Nossa tarefa seria semear desânimo no Exército Vermelho, cometer atos de sabotagem em fábricas e indústrias de armamento."

Jacson não exerceu nunca a sua missão terrorista na União Soviética. Até que numa tarde de 20 de agosto de 1940, na vila fortemente protegida de Coyoacan, Jacson assassinou o seu líder, Leon Trotsky, esmagando-lhe a cabeça com uma picareta.

Prêso pela polícia mexicana, Jacson disse que desejava casar-se com Sílvia Ageloff, e que Trotsky proibira o casamento. Uma violenta disputa, envolvendo a moça, irrompeu

(80) O nome real de Frank Jacson era Jacques Mornard van den Dresche. Entre os outros pseudônimos dêle poder-se-iam citar os de Léon Jacome e Léon Haikys.

entre os dois homens. "Por amor dela", disse Jacson, "eu me decidira a sacrificar-me inteiramente."

Em declarações posteriores, Jacson disse:

"... em vez de achar diante de mim um chefe político dirigindo a luta de libertação da classe operária, eu me encontrei diante de um homem que não desejava outra coisa senão satisfazer as suas necessidades e desejos de vingança e de ódio, e que não se utilizava da luta dos trabalhadores a não ser para ocultar a sua poquenez e seus cálculos inconfessáveis.

... quanto à sua casa, que êle dizia muito bem ter sido convertida numa fortaleza, eu perguntei várias vezes a mim mesmo de onde teria vindo o dinheiro para aquelas obras... Talvez o cônsul de uma grande nação ostrangeira que o visitava frequentemente pudesse dar-nos uma resposta a essa pergunta.

Foi Trotsky quem destruiu a minha natureza, o meu futuro e tôdas as minhas afeições. Ele converteu-me num homem sem nome, sem pátria, num seu instrumento. Fiquei às cegas... Trotsky amarrotou-me em suas mãos como a uma fôlha de papel."

A morte de Leon Trotsky deixava um só candidato vivo para o papel de Napoleão na Rússia: Adolfo Hitler.

Comunidade Josef Stálin

<http://www.comunidade Stalin.blogspot.com>

E-Mail - comunidade Stalin@hotmail.com

